

**UNIVERSIDADE DO PLANALTO CATARINENSE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM EDUCAÇÃO
MESTRADO ACADÊMICO EM EDUCAÇÃO**

LIGIA DA SILVA MARTINS

**EDUCAÇÃO AMBIENTAL E ARTE: RELAÇÃO POSSÍVEL
NA FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES DE ARTES VISUAIS NA
UNIVERSIDADE DO CONTESTADO — CURITIBANOS (SC)**

**LAGES
2012**

LIGIA DA SILVA MARTINS

**EDUCAÇÃO AMBIENTAL E ARTE: RELAÇÃO POSSÍVEL
NA FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES DE ARTES VISUAIS NA
UNIVERSIDADE DO CONTESTADO — CURITIBANOS (SC)**

Dissertação apresentada no Programa de Pós-Graduação, *stricto sensu*, Mestrado Acadêmico em Educação, da Universidade do Planalto Catarinense — UNIPLAC, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.
Orientadora: Prof^a. Dra. Lucia Ceccato de Lima.
Coorientadora: Prof^a. Dra. Carmen Lucia Fornari Diez.

**LAGES
2012**

Ficha Catalográfica

Martins, Ligia da Silva.

M379e Educação ambiental e arte: relação possível na formação inicial de professores de artes visuais na Universidade do

Contestado – Curitiba (SC) / Ligia da Silva Martins. --

Lages (SC), 2012.

134f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade do Planalto

Catarinense. Programa de Mestrado em Educação da Universidade do Planalto Catarinense.

Orientadora: Lucia Ceccato de Lima.

Coorientadora: Carmen Lucia Fornari Diez.

1. Educação ambiental. 2. Arte na educação. 3. Professores - formação. I. Lima, Lucia Ceccato de. II. Diez, Carmen Lucia Fornari. III. Título.

CDD 372.5

Ligia da Silva Martins

**EDUCAÇÃO AMBIENTAL E ARTE: RELAÇÃO POSSÍVEL
NA FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES DE ARTES VISUAIS NA
UNIVERSIDADE DO CONTESTADO - CURITIBANOS (SC)**

Dissertação apresentada no Programa de Pós-Graduação, *stricto sensu*, Mestrado Acadêmico em Educação, da Universidade do Planalto Catarinense — UNIPLAC, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Aprovado em:

Banca Examinadora:

Prof^a. Dra. Lucia Ceccato de Lima (PPGE/UNIPLAC) — Orientadora

Prof^a. Dra. Carmen Lucia Fornari Diez (PPGE/UNIPLAC) — Coorientadora

Prof^a. Dra. Paola Basso Menna Barreto Gomes Zordan (PPGE/UFRGS) —
Avaliadora externa

Prof. Dr. Joviles Vítório Trevisol (IFFS) — Avaliador externo

Prof^a Dra. Marina P. Arruda (PPGE/UNIPLAC) — Avaliadora interna

Prof^o Nilson Tomé (PPGE/UNIPLAC)

*Dedico este trabalho ao Fernando,
por ajudar-me a ser quem sou,
aos meus filhos Paula e Thiago
pela compreensão e o carinho
e principalmente a Mãe Terra
por seus ensinamentos.*

AGRADECIMENTOS

*À Professora e orientadora, Dra Lucia Ceccato de Lima,
pela competência acadêmica com que orientou este trabalho e pela amizade,
dedicação, incentivo, valorização, otimismo, pelos desafios e
por todos os momentos compartilhados, Obrigada!*

*À Professora Coorientadora Carmen Lucia Fornari Diez
pelo incentivo e contribuições.*

*Aos colegas de mestrado, professores e funcionários
do Programa de Pós-Graduação em Educação da Uniplac, pela amizade e
socialização de saberes ao longo do curso.*

*Aos professores componentes da Banca Examinadora por
suas contribuições e orientações.*

*Agradeço as estudantes do curso de Artes Visuais da Universidade do
Contestado pela participação e por serem sujeitos da pesquisa.
À Lita que esteve presente no dia a dia de nosso lar com seu carinho e apoio.*

*Ao meu esposo Fernando, e aos filhos Paula e Thiago,
por estarem ao meu lado em todos os momentos de minha vida.*

Carta da Terra, Preâmbulo

*Estamos diante de um momento crítico
na história da Terra, numa época em que a
humanidade deve escolher o seu futuro.*

*À medida que o mundo torna-se cada vez
mais independente e frágil, o futuro enfrenta,
ao mesmo tempo, grandes perigos e grandes promessas.*

*Para seguir adiante, devemos reconhecer que,
no meio de uma magnífica diversidade de
culturas e formas de vida, somos uma família
humana e uma comunidade terrestre
com destino comum.*

*Devemos somar forças para gerar uma
sociedade sustentável global baseada no
respeito pela natureza, nos direitos humanos universais,
na justiça econômica e numa cultura da paz.*

*Para chegar a esse propósito, é imperativo que,
nós, os povos da terra, declaremos nossa
responsabilidade uns para com os outros,
com a grande comunidade da vida, e com as futuras gerações*

RESUMO

A dissertação apresenta como objetivo analisar a relação da Educação Ambiental com a Arte na formação inicial de professores do curso de Licenciatura em Artes Visuais na Universidade do Contestado — UnC em Curitiba (SC). Verificar a relevância da Educação Ambiental na formação inicial dos professores do curso de Artes Visuais; identificar se e como ocorre a relação da Educação Ambiental na formação inicial dos professores do curso de Artes Visuais; relacionar a educação ambiental e a arte como estratégia para compreensão da estética ambiental como parte intrínseca à formação humana. Buscou-se relacionar as categorias Educação Ambiental, Arte e Formação de Professores, na busca de articulá-las como formadoras de práticas ambientalistas e buscadoras de uma consciência ecológica para o cuidado com o meio ambiente. O referencial teórico da pesquisa foi buscado na epistemologia de expoentes que teoricamente investigaram e refletiram sobre as seguintes categorias: Formação de Professores, Educação Ambiental e Arte, permeadas por Educação, Ambiente e Estética. Para atingir os objetivos propostos, realizou-se um estudo de caso com a participação voluntária de oito acadêmicas da 5ª fase do referido curso. A metodologia utilizada foi a do grupo focal, desenvolvido com um roteiro organizado em três momentos: Roteiro de Questões, Leitura de Imagens e Produção Artística. Detectou-se que as estudantes do curso de Artes Visuais, na Universidade do Contestado, relacionam a Arte e Educação Ambiental por meio de práticas pedagógicas realizadas nas escolas onde atuam, na articulação entre as obras de grandes mestres e as questões ambientais e sociais, no entendimento de conceitos pertinentes ao tema e na formação continuada. Porém, no curso de Licenciatura em Artes Visuais, a formação ainda não se mostra como condição ideal de formação universitária para o exercício de uma ação pedagógica efetiva com vistas à ampliação dos saberes sobre a Educação Ambiental. Assim, conclui-se que a Educação Ambiental ainda ocorre de maneira fragmentada e que há muito o que construir nos cursos de licenciatura e na formação inicial e continuada dos professores, considerando a complexidade que envolve os processos e as relações sócioambientais.

Palavras-Chave: Educação Ambiental. Arte. Formação Inicial de Professores.

ABSTRACT

This Job presents, as its main objective, to analyse the relation between Ambiental Education and Art in the initial formation of teachers at the Visual Arts graduation at the Contestado University — UnC located in Curitiba (SC). Verify the relevance of studying Ambiental Education at the initial formation of the professors graduating in Visual Arts; identify if and how the relation between Ambiental Education and the initial formation of new teachers of Visual Arts occurs; relate ambiental education and art as a strategy to comprehend ambiental aesthetics as an intrinsic part of the human formation. To relate the categories Ambiental Education, Art and the Formation of Teachers, in way to articulate them as the formators of the ambientalist practice and researchers for an ecologic consciousness and care with the environment itself. The theoretical referential was searched at the epistemology of exponents, that theoretically investigated and reflected about the categories listed: Teacher's Formationship, Ambiental Education and Art, Ambient and Aesthetics. To achieve the proposed goals, a case study was realized with the voluntary participation of eight academics for the fifth fase of the referred class. The methodology used was the focal group method, developed with a script organized in three different moments: Question Script, Image Reading and Artistic Production. The students of the Visual Arts class, at the University of Contestado, were detected to relate Art and education through pedagogical ways, at the school centers where they act, at the articulation between works of the great masters and the social and ambiental problems, at the understanding of concepts related to the topic and at their continued formation. But, in the graduation in Visual Arts class the formation don't yet shows as an ideal condition to the university formation to the exercise of an effective pedagogical for further amplification of knowledge about Ambiental Education. This way, it is concluded that the Ambiental Education still occurs as a fragmented way, and that is much yet to construct in the classes of graduation and at the initial formation and continued formation of the teachers, considering the complexity that surrounds of the processes and the socio-ambiental relationships.

Key-Words: Ambiental Education. Art. Initial Formation of Teachers

LISTA DE SIGLAS

EA - Educação Ambiental
CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEI - Centro de Educação Infantil
CEP - Comitê de Ética em Pesquisa
CES - Câmara de Educação Superior
CNE - Conselho Nacional de Educação
CNUMAD - Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento
COINCO - Consórcio Intermunicipal do Contestado
DBAE - *Discipline Based Art Education*
DCN - Diretrizes Curriculares Nacionais
DCN/EA - Diretrizes Curriculares Nacionais de Educação Ambiental
DNA - Ácido Desoxirribonucleico
EUA - Estados Unidos da América
FMI - Fundo Monetário Internacional
IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IES - Instituição de Ensino Superior
LDBN - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
ONG - Organizações Não Governamentais
ONU - Organização das Nações Unidas
PARFOR - Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica
PCN - Parâmetros Curriculares Nacionais
PCSC - Proposta Curricular de Santa Catarina
PNUMA - Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente
PPGE - Programa de Mestrado em Educação
PRONEA - Programa Nacional de Educação Ambiental
SC - Santa Catarina
TECLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UCS - Universidade de Caxias do Sul
UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina
UnC - Universidade do Contestado
UNESCO - Organização das Nações Unidas para Educação, a Ciência e a Cultura

UNIPLAC - Universidade do Planalto Catarinense

URSS - União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 — Síntese da Pesquisa.....	72
Quadro 2 — Produção Artística sobre o Meio Ambiente — Instrumento de Pesquisa.....	75
Quadro 3 — Participantes do Grupo Focal do Curso de Artes Visuais — Parfor.....	78
Quadro 4 — Síntese do Resultado da Pesquisa Grupo Focal	79

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 — Entre-ljuís (2011).....	15
Figura 2 —Tema da Dissertação.....	18
Figura 3 — O Pensador (1902)	25
Figura 4 — Escola de Atenas (1510-11)	45
Figura 5 — Seven Trees	58
Figura 6 — Sem nome	68
Figura 4 do apêndice E — Produção Artística.....	98

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1 EDUCAÇÃO TRANSFORMADORA E EDUCAÇÃO AMBIENTAL: DESAFIOS E IMPLICAÇÕES	25
1.1 EDUCAÇÃO TRANSFORMADORA.....	25
1.2 A EDUCAÇÃO AMBIENTAL	32
2 ENSINO DA ARTE E FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES: DESAFIOS E IMPLICAÇÕES	45
2.1 O ENSINO DA ARTE	45
2.2 FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES	51
3 A ARTE E A ESTÉTICA AMBIENTAL: DESAFIOS E IMPLICAÇÕES.....	58
3.1 A ARTE	58
3.2 A ARTE COMO ESTRATÉGIA PARA COMPREENSÃO DA ESTÉTICA AMBIENTAL.....	62
4 CAMINHOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA.....	68
4.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA	68
4.2 CONTEXTUALIZAÇÃO DA REALIDADE INVESTIGADA.....	70
4.3 DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA	72
4.3.1 Grupo Focal.....	72
4.3.2 Composição do Grupo Focal.....	73
4.3.3 Encaminhamentos Metodológicos — Grupo Focal	74
4.3.4 Local das Sessões do Grupo Focal e Registro das Interações	76
4.3.5 Aspectos Éticos.....	76
5 RESULTADOS E DISCUSSÃO	77
5.1 MEIO AMBIENTE E EVIDÊNCIAS DA RELAÇÃO ENTRE EDUCAÇÃO AMBIENTAL E ARTE	81
5.2 QUESTÕES SOCIAIS.....	84
5.3 INTERDISCIPLINARIDADE	86
5.4 CULTURA VISUAL E A FORMAÇÃO DO PROFESSOR.....	87
5.5 SUSTENTABILIDADE	89
5.6 ESTÉTICA.....	92
5.7 BIOCENTRISMO E ANTROPOCENTRISMO	96

CONSIDERAÇÕES FINAIS	100
REFERÊNCIAS.....	104
APÊNDICES	112

INTRODUÇÃO

Figura 1 — Entre-ljuís (2011)



A sustentabilidade não é uma propriedade individual, mas uma teia completa de relacionamentos.
Fritjof Capra

Fonte: bienalmercosul (2012)

No início do século XXI, a crise ambiental é preocupação de grande parte da sociedade mundial, não é uma questão isolada, articula dimensões econômicas, políticas, jurídicas, culturais, éticas e sociais e, por isso, é tanto difícil ser discutida, quanto ser solucionada.

A evolução do processo produtivo, em nossa sociedade, sempre esteve permeada pelo paradigma de expropriação dos recursos naturais em prol dos interesses materiais de uma minoria. Isso acontece desde a idade média, evoluindo e passando por mudanças rápidas se pensarmos em termos de tempo e desenvolvimento das diferentes sociedades que compõem o planeta. Giddens (1991, p. 8) em sua análise sobre a modernidade, oferece-nos a possibilidade de compreender o mundo em que vivemos, “[...] refere-se a estilo, costume de vida ou organização social que emergiram na Europa, a partir do século XVII, e que ulteriormente se tornaram mais ou menos mundiais em sua influência”, ou seja, o avanço das ciências, das tecnologias e da mundialização do mercado, estabelece um novo perfil de sociedade. O filósofo Frances René Descartes (1596 - 1650) construiu os fundamentos da racionalidade moderna no “Discurso do Método” no qual estabeleceu as condições gerais e as bases matemáticas a que se devem subordinar toda e qualquer investigação científica. A realidade das ideias claras e distintas, que Descartes apresentou a partir do método da dúvida e da evidência,

transformou o mundo em algo que pode ser quantificado e representou importante ruptura com modelos anteriores. A modernização substituiu as formas de sociedades tradicionais e impulsionou o mundo para o atual modelo de desenvolvimento, com isso o ser humano distancia-se cada vez mais da natureza e a usa em benefício próprio.

Embora ocorram catástrofes cotidianamente como reflexo do não cuidado com o planeta, percebe-se por outro lado que existem manifestações para melhoria da qualidade de vida na terra, por exemplo: as Organizações Não Governamentais (ONGs), foruns de desenvolvimento sustentável entre tantos outros.

Um dos caminhos possíveis para atingir bons resultados é a Educação Ambiental (EA), que segundo Guimarães (1995, p. 9), “[...] apresenta uma nova dimensão a ser incorporada ao processo educacional, trazendo a recente discussão sobre questões ambientais, e as consequentes transformações de conhecimento, valores e atitudes diante de uma nova realidade a ser construída”.

De acordo com o Programa Nacional de Educação Ambiental (PRONEA/2005), as discussões sobre Educação Ambiental surgem desde meados de 1960 e se observa que, no decorrer do tempo, ganhou relevância no planeta, no Brasil e no mundo acadêmico.

O tema chega às escolas instituído pelo Ministério da Educação que apresenta em sua proposta de Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) a Educação Ambiental como um tema transversal no currículo escolar. No Estado de Santa Catarina, no ano de 1998, foi elaborada a Proposta Curricular de Santa Catarina (PCSC), temas multidisciplinares, que incluiu a discussão da Educação Ambiental. Nas universidades, o assunto está inserido em alguns cursos de graduação e de pós-graduação. A Lei 9795/99, que institui a Política Nacional de Educação Ambiental, dispõe sobre a necessidade da educação formal e não formal. Entretanto, há muitos questionamentos sobre a qualidade do ensino de Educação Ambiental em todos os níveis.

Isto posto, com indicação de algumas políticas públicas de Educação Ambiental vigente, como Lei 9795/99, PCNs/1998, PCSC/1998, o PRONEA, DCN/EA, fica evidenciado a existência dessas políticas e as aspirações na implantação das mesmas.

Compreende-se que uma boa formação universitária possibilitará ao acadêmico pensar criticamente sobre os acontecimentos a sua volta e no mundo.

Importante ressaltar que para atingir bons resultados em sua formação em Educação Ambiental é necessário amadurecimento teórico e, como afirma Freire, (1980) “leitura de mundo” e da “palavra” para ler significativamente o contexto em que vive, utilizando seu saber para uma maior consciência do lugar do homem no planeta. Destarte, o profissional assim formado estaria apto para desenvolver um trabalho relevante na escola, com seus estudantes e na comunidade.

Como diz Pimenta (2004, p.15), ser professor requer “[...] competência do conhecimento, de sensibilidade ética e de consciência política”. Ainda afirma que “[...] o sujeito da ação política é aquele capaz de identificar problemas e participar dos destinos e decisões que afetam seu campo de existência individual e coletivo”.

Considerando o exposto, destaca-se a formação do professor de Artes Visuais como profissional importante para preparar estudantes capazes de agir criticamente na sociedade. O curso de Artes Visuais está vinculado ao mundo das imagens, da sensibilidade, percepção expressão, observação, estética e por que não dizer ética, como afirma Nunes (2011, p. 89), “[...] é revelando as possibilidades da consciência moral e não adotando uma moral, que a arte cumpre a finalidade ética”. A arte, vista dessa forma, auxilia no crescimento pessoal dos professores, estudantes e comunidade, enquanto componente curricular que pode ir além de procedimentos estéticos visuais.

Barbosa (2002, p. 18) considera a Arte-Educação

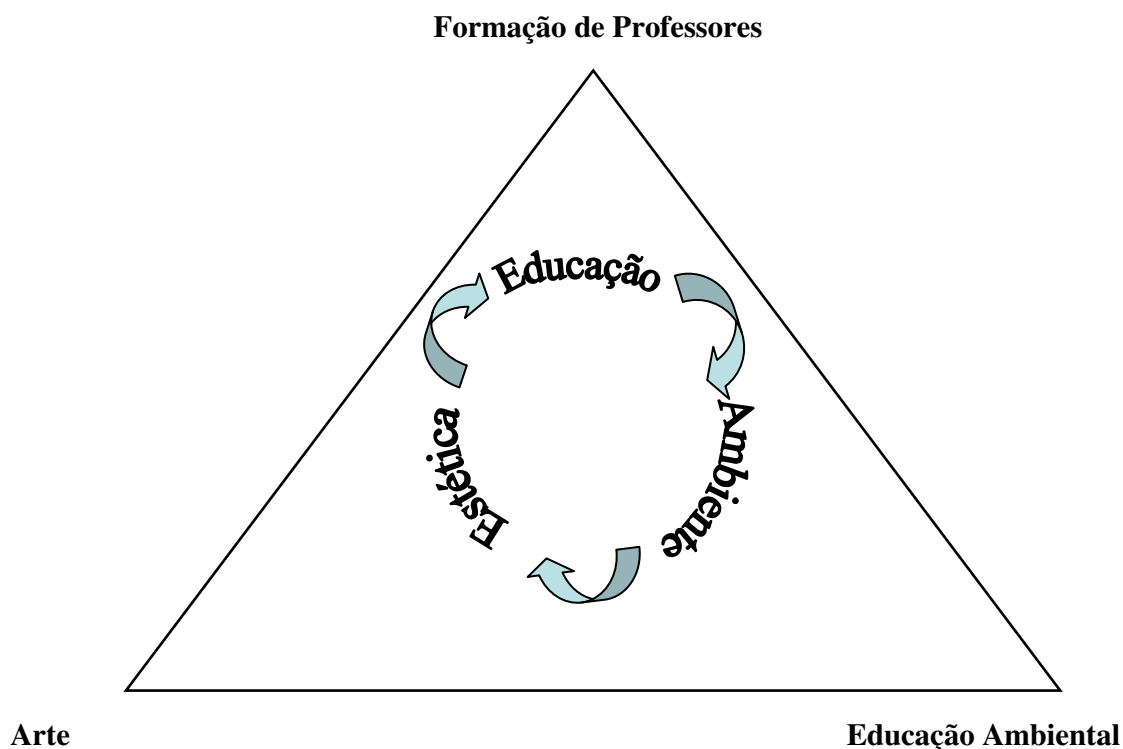
[...] como expressão pessoal e como cultura é um instrumento para a identificação cultural e o desenvolvimento individual. Por meio da arte é possível desenvolver a percepção, a imaginação, apreender a realidade do meio ambiente, desenvolver a capacidade crítica, permitindo ao indivíduo analisar a realidade percebida e desenvolver a criatividade de maneira a mudar a realidade que foi analisada.

Como se nota, a Arte-Educação proporciona uma contribuição ampla para formar estudantes que valorizem e preservem o meio ambiente.

De acordo com o que foi apresentado até o momento, as categorias que fazem parte do tema são as seguintes: Formação de Professores, Educação Ambiental, Arte, Educação, Ambiente e Estética.

Desse modo o modelo de síntese do trabalho pode ser representado graficamente da seguinte forma:

Figura 2 —Tema da Dissertação



Fonte: Martins (2012)

Educação Ambiental e Arte: relação possível na formação inicial de professores no curso de Artes Visuais na Universidade do Contestado – UnC Curitiba (SC) é, então, o tema desta pesquisa. Mas, por que usar a palavra “relação” no título? Um dos argumentos está nas reflexões de Coimbra (2002, p. 207) “A relação assume papel decisivo na estruturação do mundo. Graças a ela, em todos os tempos, os homens se deram conta da profunda unidade existente no Universo, apesar de toda a multiformidade que nele se constata.” Nesta tríade que propomos no trabalho, existe um vínculo possível na busca de melhorar a relação homem e natureza, por meio da educação e da arte.

Um dos aspectos motivadores para a realização desta dissertação, foi a experiência formativa dessa autora, no desenvolvimento de um projeto chamado “Veja, Reaja e Proteja” no ano de 2010, na cidade de Curitiba, no Colégio Maria Imaculada, com estudantes do 1º ano do Ensino Médio, sobre Arte Contemporânea. As linguagens artísticas escolhidas para o projeto foram as seguintes: fotografia, Arte Performática “Um evento montado para apresentar o artista falando, cantando

ou dançando, a arte performática exige que o artista use o corpo diante de um público” (STRICKLAND, 2001, p. 179), e *Land Art*, “[...] também conhecida como *Earth Art* ou *Earthwork* é o tipo de arte em que o terreno natural, em vez de prover o ambiente para uma obra de arte, é ele próprio trabalhado de modo a integrar-se à obra” (LAND ART ...2012, p. 1). Após a apresentação dos trabalhos no Colégio, os três grupos de alunos que trabalharam as fotografias do Veja, do Reaja e do Proteja fizeram uma exposição que se tornou itinerante pela cidade. Entre as cinco performances elaboradas, foi escolhida apenas uma para ser apresentada na Caixa Econômica Federal no projeto “Arte e Reciclagem: Uma Questão de Atitude!”, parceria entre Caixa, Consórcio Intermunicipal do Contestado (COINCO), Universidade do Contestado — UnC, escolas municipais, estaduais e particulares, confirmando que a articulação entre instituições são importantes para o ensino da Educação Ambiental.

Em cada momento do projeto desenvolvido na escola, houve pesquisa, apreciação e discussão sobre meio ambiente, arte e suas representações. Diante desta experiência, percebeu-se que os educadores e as instituições de ensino comprometidas com a realidade atual sobre o meio ambiente, são propulsoras na melhora da sociedade em que vivemos e podem contribuir efetivamente para que haja transformações na forma como estamos vendo, reagindo e protegendo o planeta.

Convém mencionar que projetos como estes acontecem em todo o Brasil, são movimentos de parcerias, que buscam compreender as questões ambientais para além das suas dimensões, químicas, físicas e biológicas e mostram a importância da escola na formação do ser humano, no exercício da cidadania.

Inicia-se assim, uma discussão embasada em experiências, argumentando que é possível para o professor trabalhar a Educação Ambiental envolvendo a Arte e Educação para além do reciclar, haja vista que inúmeras iniciativas nessa área não avançam para além de processos do fazer, sem uma reflexão necessária para construir uma Educação Ambiental que seja ambiental.

A partir dessas reflexões surgiram algumas perguntas: Quais conhecimentos? Conceitos? Quais competências em Educação Ambiental o professor deve ter? Quais professores visam uma *práxis* transformadora da realidade ambiental? Diante da superficialidade no tratamento do tema transversal Educação Ambiental nos cursos de formação, seja em Artes Visuais, Pedagogia, Geografia ou outras

licenciaturas, foi eleita a única turma e o curso para responder a seguinte pergunta: Como as estudantes da 5ª fase do curso de Artes Visuais na Universidade do Contestado — UnC de Curitiba (SC) relacionam Educação Ambiental e Arte? Bem como: tem sido articulado, na formação inicial dos professores do curso de Artes Visuais da UnC, o tema Educação Ambiental? Qual o significado das atividades de Educação Ambiental trabalhadas na formação inicial de professores de Artes Visuais da UnC? Qual a compreensão sobre a importância da estética ambiental na formação humana?

Tais questionamentos provocaram esta pesquisa, cujo objetivo foi analisar a relação da Educação Ambiental com a Arte na Formação inicial de Professores do curso de Artes Visuais na Universidade do Contestado — UnC em Curitiba. Além disso pretendeu: verificar a relevância da Educação Ambiental na formação inicial dos professores do curso de Artes Visuais; identificar se e como ocorre a relação da Educação ambiental na formação inicial dos professores do curso de Artes Visuais; relacionar a educação ambiental e a arte como estratégia para compreensão da estética ambiental como parte intrínseca a formação humana.

Quanto aos procedimentos metodológicos, foram descritos os caminhos trilhados para alcançar os objetivos da pesquisa, porém isso foi tratado de forma mais aprofundada no capítulo IV do trabalho. A investigação baseiou-se num estudo de caso envolvendo oito acadêmicas da 5ª fase do curso de Artes Visuais oferecidos pelo Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (PARFOR), em parceria com a UnC Curitiba (SC). Foi iniciada por meio de pesquisa bibliográfica, fundamentada em expoentes que, teoricamente, investigaram as categorias citadas e refletiram sobre as mesmas. Por ser uma pesquisa de âmbito social envolveu abordagem qualitativa, métodos de descrição, de compreensão, de processos dinâmicos experimentado pelo grupo pesquisado. Utilizou-se no estudo de caso, a técnica do grupo focal, que de acordo com Powell e Single *apud* Gatti (2005, p. 7) “[...] é um conjunto de pessoas selecionadas e reunidas por pesquisadores para discutir e comentar um tema, que é objeto de pesquisa, a partir de sua experiência pessoal”. Os dados coletados foram tratados, organizados e analisados por meio da técnica de análise de conteúdo de Bardin (1977).

As obras de arte e epígrafes que aparecem em cada início dos capítulos foram escolhidas de acordo com o conteúdo e estão relacionadas com o conteúdo de cada capítulo desta dissertação, considerando a articulação entre conteúdos

ambientais, formação de professores e a arte. Uma imagem está impregnada de interpretações, experiências, referências, significados, portanto a articulação com as diversas realidades vai depender do olhar de cada pessoa.

Constantemente, presenciamos um aumento significativo de desastres ambientais, sinalizando-nos a eminência de uma profunda crise ambiental global. Assim, a relevância deste estudo evidencia-se pela emergência em reverter à maneira da nossa sociedade se relacionar com o meio ambiente e refletir como a formação de professores poderá contribuir para isso.

Outro aspecto que merece destaque é a carência de trabalhos acadêmicos que discutam a relação entre Educação Ambiental, Arte e Educação e Formação de Professores, o que motivou a realização de um levantamento minucioso sobre este tema.

Partindo-se da perspectiva de que a busca por determinado conhecimento científico necessita primeiramente de uma investigação sobre o que existe escrito a respeito do assunto, principalmente para não cairmos no engodo da repetição, realizou-se uma visita a produções acadêmicas já existentes, ou seja, o estado da arte.

Ferreira (2002, p.1) afirma sobre o estado da arte:

Definidas como de caráter bibliográfico, elas parecem trazer em comum o desafio de mapear e de discutir uma certa produção acadêmica em diferentes campos do conhecimento, tentando responder que aspectos e dimensões vêm sendo destacados e privilegiados em diferentes épocas e lugares, de que formas e em que condições têm sido produzidas certas dissertações de mestrado, teses de doutorado, publicações em periódicos e comunicações em anais de congressos e de seminários.

A relevância de um trabalho científico é o momento em que se apresenta o valor, a conveniência ou o interesse e a importância de sua utilização pela comunidade científica e pela sociedade. Assim, apresentam-se como resultado da produção científica as palavras-chave e seus cruzamentos nas bases de dados em três níveis: local (UNIPLAC — Biblioteca Virtual), estadual (UFSC — Biblioteca virtual) e nacional (Banco de Dados e Banco de Teses do Domínio Público),

Considerou-se o período de 2006 a 2011 e sete palavras-chave: Educação Ambiental, Percepção Ambiental, Complexidade Ambiental, Educação Ambiental Formal, Educação Ambiental Não Formal, Formação de Professores de Artes, Arte-Educação e também o cruzamento entre elas que ficou da seguinte forma: Educação Ambiental e a Formação de Professores, Educação Ambiental e Artes

(arte-educação), Formação de Professores de Artes e Formação de Professores para Educação Ambiental. Na relevância local, foram encontrados onze trabalhos, sendo sete em nível de relatórios e três em nível de dissertação e uma monografia. Optou-se, nesta pesquisa local, levar em consideração todos os níveis de pesquisa que a biblioteca virtual da Universidade do Planalto Catarinense (UNIPALAC) oferecia, por isso os relatórios se fazem presentes. Já no cruzamento de dados foi encontrado apenas um trabalho de dissertação no ano de 2010 para a palavra-chave Formação de Professores de Artes. Os quadros 1 e 2 no apêndice A ilustram esse estado da arte.

Resultado da pesquisa similar foi obtido na biblioteca virtual da Universidade Federal de Santa Catarina — UFSC, com seleção do período de 2006 a 2011, utilizou-se a procura automática pelas sete palavras-chave. Levaram-se em consideração teses, dissertações, monografias, trabalhos de conclusão de curso e artigos encontrados. A cada ano de publicação colocado para a consulta de uma das categorias, surgia uma média de 200 trabalhos, como se faz notar é um número alto, mas ao procurar pela área do conhecimento Artes/ Educação Ambiental/Formação de Professores o número diminuía consideravelmente ficando da seguinte forma: nove teses, oito dissertações, três monografias, quatro trabalhos de conclusão de curso e um artigo para a categoria Educação Ambiental. Para a palavra-chave Percepção Ambiental surgiu uma dissertação e três artigos. Ao todo, foram vinte e cinco trabalhos acadêmicos encontrados na biblioteca virtual da UFSC para as palavras-chave. No cruzamento de palavras-chave, somente duas dissertações, no ano de 2009 e 2011, para Formação de Professores de Artes e Formação de Professores para Educação Ambiental, conforme quadros 3 e 4 do apêndice A.

No âmbito nacional a busca foi realizada no portal Domínio Público, com especificação de Artes como área de conhecimento. Os níveis pesquisados foram apenas de mestrado e doutorado e as datas de 2006 a 2011. Foi surpreendente perceber que um sítio de pesquisa da internet teve somente uma dissertação em 2010 para categoria Educação Ambiental, uma dissertação em 2006 para Formação de Professores de Artes e oito dissertações para Arte-Educação. No cruzamento de palavras-chave, nenhum trabalho, conforme quadros nº 5 e 6 do apêndice A.

Ao verificar a exiguidade de trabalhos escritos nos três níveis pesquisados, municipal, estadual e nacional — nas redes de pesquisa sobre as categorias que estão no objetivo geral da pesquisa, Educação Ambiental, Artes e Formação de

Professores — é importante destacar a relevância do trabalho que irá contribuir de forma científica e social na melhoria da formação inicial de professores.

Assim, para fins didáticos, esta dissertação foi sistematizada em oito capítulos, todavia todas essas partes não são estanques e estão permeadas pelas categorias principais que nortearam o estudo: Educação Ambiental, Arte e Formação de Professores e o movimento que articula as categorias teóricas: Educação, Ambiente e Estética com as anteriores.

A Introdução apresenta os objetivos do trabalho, categorias, estado da arte, relevância e as razões de sua elaboração.

O primeiro capítulo discorre sobre Educação Transformadora e Educação Ambiental: Desafios e Implicações. De forma breve, apresenta o percurso percorrido pela educação elucidando a necessidade de transformações no ensino atual e um olhar atento à formação do ser humano em todas as dimensões e em especial as questões ambientais. Também discorre sobre alguns dos principais acontecimentos que marcam o desenvolvimento da Educação Ambiental nos países e no mundo.

O Ensino da Arte e a Formação Inicial de Professores, é o foco do segundo capítulo, no qual se faz um breve relato sobre as principais mudanças e conquistas da classe artística e de arte-educadores por reivindicações justas e aplicáveis ao ensino da arte no Brasil. Traz reflexões sobre como a formação do professor com foco na possibilidade de formar professores educadores ambientais para atuar com amplitude de conhecimentos, vivências e consciência planetária.

O terceiro capítulo versa sobre aspectos relacionados à Alquimia da Arte e à Arte como Estratégia para a Estética Ambiental. Para isso, o texto inicia discorrendo sobre definições de arte, educação em arte e criatividade. A seguir trata do olhar sobre a natureza, da capacidade de percepção, da leitura de imagem que culmina em um saber estético ambiental.

O quarto capítulo apresenta os caminhos metodológicos da pesquisa, a caracterização, contextualização da realidade investigada, o desenvolvimento da pesquisa, a composição do grupo focal, o grupo focal e o local das sessões e registro das interações.

Análise e Discussão dos Dados são conteúdos do quinto capítulo, a fim de que seja possível entender como está sendo desenvolvida a inserção da Educação Ambiental nos cursos de formação inicial de professores em Artes Visuais. E a

última parte apresentará as Considerações Finais, as reflexões acerca da temática e do estudo em questão, seguido por Referências e Apêndices.

O intuito da dissertação é contribuir com a formação de professores, de educadores ambientais e para que os interessados neste estudo, percorram-no a partir das suas vivências, considerando todas as dimensões complexas da realidade.

1 EDUCAÇÃO TRANSFORMADORA E EDUCAÇÃO AMBIENTAL: DESAFIOS E IMPLICAÇÕES

Figura 3 — O Pensador (1902)



Não esqueçais, com efeito, minha máxima favorita:
a natureza é sempre bela.
Basta compreender o que ela mostra.
Auguste Rodin

Fonte: <penseverde.wordpress.com> (2012)

O capítulo apresenta conceitos e caminhos percorridos pela educação, porém não temos a pretensão de tratar de um tema tão vasto em tão poucas linhas, o intuito é perceber que ela permeia todo o trabalho, é preciso compreendê-la como um instrumento de transformação da sociedade e como condição atual para o desenvolvimento de uma de suas áreas a Educação Ambiental. Educação que vai tratar da dimensão ambiental na educação enquanto natureza, ambiente construído e não construído e a relação do homem com o meio. Traz as iniciativas de educação para a sustentabilidade, leis e autores que pensam sobre uma educação consciente de seu meio, contexto social, cultural e natural.

1.1 EDUCAÇÃO TRANSFORMADORA

A história construída pelos humanos no planeta terra está passando por uma época de escolhas para o seu futuro. Guimarães (1995) ressalta que no início da civilização o ser humano primitivo surgiu fazendo parte integrada do todo, da natureza, num equilíbrio dinâmico entre ambos. Com o passar do tempo, a humanidade foi afirmando uma consciência individual, cada vez mais foi deixando de se integrar com o todo e assumindo a noção de parte da natureza, chegando na pós-modernidade à individualização.

Nas últimas décadas do século XX, os padrões dominantes de produção,

consumo e tecnologia, passaram a afetar de forma drástica a biosfera e todos os seus sistemas ecológicos. Uma postura ambiental adequada é possível fazer parte do pensamento coletivo, consolidada por meio da educação e acredita-se da formação de professores.

Sendo assim, um novo desafio aparece para a educação que pode ser entendida de várias maneiras, com vários significados, conforme seus objetivos e funções. Esses significados podem ter sentido amplo e restrito, podem existir de maneira livre ou imposta, mas acontecem segundo as predeterminações dos modelos sociais constituídos pelos homens. A educação está presente em uma tribo primitiva ou civilizada, é verificada em qualquer cultura e acontece de diferentes formas e modelos.

Segundo Luckesi (1994, p. 31) “A educação dentro de uma sociedade não se manifesta como um fim em si mesma, mas sim como um instrumento de manutenção ou transformação social”. O pensamento dominante em uma sociedade é resultado das ideias das elites dominantes, no qual a preparação para o desempenho das funções sociais, acabam sendo condicionados pela educação, que é uma das responsáveis para o estabelecimento dessa ideologia. Conforme Brandão (2001, p. 26) “[...] a educação aparece sempre que surgem formas sociais de condução e controle da aventura de ensinar e aprender”.

Partindo desse pressuposto, podemos compreender que a educação é um processo que acontece em todas as instancias das nossas experiências e relações, e não apenas dentro das escolas. O grande desafio dos atuais modelos educacionais das nossas escolas é perceber que os alunos também têm luz, ou seja, apreendem o que vivenciam interagindo e transformando velhos conceitos em algo diferente, em algo novo.

As diferentes definições de educação dependem dos envolvidos e de suas realidades, podem ser dadas por pessoas como professores, estudantes, filósofos e historiadores. Duarte Junior (2000, p.101) ressalta que “[...] a realidade que habitamos tem a sua definição ditada pelos grupos sociais e culturais a que pertencemos, e uma orientação numa dada realidade pode parecer ilógica e mesmo insana se vista a partir de outra”. Neste contexto sobre as diferentes realidades, existem os interesses econômicos, políticos e de poder que envolvem a Educação.

Há, no entanto, três campos específicos de manifestação e desenvolvimento da educação na sociedade, a educação formal, a educação não formal e a educação informal.

Gohn (2010, p.16) considera:

A educação formal como aquela desenvolvida nas escolas, com conteúdos previamente demarcados; a educação não formal é aquela que se aprende 'no mundo da vida', via os processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivas cotidianos; a educação informal como aquela na qual os indivíduos aprendem durante seu processo de socialização gerada nas relações e relacionamentos intra e extrafamiliares (amigos, escola, religião, clube, etc).

Acreditamos que a educação é uma só, o que muda é o local e o convívio das pessoas. Destaca-se o percurso feito pela educação formal como modo de entender a evolução do pensamento pedagógico para este estudo. É importante ressaltar que a nova dinâmica de educação proposta pelas instituições de ensino ainda carece de muita reflexão, uma delas é assinalada por Gandin (1998, p. 8) "O sistema escolar se organiza segundo as linhas estruturais da sociedade em que se insere; não é um tipo de escola que produz um tipo de sociedade, mas um tipo de sociedade que produz um tipo de escola".

A institucionalização da educação ocidental surgiu na Grécia, foi consolidada em Roma e delas derivam o nosso sistema de ensino na atualidade. "A antiguidade, sobretudo a grega, é o armazém dos modelos originários da formação social e humana" (CAMBI, 1999, p. 54). A importância de conhecer a influência dos gregos, na história da educação, torna-se evidente quando percebemos que a complexidade deste povo, persiste ao tempo, estando presente na base dos ensinamentos existentes na atualidade.

A civilização grega tem grande importância por sua influência na formação cultural e política do ocidente. Os gregos foram os primeiros a falar em cidadania e democracia, os cidadãos deveriam ser preparados para conhecer e debater os problemas da cidade onde viviam.

Jaeger (1994, p. 4) menciona:

A educação participa na vida e no crescimento da sociedade, tanto no seu destino exterior como na sua estruturação interna e desenvolvimento espiritual; e, uma vez que o desenvolvimento social depende da consciência dos valores que regem a vida humana, a história da educação está essencialmente condicionada pela transformação dos valores válidos para cada sociedade. A estabilidade das normas válidas corresponde a solidez dos fundamentos da educação.

Aqueles que vislumbram o alvorecer de uma nova ética existencial acontecendo, aspiram por uma educação na qual os verdadeiros revolucionários não serão os alunos aprendizes, mas sim os alunos mestres, com uma nova maneira de ver e sentir nosso experimento social e a natureza. Vendo a decadência de valores, eles valorizarão aos outros e a todos os seres vivos, como a si mesmo, dessa forma poderemos ter uma forma de aprendizagem recíproca e direta, sem a morbidez de uma didática estritamente racional. É claro que diante da atual complexidade conjuntural, isto permanecerá como uma utopia a ser alçada pelas gerações futuras.

Brandão (2001) chama de educação o conjunto das organizações físicas e espirituais, como o homem prática, atua e cria. É interessante ressaltar que para Jaeger (1994, p. 4) toda “[...] educação é assim o resultado da consciência viva de uma norma que rege a comunidade humana, quer se trate da família, de uma classe ou de uma profissão, quer se trate de um agregado mais vasto, como um grupo étnico ou um estado”. A educação faz parte da vida e do crescimento de uma comunidade, pois é nela que vivenciamos os valores pertinentes às características específicas de cada sociedade.

Jaeger considera (1994, p. 11):

O conceito de natureza, elaborado por eles em primeira mão, tem indubitável origem na sua constituição espiritual. Muito antes de o espírito grego ter delineado essa idéia, eles já consideravam as coisas do mundo numa perspectiva tal que nenhuma delas lhes aparecia como parte isolada do resto, mas sempre como um todo ordenado em conexão viva, na e pela qual tudo ganhava posição e sentido. Chamamos orgânica a esta concepção, porque nela todas as partes são consideradas membros de um todo.

O homem da modernidade tem dificuldade de perceber a importância da natureza e da consciência de fazer parte de um todo, porém os gregos, já há muito tempo, sabiam que os ensinamentos sobre a formação física, cognitiva e espiritual do cidadão, pontos fundamentais para a evolução e a verdadeira educação.

E assim, na história da educação, a educação romana foi transformada em decorrência de sua conquista pelos gregos, há uma mudança ampla na difusão das ideias sobre religião, vida política, cultura, filosofia e retórica.

Então, em Roma, a partir de Cícero, advogado e homem político, “[...] temos o nascimento da Pedagogia no sentido próprio, como saber refletido sobre a educação” (CAMBI, 1999, p. 111). São criados modelos de Pedagogia aliadas ao saber universal, mais autônomo, mais filosófico, ligadas à concepção enciclopédica do saber. Porém, com uma forte consciência prática, formativa, individual e mais

próxima da sensibilidade e dos problemas modernos. A pedagogia passa a exercer um papel central para que o homem se sinta sujeito humano, antes de tudo.

A separação entre a educação escolar e seus processos, entre a vida imediata e seus recursos educativos, levou a escola tornar-se formalista. A invenção da escrita junto ao pensamento em evolução permitiu registrar a história e os conhecimentos científicos, sendo necessário aumentar o trabalho escolar para que a leitura e a escrita fossem ensinadas, especialmente para transmitir a cultura acumulada. Desenvolveram-se conteúdos adequados ao novo ensino, e gerações sucessivas de professores se habituaram ao seu emprego, cristalizando sua prática. Porém, só alguns eram privilegiados, os outros a grande massa, apenas obtinham educação informativa no lar e na comunidade.

No decorrer da Idade Média, houve o predomínio da visão teocêntrica, que revela ser Deus o fundamento de toda a ação pedagógica e finalidade de formação do cristão. Por outro lado, no Renascimento, emergiu uma nova concepção de homem que o permite se sentir o centro de tudo, esquecendo a importância da natureza, que embora rejeite a autoridade dogmática da cultura eclesiástica medieval, ainda mantém-se de forma hierarquizada.

Com o advento da revolução industrial, no início no Século XVIII, na Inglaterra e expansão pelo mundo no Século XIX, a educação passa a servir aos interesses do mercado, pois devido às constantes inovações tecnológicas, precisava manter os operários sempre preparados a estas imprescindíveis atualizações. Nesse período houve uma efervescência quanto às descobertas científicas na área das ciências da natureza: física, química e da biologia. Esse contexto foi decisivo para o desenvolvimento científico e tecnológico o que fez com que mudassem os modos de produção e de consumo, com consequente uso dos bens naturais.

Manacorda (1997, p. 272) assinala que:

[...] o problema da instrução das relações instrução-trabalho ou da instrução técnico-profissional, que será o tema dominante da pedagogia moderna. Tentam-se, então, duas vias diferentes: ou reproduzir na fábrica os métodos 'platônicos' da aprendizagem artesanal, a observação e a imitação, ou derramar no velho odre da escola desinteressada o vinho novo dos conhecimentos profissionais, criando várias escolas não só *sermocinales*, mas *reales*, isto é, de coisas naturais: em suma, escolas científicas, técnicas e profissionais.

A partir do Século XIX, as escolas públicas ou privadas, foram criadas em todo tipo de comunidade. Nesse contexto, segundo Brandão (2001) o educador que

imagina servir ao saber e a quem ensina, na verdade acaba servindo a quem o constituiu professor, que o usa através de seu trabalho, para os fins escusos quais perpassam a própria educação. Essa constatação da realidade vigente, é no mínimo preocupante, pois aquele que educa, estando atento ao seu ofício, precisa educar a si mesmo, a ver de modo diferente, romper com o paradigma estritamente racional que o aprisiona em seu próprio mecanismo de controle.

No século XX, surgiram múltiplas tendências pedagógicas, embasando o que sabemos e compreendemos sobre educação, além de mostrar que ainda estão presentes em diversos contextos educacionais.

Herdamos uma educação que visa preparar o cidadão para servir aos fins produtivos, mas diante da enorme crise econômica, social e ambiental em que estamos inseridos, carecemos urgentemente de uma educação que faça frente às novas demandas sociais, ou seja, uma educação que resgate valores ao mesmo tempo em que prepare os indivíduos para viver de uma forma mais respeitosa e solidária com o meio ambiente.

Edgar Morin, antropólogo, sociólogo e filósofo francês, em seus estudos sobre a educação, contempla vários paradigmas que poderiam ser instituídos no complexo sistema educacional vigente, sua desconstrução e reconstrução a partir de novas formas de olhar o mundo e o ensino são sugestões possíveis e extremamente necessárias a uma devida reflexão, perante as inúmeras complexidades que nos acometem na contemporaneidade.

De acordo com Morin (2003, p. 96):

a reforma do pensamento é de natureza não programática, mas paradigmática, porque concerne à nossa aptidão para organizar o conhecimento. É ela que permitiria a adequação à finalidade da cabeça bem feita; isto é, permitiria o pleno uso da Inteligência. Precisamos compreender que nossa lucidez depende da complexidade do modo de organização de nossas idéias.

No movimento civilizatório que acontece de tempos em tempos, surgem educadores com novas idéias, nos dizendo que mudanças são possíveis de serem feitas para a melhoria desta fragmentação instalada na vida das pessoas, e para os muitos problemas globais que vivenciamos no cotidiano. A dificuldade atual é colocar em ação estas teorias.

Segundo Sampaio (2010, p. 23):

As ideologias que dominam o planeta, decorrentes de todo o processo da inconsciência humana, desumanização e fragmentação estão voltadas para

as questões externas materiais, econômicas, de domínio e competição, sem levar em consideração o respeito pela vida, pela natureza, pela dignidade do ser humano. Estamos sofrendo as consequências dessa desumanização, da fragmentação em todas as instâncias humanas, social, política, econômica, filosófica, religiosa, científica, porque não alcançamos as dimensões amplas e multidimensionais do contexto humano, social e planetário.

A educação oriunda nas fábricas ainda é a mesma na contemporaneidade. É muito difícil romper linearmente com o paradigma racional iluminista que explica o mundo segundo o pragmatismo mercadológico. A ciência que ignora o atual caos social não consegue ver além do seu espelho. Refletir sobre a educação dos humanos, salvaguardar valores, compreender e interagir frente à multiplicidade de experiências encontradas em nosso cotidiano, continua sendo um grande desafio do conhecimento escolar. O problema consiste em não se deixar levar pelas ideologias do mercado e da produção, mas dispor do conhecimento de forma ampla, viável e sustentável. Isso são aspirações de uma nova perspectiva educacional para as gerações futuras.

As crises ambientais atuais indicam a desarmonia entre o homem e o mundo. A educação é uma aliada a romper com o antropocentrismo vigente, cuja idéia principal é ter poder sobre a natureza e alterá-la ao seu interesse, portanto para modificar essa visão precisamos de uma educação que promova o equilíbrio entre o homem e a natureza.

Compreendemos que o bem estar social passa pelo aprendizado de conhecer a si mesmo, comprometendo-se a respeitar o outro, incluindo o planeta em que vivemos, lembrando o axioma Maia “eu sou o outro você” que consta no livro “Os Surfistas de Zuvuya” de José Argüelles (2000). Uma educação que não apenas ensine os indivíduos a pensarem, mas a interagir com o todo da vida, ou seja, uma perspectiva biocêntrica.

Segundo Dias (2000, p.86):

Biocentrismo é o comportamento norteado pela preocupação com o bem estar natural, com a preservação da natureza pelo indivíduo, população ou poder público, a existência de um sistema complexo e incompreensível que ainda está além de nossa capacidade, mas ainda assim fazemos parte, e que tem a necessidade de ser preservado.

Vivemos na era da comunicação, subjugados pela lógica opressiva do crescimento econômico, na qual somos impelidos na busca voraz por informações, sem, muitas vezes, articular aquilo que nos é oferecido. Percebemos que a escola,

ainda não conseguiu significar tantas informações em conhecimento, entrelaçar conhecimento em processos vitais. Para suprir esta lacuna precisamos encontrar nas diversas tendências pedagógicas, uma saída desta descontextualização escolar.

Hernández (2007) apresenta em seu livro “Catadores da cultura visual: proposta para uma narrativa educacional” uma provocação a pensar em que medida as relações com a cultura visual produzem olhares para o mundo, sobre nós mesmos, sobre os outros e sobre a educação. O trabalho de Hernández serve de base para os objetivos estabelecidos nessa dissertação.

Hoje, existem inúmeras propostas pedagógicas, o desafio do educador é adentrar na complexidade das relações e, a partir daí, encontrar os meios de praticar uma nova educação, uma educação que faça uma conexão entre homem e a natureza, o homem e o meio ambiente, o homem e a educação, o homem e a educação ambiental, como veremos na sequência do trabalho.

1.2 A EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Pretende-se, aqui, apresentar um breve histórico sobre as várias iniciativas e conquistas feitas por organizações governamentais e não governamentais envolvendo as questões ambientais e sobre a Educação Ambiental, haja vista, os inúmeros eventos, utilizaremos alguns marcos históricos a partir de 1968 até a Rio+20. A proposta é esboçar o quanto foi e são importantes para a prática educacional as discussões, preocupações e reflexões a respeito do tema.

Segundo Coimbra (2002, p. 32) meio ambiente:

[...] é o conjunto dos elementos abióticos (físicos e químicos) e bióticos (flora e fauna), organizados em diferentes ecossistemas naturais e sociais em que se insere o Homem, individual e socialmente, num processo de interação que atende ao desenvolvimento das atividades humanas, à preservação dos recursos naturais e das características essenciais do entorno, dentro das leis da Natureza e de padrões de qualidade definidos.

Esse conceito envolve a relação homem/natureza e a importância de se repensar estratégias que visem mudar a visão de mundo e as atitudes que os seres humanos têm com os elementos naturais.

E por Educação Ambiental compreendemos segundo Loureiro (2002, p. 69) que:

[...] é a práxis educativa e social que tem por finalidade a construção de valores, conceitos, habilidades e atitudes que possibilitem o entendimento

da realidade da vida e a atuação lúcida e responsável de atores sociais individuais e coletivos no ambiente.

Devido ao desenvolvimento das ciências, à evolução tecnológica da humanidade e à certeza de que as riquezas naturais eram inesgotáveis, o ser humano conseguiu, em menos de duzentos anos, causar um enorme impacto de destruição ambiental. A sociedade contemporânea vive sob a égide da descartabilidade, em que o condicionamento consumista nos leva a perder o foco das inúmeras interações que nos afetam e pelas quais somos afetados em nosso cotidiano ambiental. A natureza não é uma fonte inesgotável de matéria-prima, na qual deleitaremos eternamente a satisfação egóica dos nossos desejos, ela é, acima de tudo, a fonte mantenedora da vida. Se não revermos essa equivocada visão de mundo, estaremos fadados a tornar comprometida a vida orgânica em nosso planeta. Por esse motivo, as manifestações em busca de soluções para modificar o caos planetário são muito recentes, se levarmos em conta a história da humanidade.

Em termos mundiais houve uma grande intensificação das discussões a partir dos anos de 1970. Dias (2004, p. 35) afirma que em 1970 “Inicia-se o uso da expressão *environmental education* (educação ambiental) nos Estados Unidos, a primeira nação a aprovar a Lei sobre Educação Ambiental”.

Em 1968, organizações voltadas para temas como educação e meio ambiente, reuniram-se e formaram um Conselho Internacional para Educação Ambiental para discussões sobre a interferência do ser humano no meio ambiente.

Lima (2007, p. 39) destaca neste ano de 1968 que:

A UNESCO desenvolveu um levantamento sobre a escola e o meio ambiente em 79 de seus países membros, onde já se afirmava que a Educação Ambiental não deveria ficar a cargo apenas de uma disciplina específica no currículo das escolas, mas sim permear em toda a grade curricular, tendo em vista sua complexidade e interdisciplinaridade, destacando, também, que as questões ambientais e os cuidados com o ambiente constituem-se em um conceito mais elaborado, abrangendo os aspectos socioeconômicos culturais, políticos e éticos, além dos já tradicionais aspectos físicos, químicos e biológicos.

Significa que há mais de 42 anos a Educação Ambiental é compreendida com a amplitude e complexidade que o tema exige, fazendo parte da prática educativa como um tema transversal.

É importante assinalar que durante o desenvolvimento da história da Educação Ambiental, a I Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano, realizada em 1972, em Estocolmo, na Suécia, foi um marco e teve grande

repercussão mundial, de acordo com Lima *apud* Guimarães (1995, p. 17) “[...] uma abordagem multidisciplinar para nova área de conhecimento, abrangendo todos os níveis de ensino, incluindo o nível não formal com a finalidade de sensibilizar a população para os cuidados ambientais”.

Como reflexo dessa conferência, a Organização das Nações Unidas (ONU) criou, no mesmo ano, um organismo próprio em sua estrutura, denominado Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA), que foi sediado em Nairóbi. Inicia-se um diálogo entre países industrializados e países em desenvolvimento com a proposta de adoção de um conjunto de princípios para o manejo racional do meio ambiente, a partir da lógica da racionalidade.

Em 1977, a ONU, em parceria com a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), organizou a I Conferência Intergovernamental de Educação Ambiental que foi realizada em *Tbilisi* na Geórgia (ex URSS). O resultado da reunião foi a elaboração de um documento com ações sistemáticas como: diretrizes, conceitos e procedimentos que servem como referência para uma Educação Ambiental de cunho mundial.

Nessa mesma época, em 1979, entre tantos acontecimentos relacionados à Educação Ambiental, de acordo com Coimbra (2002) o químico e biólogo James Lovelock lança um livro intitulado *Gaia – A new look at life on Earth e The Ages of Gaia*. A idéia central da “Hipótese *Gaia*”, hoje “Teoria Gaia” é que a “Terra é um ser vivo”. No organismo de *Gaia* os humanos são como células de um de seus tecidos. Anuncia a necessidade de preservar os sistemas de regulação planetária, inspirando assim os teóricos do desenvolvimento sustentável.

Em 31 de Agosto de 1981, registra-se um fato que merece destaque, segundo Dias (2004, p. 41) “O presidente João Figueiredo sanciona a Lei 6938, que dispõe sobre a política nacional do meio ambiente, seus fins e mecanismos de formulação e aplicação”. Esse passo para o Brasil é importante para a política de amadurecimento ambiental.

Dez anos após a I Conferência, em 1987, foi realizada em Moscou a II Conferência Internacional promovida pela UNESCO, feitas avaliações e traçados novos planos de ação, novas estratégias para os próximos anos, para década seguinte.

Em 1992, a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento (CNUMAD), também conhecida como Rio+92, pode ser

considerada ponto de partida para modificações necessárias a um despertar ecológico mundial. Reuniram-se no mês de junho, na cidade do Rio de Janeiro mais de cem chefes de Estados e de governo, além de centenas de Organizações não Governamentais (ONGs) para discutir, analisar e aprovar documentos referentes aos problemas ambientais. Nesse encontro, entre outros temas, se discutiram as mudanças de clima, a perda de biodiversidade, desmatamento, os sintomas do desequilíbrio ambiental. Foram muitas as negociações sobre as questões ambientais, divulgação na mídia e informações sobre o estado do planeta e seus problemas.

Dias (2004, p. 50) salienta:

Nessa conferência, reconhece-se a insustentabilidade do modelo de 'desenvolvimento' então vigente. O desenvolvimento sustentável é visto como o modelo a ser buscado. Nomeia-se a Agenda 21 como um Plano de Ação para a sustentabilidade humana. Reconhece-se a Educação ambiental como o processo de promoção estratégico desse novo modelo de desenvolvimento.

A conferência enfatiza a educação como caminho para vivenciar o desenvolvimento sustentável “[...] pela construção de um mundo socialmente justo e ecologicamente equilibrado, sendo necessário que se desenvolva, para tanto, a responsabilidade individual e coletiva em níveis local, nacional e planetário (AGENDA 21, 1997, p. 432). Existe urgência na reformulação do pensamento em relação ao planeta, um dos princípios básicos dessa mudança é o respeito a todas as espécies de vida. Para Grün (2007, p. 22), “A parceria com o mundo não-humano só pode ocorrer quando entramos em relação com este”, quando percebemos a interdependência de todos os fenômenos existentes.

Segundo Dias (2004, p. 523):

EA é um *processo* permanente no qual os indivíduos e a comunidade tomam consciência do seu meio ambiente e adquirem conhecimentos, valores, habilidades, experiências e determinação que os tornem aptos a *agir e resolver* problemas ambientais, presentes e futuros. [grifo do autor]

No mês de dezembro de 1997, realiza-se em Quioto no Japão, a III Conferência Internacional para a Convenção das Mudanças Climáticas.

Cerca de 10.000 delegados, observadores e jornalistas participaram desse evento de alto nível realizado em Quioto, Japão, em dezembro de 1997. A conferência culminou na decisão por consenso (1/CP.3) de adotar-se um Protocolo segundo o qual os países industrializados reduziram suas emissões combinadas de gases de efeito estufa em pelo menos 5% em relação aos níveis de 1990 até o período entre 2008 e 2012. Esse compromisso, com vinculação legal, promete produzir uma reversão da

tendência histórica de crescimento das emissões iniciadas nesses países há cerca de 150 anos (PROTOCOLO DE QUIOTO, 2012, p. 2).

Em Johannesburg, na África do Sul, aconteceu a Rio+10 ou Cúpula sobre Desenvolvimento Sustentável, Fórum realizado em 2002 com a intenção de discutir e implementar soluções para as questões ambientais registradas na Agenda 21. De 13 a 22 de Junho de 2012, aconteceu a Rio+20, Conferência das Nações Unidas, sobre Desenvolvimento Sustentável, na cidade do Rio de Janeiro, com reuniões no RIOCENTRO e no Aterro do Flamengo, além de atividades como exposições, debates e seminários relativos a questões ambientais em vários pontos da cidade.

O objetivo da Conferência é a renovação do compromisso político com o desenvolvimento sustentável, por meio da avaliação do progresso e das lacunas na implementação das decisões adotadas pelas principais cúpulas sobre o assunto e do tratamento de temas novos e emergentes (RIO+20, 2012, p. 1).

Reuniram-se na Rio+20, representantes de 193 países para refletir, discutir e produzir um texto, uma “Declaração Final da Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável (Rio+20) — O Futuro que Queremos”. Esse documento reafirmou acordos já existentes, apontou a economia verde e registrou a preocupação com a erradicação da pobreza como desafio mundial, trouxe novos desafios às populações mundiais para o desenvolvimento sustentável. É relevante citar o evento não oficial chamado a Cúpula dos Povos, presente no Aterro do Flamengo, composto por ativistas brasileiros, internacionais e organizações não governamentais que participaram e expressaram suas opiniões por meio de plenárias que resultou em “Documentos Finais da Cúpula dos Povos na Rio+20 — Por Justiça Social e Ambiental”.

A mobilização por parte de todos os participantes ocorreu na busca de valores sustentáveis, de perceber a interdependência e a cooperação entre as populações do mundo. Todo esse processo vem confirmar que estamos caminhando para conscientização sobre a relação do homem com a terra.

Consideram-se os passos dos acordos até aqui relatados, como decisivos para mudanças de paradigmas. São marcos na história em prol de mudanças a nível local e mundial, articuladas num espaço/tempo, por isto tão importante. Embora não tenham dado certo em todos os quesitos registrados como prioridades, está acontecendo um movimento em prol da preservação do meio ambiente e da Educação Ambiental, portanto muito válido.

O cenário atual da Educação Ambiental é de busca por soluções e ações, como aconteceu na Colômbia, no ano de 2002 na XIII Reunião do Fórum de Ministros do Meio Ambiente da América Latina e Caribe, realizado um Simpósio Regional sobre Ética Ambiental e Desenvolvimento Sustentável. Foi aprovado o denominado Manifesto pela Vida e por uma Ética para a Sustentabilidade, com algumas referências importantes para a Educação Ambiental Contemporânea.

Leff (2002, p.162) ressalta que:

A construção de uma racionalidade ambiental demanda a transformação dos paradigmas científicos tradicionais e a produção de novos conhecimentos, o diálogo, hibridação e integração de saberes, bem como a colaboração de diferentes especialidades, propondo a integração interdisciplinar do conhecimento para o desenvolvimento sustentável.

O conceito de Desenvolvimento Sustentável foi criado a partir do “Relatório de Brundtland”, intitulado “Nosso Futuro Comum”, publicado em 1987 por uma Comissão Mundial para o Meio Ambiente e Desenvolvimento *apud* Penteado (2000, p. 33), é aquele que “[...] atende às necessidades da geração atual sem comprometer a capacidade de as gerações futuras atenderem as suas próprias necessidades”. A definição não parece dar conta de todas as questões que envolvem o desenvolvimento sustentável. Entre elas, convém dizer que faz parte a sensibilidade, espiritualidade, a valorização de grande parte da população mundial e o seu envolvimento.

Dias (2004, p.120, grifo do autor) considera que “[...] atualmente o objetivo central da Educação Ambiental é a promoção do desenvolvimento sustentável (mais especificamente das *sociedades sustentáveis*)”. Sociedades que percebam e se preocupem com a velocidade das transformações que a ação humana vem tendo na natureza, haja vista, os diversos problemas ecológicos – desmatamento, queimadas, desertificação, aquecimento global, estão modificando a estética ambiental em todo o planeta. Por outro lado, Dias (2004, p. 120) reafirma que “[...] os representantes de 180 países, reunidos na Rio-92, concluíram que o modelo de desenvolvimento econômico vigente é Não Sustentável, ou seja, ele é inviável econômica, social e ecologicamente.” Como reverter esta situação?

Scotto (2010), em seu livro sobre o Desenvolvimento Sustentável, esclarece que existem divergências sobre os conceitos, soluções e estratégias sobre o que é Sustentabilidade e Desenvolvimento Sustentável. Observa-se que para cada grupo que representa uma determinada fatia da sociedade, o discurso contempla a

concepção de sociedade desse grupo, então a dificuldade de se chegar a uma fala comum entre as organizações sociais, políticas e econômicas, tem sido bem marcante.

A redefinição do termo/conceito de sustentabilidade passa pela redescoberta da necessidade da discussão explícita sobre ressignificação de nossos múltiplos valores e interesses conflitantes que estão em jogo e que dependem, fundamentalmente, de nossas escolhas sobre: padrão de vida da sociedade atual, justiça social, preservação de bens e serviços naturais para as futuras gerações e respeito por outros seres vivos e pela integridade da biodiversidade dos ecossistemas do planeta, como nós, ameaçados pela crise ambiental (GUERRA; FIGUEIREDO; PEREIRA, 2010, p.204).

Vislumbramos, assim, um breve recorte dos muitos compromissos de mudanças para a Educação Ambiental, talvez não o suficiente para contemplar a velocidade com que os países vêm se desenvolvendo em seus aspectos políticos, econômicos, sociais e culturais, mas de forma lenta, num processo de construção sobre o conhecimento ecológico e o desenvolvimento sustentável.

Segundo Capra (2006, p. 15) “A educação por uma vida sustentável estimula tanto o entendimento intelectual da ecologia como cria vínculos emocionais com a natureza”. O ser humano começa a pensar em um amplo processo de transformação das relações entre sociedade e ambiente, o mesmo passa a considerar a terra como a casa que habita e faz parte. Procura-se entender nesta parte do estudo, quais são seus alicerces para conservação de um mundo habitável no futuro? A resposta que contempla a pergunta é, sem dúvida, a educação, prática realizada por todas as instituições da sociedade, ela perpassa por todos os setores da educação formal e não formal. Convém ressaltar que é uma educação com dimensões amplas e com várias denominações, sendo a mais conhecida como Educação Ambiental.

Cumpre-nos assinalar, que o ideal seria que essa educação, quando impregnada na mente humana, passasse a ser intrínseca como o ato de respirar, falar, ouvir e pensar. Indo um pouco além nessa reflexão, que fizesse parte do DNA¹ do ser humano.

O planeta Terra é o único acessível que temos no universo. Fornece ao ser humano que o habita suas várias riquezas que, transformadas, permitem-nos

¹ Ácido desoxirribonucleico (ADN) ou *deoxyribonucleic acid (DNA)* é um composto orgânico cujas moléculas contêm as informações genéticas que coordenam o desenvolvimento e funcionamento e todos os seres vivos

sobreviver e sobre as quais ainda temos muito que aprender. Buscar compreender o mundo e saber lidar com a complexidade nele existente, são características de uma educação em conexão com a vida. Segundo Strieder (2004, p. 71), “Na teia da complexidade transparece o desafio fundamental de toda a organização viva, ou seja, a complexa inter-relação do viver/conhecer”.

Entretanto, a realidade se apresenta de outra forma. É necessário ainda que o homem compreenda a dimensão e os reflexos de seus atos concernentes ao que seja Educação Ambiental e seus desdobramentos, para poder reagir e proteger. Segundo Leff (2002, p. 17) “O ambiente não é a ecologia, mas a complexidade do mundo; é um saber sobre as formas de apropriação do mundo e da natureza através das relações de poder que se inscreveram nas formas dominantes de conhecimento”.

Poderíamos dizer que a terra está em crise política, econômica, espiritual e ambiental, qualquer que seja o ângulo do nosso olhar para o planeta. Carvalho (2004, p. 51) enfatiza que a Educação Ambiental “[...] surge da preocupação da sociedade com o futuro da vida e com a qualidade da existência das presentes e futuras gerações”. Registre-se a existência de um conjunto de práticas sociais voltadas para o meio ambiente tanto nas legislações, programas de governo, quanto nas iniciativas de grupos, associações e movimentos ecológicos.

No Brasil, na área da educação, cria-se a lei 9.795, de 27 de Abril de 1999, que institui a Política Nacional de Educação Ambiental, objeto do decreto 4.281, de 25 de junho de 2002, em que ela é instituída como obrigatória em todos os níveis de ensino e considerada componente urgente e essencial da educação fundamental. Assim, a Lei 9.795 em seu Art. 1º diz o seguinte:

Entendem-se por educação ambiental os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e à sua sustentabilidade.

Com essa lei a Educação Ambiental passa a fazer parte da educação formal e das preocupações das Políticas Públicas, pode-se afirmar que foi um grande passo no panorama histórico da Educação Ambiental no Brasil.

A lei 9.795/99 estabelece o seguinte, nos artigos a seguir:

Art. 10. A educação ambiental será desenvolvida como uma prática educativa integrada, contínua e permanente em todos os níveis e modalidades do ensino formal. § 1º A educação ambiental não deve ser

implantada como disciplina específica no currículo de ensino. § 2º Nos cursos de pós-graduação, extensão e nas áreas voltadas ao aspecto metodológico da educação ambiental, quando se fizer necessário, é facultada a criação de disciplina específica. § 3º Nos cursos de formação e especialização técnico-profissional, em todos os níveis, deve ser incorporado conteúdo que trate da ética ambiental das atividades profissionais a serem desenvolvidas. Art. 11. A dimensão ambiental deve constar dos currículos de formação de professores, em todos os níveis e em todas as disciplinas. Parágrafo único. Os professores em atividade devem receber formação complementar em suas áreas de atuação, com o propósito de atender adequadamente ao cumprimento dos princípios e objetivos da Política Nacional de Educação Ambiental.

Como vimos, no Art.11, existe a responsabilidade das universidades em trabalhar a Educação Ambiental de forma interdisciplinar nos cursos de formação de professores e por extensão nas escolas. Será que isso acontece? Geralmente os cursos têm oito fases e professores diferentes em cada fase. Estão esses professores universitários preparados para trabalhar, em seus conteúdos, a Educação Ambiental? Formar professores que sejam educadores ambientais? Contemplam em seus Planos de Ensino e no processo pedagógico preocupação com o tema? E por fim, o Projeto Pedagógico do curso faz referência a Educação ambiental? Certamente essas reflexões dariam outro trabalho de dissertação.

Outro exemplo de avanço na Educação Ambiental, no página do Ministério da Educação e Cultura, está a notícia que no dia 13 de junho de 2012, o ministro da Educação, Aloizio Mercadante, homologou as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Ambiental e para a Educação Indígena.

Segundo Trancredi (2002, p. 1):

‘Essas diretrizes orientarão as políticas pedagógicas da educação infantil à universidade, porque o que vale mesmo é quando as práticas chegam à sala da aula’, afirmou o ministro. As diretrizes foram aprovadas pelo Conselho nacional de Educação (CNE), após diálogo com os sistemas de ensino, sociedade civil e diferentes instâncias governamentais.

As diretrizes aconteceram em um momento extremamente relevante para o Brasil: na Rio+20, com objetivo de levar os estudantes dos mais variados tipos de escolas a discutir e aprender sobre Educação Ambiental.

A Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO, 1987), considera que a Educação Ambiental é um processo de aprendizagem e de ação educativa permanentes, através das quais os indivíduos e as comunidades adquirem a consciência de que são parte integrante do meio ambiente, além de conhecimentos, habilidades, experiências, valores e a

determinação que os tornam capazes de agir, individual ou coletivamente, na busca de soluções para os problemas ambientais, presentes e futuros.

Para a formação desse estudante cidadão, Lima (2007, p. 34), em seus estudos, apresenta duas lógicas complementares, uma educação ambiental no âmbito coletivo e individual:

A Educação ambiental, como um processo mediador, possibilita a construção coletiva do processo de desenvolvimento sustentável para os setores produtivos, com uma proposta metodológica aberta, cujo o modelo é gerar soluções a partir da participação social. Neste sentido, entendo que a Educação Ambiental Formal e Não-Formal é um processo de *práxis* educativa, que tem por finalidade a construção de valores, atitudes, conceitos, habilidades, normas, saberes e práticas partilhadas para a construção de um estilo de pensamento que contribua para a Cidadania Ambiental.

Quando conhecemos um objeto de estudo com profundidade, nos tornamos responsáveis pelo que sabemos, e mudar o comportamento é difícil. Esse motivo nos leva a crer que não buscar em estudos, leituras, programas de televisão, internet saber como está à parte ambiental do planeta, a relação que o ser humano tem com o ambiente, torna-se mais fácil e mais cômodo.

Por outro lado, preparar professores em sua formação com um olhar transdisciplinar poderia ser o objetivo principal das instituições de ensino nas próximas décadas. Evitaríamos muitas ameaças sofridas em nosso planeta.

Nicolescu (1999, p. 22) define a transdisciplinaridade como:

[...] o prefixo 'trans' indica, diz respeito àquilo que está ao mesmo tempo *entre* as disciplinas, *através* das diferentes disciplinas e *além* de qualquer disciplina. Seu objetivo é a compreensão do mundo presente para o qual um dos imperativos é a unidade do conhecimento. [grifo do autor]

O desenvolvimento da transdisciplinaridade é uma prática recente no contexto educacional, não existem muitas experiências que possam servir de referência, ainda se observa insegurança sobre esse movimento transformador da realidade pedagógica. Porém, à medida que este entendimento é conseguido, o professor mediador que conhece a rede de conexões existentes nas questões sociais, ambientais e na arte, possibilitará os primeiros passos na busca da excelência do ensinar.

Para que isso aconteça, Guimarães (1995, p. 30) afirma que em “Educação Ambiental é preciso que o educador trabalhe intensamente a integração entre o ser humano e ambiente e se conscientize de que o ser humano é natureza e não

apenas parte dela”. Diante disso, o educador engajado e comprometido com a Educação Ambiental, em diferentes níveis de consciência, exemplifica com seu modo de vida e atitudes, o papel que desempenha.

Atualmente, nas universidades, temos um tímido enfoque interdisciplinar que segundo Coimbra (2002, p. 293) “É a característica que se atribui a um tema, objeto ou abordagem cuja exposição ou concretização se interessam duas ou mais disciplinas que, intencionalmente, estabelecem nexos e vínculos entre si”. Evidenciam-se integração das disciplinas, da visão de conjunto de uma realidade, do estabelecimento de uma linguagem comum sobre determinado assunto e, como diz Morin (2005, p. 115), “[...] pode significar troca e cooperação, o que faz com que a interdisciplinaridade possa vir a ser uma coisa orgânica”.

Por esse motivo entendemos que não existe estranheza quando falamos em Arte, Educação Ambiental e Formação de Professores de forma orgânica e interdisciplinar, são categorias de âmbito científico e sensível, aliadas podem modificar a realidade circundante sobre o processo educacional, sobre o meio ambiente.

De acordo com Fazenda (2002, p. 11) “Interdisciplinaridade é uma nova atitude diante de questões do conhecimento, de abertura à compreensão de aspectos ocultos do ato de aprender e dos aparentemente expressos, colocando-os em questão”. A complexidade dos problemas atuais da sociedade requer do professor uma ampliação do olhar para a realidade que o estudante traz para dentro da sala de aula, sendo possível inserir nos conteúdos curriculares, temas de relevância a serem discutidos, como no caso o meio ambiente.

A interdisciplinaridade nos leva a outro tipo de pessoa, mais flexível, crítica solidária e autônoma, capaz de viver em sociedade de forma mais integrada e como diria Fazenda (2002, p. 20) que “[...] tenha a ambiguidade por procedimento”.

A interdisciplinaridade quando perpassa a formação do estudante universitário, somada à presente função social da universidade e da escola, provoca um novo tipo de professor, capaz de entender os espaços citados como locais de articulação de saberes, de ser reflexivo sobre suas ações e sobre os próprios conhecimentos na ação, num processo de ressignificação permanente do conhecimento.

Como afirma Capra (2006, p. 57):

Não é exagero dizer que a sobrevivência da humanidade vai depender da nossa capacidade, nas próximas décadas, de entender corretamente estes princípios da ecologia e da vida. A natureza demonstra que os sistemas sustentáveis são possíveis. O melhor da ciência moderna está nos ensinando a reconhecer os processos pelos quais esses sistemas se mantêm. Cabe a nós aprender a aplicar esses princípios e criar sistemas de educação pelos quais as gerações futuras poderão aprender os princípios e aprender a planejar sociedades que os respeitem e aperfeiçoem.

Transformação nenhuma ocorre de repente, pois acontece no decurso mutante da história. Enquanto organizações sociais do mundo inteiro se mobilizam para buscar soluções para a sobrevivência do planeta, das espécies incluindo a raça humana, os governos mundiais se organizam belicamente com indícios de um possível conflito mundial. O efeito dominó no setor econômico/financeiro na zona do euro a partir de 2008 é visível, pois economias antes consideradas sólidas como Portugal, Itália, Espanha, Grécia entre outras a França e Alemanha, estão sentindo a perda de capital, com quebra de bancos e aumento da pobreza. Com tudo isso acontecendo, as atenções estão direcionadas para esses problemas, ficando de lado a parte ambiental.

Diversamente disto, Medina (1999, p. 24) diz que:

A Educação Ambiental permitirá, pelos seus pressupostos básicos, uma nova interação criadora que redefina o tipo de pessoa que queremos formar e os cenários futuros que desejamos construir para a humanidade, em função do desenvolvimento de uma nova racionalidade ambiental. Torna-se necessário a formação de indivíduos que possam responder aos desafios colocados pelo estilo de desenvolvimento dominante, a partir da construção de um novo estilo harmônico entre sociedade e a natureza e que, ao mesmo tempo, sejam capazes de superar a racionalidade meramente instrumental e economicista, que deu origem às crises ambiental e social que hoje nos preocupam.

O entendimento das relações de interdependência entre o que acontece na sociedade e no mundo faz parte dos esclarecimentos de um educador ambiental. A visão cartesiana do mundo permitiu o desenvolvimento da nossa ciência e tecnologia atual, porém, é hora de transformar o pensamento, procurar outras formas de viver no planeta sem destruí-lo, para isso uma nova visão holística existencial emergirá com propostas de ética e de valores para Educação Ambiental.

Essas considerações levam a pensar que a Educação Ambiental ainda é um grande desafio, passa por aprendizagem de conceitos, visão periférica sobre o meio ambiente, transformação da escola, formação do professor e formação do aluno, bem como, a participação da sociedade em todos os processos, sejam eles formais ou não formais. Como estamos falando de Educação Ambiental, Formação Inicial de

Professores e Arte, entende-se que estas categorias juntas são agentes construtores de significados, coordenadoras de situações de ensino e aprendizagem, e apreciadoras de uma estética ambiental, numa perspectiva reflexiva da realidade contemporânea.

2 ENSINO DA ARTE E FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES: DESAFIOS E IMPLICAÇÕES

Figura 4 — Escola de Atenas (1510-11)



“Não existe meio mais seguro para fugir do mundo
do que a arte, e não há forma mais
segura de se unir a ele do que a arte”.
Johann Goethe

Fonte: abrancoalmeida. com (2012)

O capítulo aborda um breve histórico sobre o percurso do ensino da arte no Brasil, que teve início com a invasão de modelos trazidos de fora do país e impostos sobre nossa cultura, desde a chegada da corte portuguesa. Portanto, conhecer parte dessa história, auxilia a entender a formação do professor de arte na atualidade e os desafios e implicações que surgem no processo de construção de uma prática interdisciplinar a que se propõe esta pesquisa.

2.1 O ENSINO DA ARTE

Na atualidade, ocorreram muitas mudanças na forma como as aulas de arte são ministradas, leva-se em conta o processo criador do aluno, a leitura de códigos, consciência da cultura ao seu redor e capacidade crítica.

Zordan (2010, 14):

Por isso, pensar o ensino da Arte implica o estudo das perspectivas obtidas dentro do conturbado campo de experiências daquilo que se concebe como prática e fruição artística e os conceitos que interagem com a amplitude de suas definições: o Belo, a estética, a técnica, a materialidade, o sensível, a percepção, a criação. Tudo isto sem perder de vista que a arte nunca deixa de ser uma ação social.

Porém, nem sempre foi assim, um longo caminho foi percorrido pelo ensino da arte no Brasil. Fez-se um breve histórico desse ensino e suas articulações,

começando pela vinda da Missão Artística Francesa (1816), liderada pelo literato Joachin Libreton e um grupo de artistas franceses que, de acordo com Barbosa (2002) tinham como objetivo criar a Escola Real de Ciências e Ofícios para o ensino das Belas Artes no Brasil. Mais tarde, em 1826, a escola passa a ser chamada de Escola Nacional de Belas Artes.

lavelberg (2003, p. 110) sustenta que nessa época “[...] aprendizagem se dá através da mimese – cópia de ‘modelos’ e do ‘natural’ – pela repetição mecânica de modelos, e não por imitação ativa sobre o modelo da natureza ou da cultura”

O ensino da arte no Brasil começou com modelos trazidos de fora do País e impostos sobre nossa cultura. As práticas de Atelier, a aprendizagem do desenho ou trabalhos manuais, com o fim de adquirir certas habilidades e destrezas do conhecimento e certo gosto, são experiências formativas relacionadas à história da disciplina de Educação Artística. Outras questões que nos fazem refletir é o caráter prático e manual, levando a aprendizagem artística ser considerada um saber informal ou de pouca importância e não como um campo de conhecimento organizado que pode ajudar a interpretar o passado, a realidade presente e a nós mesmos.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997), a partir de 1950, outras disciplinas, além do Desenho, passaram a fazer parte do currículo escolar, entre elas a Música, Canto Orfeônico (desde os anos 30), os Trabalhos Manuais (separadamente para meninos e meninas), para adquirir certas habilidades e destrezas do conhecimento e certo gosto, são experiências formativas relacionadas à história da disciplina de Educação Artística. De acordo com lavelberg (2003), as festas escolares eram comemoradas com apresentação de teatro, sem muita preocupação com a interpretação ou improvisação. Os programas eram dados pelos adultos sem levar em conta as características de idade. A criança decorava sua fala e o fim da fala do colega para saber a sua vez de “interpretar”.

O trabalho de interpretação exige que o ator seja sensível, emotivo e racional ao mesmo tempo, observador, perceptivo, imaginativo, enfim que apele para todas as suas capacidades intelectuais, que podem através de exercícios serem desenvolvidas.

As concepções de Reverbel², mostram a evolução do teatro no decorrer dos anos. Os jogos dramáticos na escola proporcionam o desenvolvimento intelectual do aluno, não sendo o teatro apenas um ritual de repetições, mas a conscientização e aprimoramento da percepção sensorial, da imaginação e da criatividade.

A anterior concepção sobre o caráter prático e manual, levando a aprendizagem artística ser considerada um saber informal ou de pouca importância e não como um campo de conhecimento organizado que pode ajudar a interpretar o passado, a realidade presente e a nós mesmos, leva a pensar em como o ensino da arte evoluiu.

De acordo com Lavelberg (2003), na escola tradicional, os conteúdos eram prioridade, a aprendizagem era a reprodução e não o processo. Não havia preocupação com a criatividade, tudo era mecânico e repetitivo. Não havia vínculo com a realidade social do aluno, nem com as diferenças individuais. A autoridade do professor, a disciplina, organização eram os métodos empregados.

Autores como Victor Lowenfeld (a partir de 1939), nos Estados Unidos, e Herbert Read (a partir de 1943), da Inglaterra, marcaram os trabalhos dos professores de arte. No Brasil, nos anos de 1970 a 1971, o método de Victor Lowenfeld foi largamente difundido nas classes de Arte, muitos professores haviam lido seu livro intitulado *Desarrollo de la Capacidad Creadora*. A proposta desse autor se desencadeia pela proposição de tema e tem sobrevivido, tornando-se firmemente aceita como um deflagrador de elevado nível. Herbert Read em seu livro “Educação para a Arte” (1977), (traduzido por vários países), contribuiu para a formação de um dos movimentos mais significativos do ensino artístico. A base desse pensamento é ver a arte não apenas como uma das metas de educação, mas sim como seu próprio processo, que é considerado também criador. O ensino da arte é um movimento educativo e cultural que busca a contribuição de um ser completo, total, dentro do pensamento idealista e democrático.

Segundo Lavelberg (2003, p.113) o artista plástico e arte-educador brasileiro “Augusto Rodrigues (1948), na sua Escolinha de Arte do Brasil, no Rio, seguia a

² “Olga Garcia Reverbel (São Borja RS 1917 – Santa Maria RS 2008). Teórica, autora e professora. Pioneira nos estudos e práticas das relações entre teatro e educação no Brasil e autora de diversas publicações sobre o tema, Olga é considerada nacionalmente uma das precursoras do movimento conhecido como Teatro e Educação, alinhado às questões da cena e da educação contemporâneas, presentes nos debates sobre ensino de teatro”. (ITAÚ CULTURAL, 2012).

orientação de Read e divulgou o Movimento Educação pela Arte, baseado na expressão da liberdade criadora individual; e no papel do indivíduo na sociedade”.

É com estas idéias que Barbosa (2001) revela em seu livro “John Dewey e o ensino da arte no Brasil”, as ressonâncias do pensamento de Dewey, sua proposta para o ensino da Arte nas escolas. Infelizmente, essas idéias foram sendo distorcidas, as experiências ficaram de lado e aos poucos foram sendo abolidas do ensino de arte que passou a ser um mero fazer.

A Semana de Arte Moderna, realizada nos dias 13, 15 e 17 de fevereiro de 1922, no Teatro Municipal de São Paulo, foi um marco na concepção do fazer e compreender a obra de arte. Cada dia da semana foi dedicado a um tema: respectivamente, pintura e escultura, poesia, literatura e música. Os modernistas, rejeitando o passado acadêmico, desejavam uma linguagem mais de acordo com o seu tempo, e também buscavam desenvolver a arte brasileira autêntica, que refletisse as características do povo, do país.

Uma grande mudança ocorreu com o movimento modernista que trouxe grande impacto para o mundo das artes. Nas artes plásticas, o ensino teve baseado nas crenças modernistas sobre a natureza da arte, seu papel na sociedade, o caráter da criatividade artística, e observações pertinentes à originalidade artística. Foi o modernismo que detém a chave da idéia de que a criança poderia criar arte.

O período de 1958 a 1963 teve uma importância decisiva para a educação e buscava a sua emancipação. Segundo Lavelberg (2003, p. 116) “A educação visava à conscientização do povo, reivindicando uma educação democrática e de qualidade e queria redimensionar o trabalho escolar público de toda população”. Surgiram correntes que propunham uma educação liberadora, influenciada por Paulo Freire, educador brasileiro. Porém, a ditadura militar de 1964 vem sufocar esse movimento, impedindo-o de florescer.

Quando a Escola Nova estava no auge, com o movimento pela “livre expressão” nas escolas primárias, o Estado Novo iniciou a repressão no campo educacional, perseguindo professores, demitindo-os ou provocando seus pedidos de demissão.

Lavelberg (2003, p. 115) cita que “A escola tecnicista, existente a partir de 1950 nos Estados Unidos da América (EUA), instalou-se no Brasil nos anos de 1960 e 1970, visando a uma sintonia com interesses da sociedade industrial e a preparação dos alunos para o mercado de trabalho”. A valorização do processo de

industrialização e de desenvolvimento econômico explicita-se pelo empenho em incorporar o moderno, o tecnológico no currículo.

Conforme Rizzi *in* Barbosa (2002), na década de 70, Elliot Eisner, arte educador e pesquisador americano, identifica duas posturas básicas em relação ao ensino da arte: a contextualista e a essencialista. Contextualista enfatiza as consequências, instrumentais da arte na educação centrando a dinâmica da interação entre objetos, métodos e conteúdos, nas necessidades das crianças. Acredita que um programa de arte-educação só pode ser estabelecido depois de determinadas as características das crianças com as quais se irá trabalhar e da sociedade em que elas vivem. Essencialismo acredita que a arte contribui para a educação do homem, precisamente com aquilo que outros campos de estudos podem contribuir. Ela é o único meio do homem comunicar, relacionar sua individualidade com o genérico do espírito humano. O único meio de integrar sua experiência isolada e particular com a experiência da humanidade.

Com a assinatura da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 5692/71), introduziu-se a Educação Artística no currículo escolar de 1º e 2º graus com a seguinte redação: “[...] não é uma matéria, mas uma área bastante generosa e sem contornos fixos, flutuando ao sabor das tendências e dos interesses”.

O despreparo e a insegurança por parte dos professores dava-se pela formação universitária insuficiente e pela falta de tempo para aprofundar seus conhecimentos. Esses são alguns dos problemas apresentados no ensino artístico, após dez anos da Lei 5692/41, em 1981 torna-se obrigatório o ensino da Educação Artística nas escolas de 1º e 2º graus. Nesse período, devido à urgência em resolver os problemas apresentados com o ensino da arte, movimentos de organização de professores de Arte, como as associações de arte educadores que se formam em diferentes estados ou regiões do país, iniciaram a realização de congressos e encontros estaduais, nacionais e internacionais para discutir questões referentes à arte, aos cursos universitários de formação de professores de arte, aos aspectos políticos através de debates estruturados em pequenos grupos ao redor de problemas estabelecidos como a imobilização e o isolamento do ensino da arte e outros.

Kehrwald (1999, p. 21) argumenta que:

No final da década de 80, no entanto, surgiram no Brasil, as idéias que deram corpo ao entendimento de que a arte não é só expressão, mas é também conhecimento, é comportamento inteligente e também sensível, o

que eliminou a dicotomia entre cognição e emoção e pavimentou o terreno para a circulação dos fundamentos de uma proposta de ensino da arte ancorada na própria arte, em sua história, em sua apreciação e em seus fazeres.

Surge nessa mesma época, o movimento de arte educação DBAE, que conforme Rizzi (2002) *in* Barbosa (2002) é a sigla de *Discipline Based Art Education* traduzido como “Arte Educação entendida como Disciplina” que propõe o ensino de arte da *Getty Foundation* a partir de extensa e cuidadosa pesquisa efetivada em 1982. As disciplinas são: História da arte, estética, crítica e produção artística.

Os pesquisadores contratados consideram que a epistemologia da arte não se configura somente pelo fazer artístico. Segundo eles, é necessário também refletir, exercitar para julgamento, comparar, analisar a interpretar para conhecer a arte, além de ser imprescindível entender o processo da arte no tempo e na cultura.

De acordo com Elliot Eisner, as quatro disciplinas básicas do DBAE correspondem “[...] às quatro coisas principais que as pessoas fazem com a arte. Elas fazem. Elas olham. Elas entendem o lugar da arte na cultura, através dos tempos. Elas fazem julgamentos sobre qualidades” (BARBOSA, 1994, p. 36).

A Proposta Triangular do Ensino da Arte, desde sua divulgação no Brasil, passou por muitas alterações para que se desse o entendimento do processo de aprendizagem. A educação que se pretende com a Proposta Triangular é uma construção crítica do conhecimento construído pelo aluno, com mediação do professor, acerca do mundo visual.

Rizzi (2002, p. 70): menciona que:

A Proposta Triangular permite uma interação dinâmica e multidimensional, entre as partes e o todo e vice-versa, do contexto do ensino da Arte, ou seja, entre as disciplinas básicas da área, entre as outras disciplinas, no inter-relacionamento das três ações básicas: ler, fazer e contextualizar e no inter-relacionamento das outras três ações decorrentes; decodificar/codificar, experimentar, informar e refletir.

No Brasil a Professora Dr^a. Ana Mae Barbosa adaptou a teoria DBAE que, originalmente, propunha quatro instâncias do conhecimento em arte: a produção, a crítica, a estética e a história da arte, para o nosso contexto, denominando inicialmente de Metodologia Triangular e ora abordagem ou Proposta Triangular por envolver três vertentes: a leitura de imagem (obra de arte), o fazer artístico e a história da arte. Uniu a crítica e a estética na dimensão leitura de imagem.

O ensino da arte, hoje, tem possibilitado avanços epistemológicos significativos e abrangentes, não cabe nesta pesquisa ir além do breve resgate histórico acima descrito, mas frisar a importância de entender como os professores de arte acompanharam e reexaminaram suas linhas de ação e suas bases de ensino. O ensino da arte passou por várias etapas de estudos, organização, pesquisa e aprimoramento em seu modo de comunicar, ensinar e aprender. Por isso mesmo, tornou-se uma disciplina que fez sua história, conquistou seu espaço e hoje é vista com outros olhos pelo mundo acadêmico e por parte da sociedade.

2.2 FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES

Apreciar o afresco pintado por Rafael Sanzio sobre a Escola de Atenas, inspira-nos a pensar sobre a formação do ser humano e o conhecimento científico, além da filosofia, que é o tema central da obra. Entende-se por formação, uma ação de construção de si próprio, das interações sociais, culturais, valores éticos e estéticos, da busca por conhecimento, da forma de ver e estar no mundo.

Então, para começar a falar sobre a Formação Inicial de Professores, é relevante levar em consideração a formação que cada estudante tem e que trará consigo para a universidade, o que pode implicar o desenvolvimento do seu aprendizado, nas relações que fará com os conhecimentos científicos que irá adquirir.

Quem é o estudante que a universidade recebe? Quais são os seus anseios? o que ele espera do curso? Qual sua formação? Qual sua relação com a arte? Como se relaciona com o ambiente? Como faz leitura de mundo? São perguntas geralmente feitas pelos professores universitários a si mesmos quando vão para sala de aula para contribuir com seus conhecimentos na formação do futuro professor. Não conseguiríamos responder a essas perguntas que se perdem na complexidade das inúmeras respostas e da subjetividade composta pelo grupo.

São inquietações que movem a prática pedagógica e não será diferente quando esses mesmos estudantes estiverem em uma sala de aula recebendo seus alunos com todos os tipos de desafios possíveis ao professor, muitos deles pautados em questões cognitivas, afetivas, inclusivas, indisciplinares e de estrutura familiar. De acordo com Henández (2007, p. 93) “Não se separa quem aprende e quem ensina (com suas inquietações, temores e desejos) do processo de ensinar e

aprender a compreender o mundo, as situações emergentes e as relações dos sujeitos com eles mesmos e com os outros”.

Formar professores exige compromisso, cultura, ética e valores. Significa ir além da Matriz Curricular do curso, Lavelberg (2003, p. 51) considera que “[...] é imprescindível que, nos projetos de formação inicial e contínua de professores, o saber; o “saber fazer” e o “saber ser” estejam interrelacionados [...]”, todos são saberes necessários para uma formação de qualidade.

Nesses caminhos dos diversos saberes encontra-se o professor de arte, que visa uma formação crítica do conhecimento construído, educação cultural e preparo para trabalhar com a educação estética e a criação.

Fusari (1993, p. 49) considera que ser professor de arte:

É atuar através de uma pedagogia mais realista e mais progressista, que aproxime os estudantes do legado cultural e artístico da humanidade, permitindo, assim, que tenham conhecimento dos aspectos mais significativos de nossa cultura, em suas diversas manifestações. E para que isto ocorra efetivamente, é preciso aprofundar estudos e evoluir no saber artístico e estético.

Os quatro anos passados num curso universitário, é um período muito pequeno para contemplar todo o conhecimento necessário para a formação do professor. Um bom curso estimula o estudante a buscar grupos de estudos, visitação aos museus, informações em livros, internet, pesquisa, reflexões, discussões com colegas, estudo de meio entre outros. Isso movimenta, revigora e traz amadurecimento do saber.

Acredita-se que a principal meta do professor é formar alunos para a cidadania, para viver em sociedade. Por isso, a preparação do professor para entrar na sala de aula é ampla, envolve estar ciente do que diz o Projeto Pedagógico da Escola, do que preconiza os PCN's, de como se dá o processo de ensinagem, a aprendizagem de seus alunos em determinada faixa etária, quais as habilidades e competências a serem desenvolvidas, quais conteúdos, objetivos, metodologias e avaliação a serem atingidos nesse processo. A competência na formação do professor segundo Anderson *apud* Perrenoud (2001, p. 28) envolve “[...] conhecimentos, habilidades e atitudes necessários para garantir as tarefas e os papéis de professor”.

Para desenvolver um curso de formação de professores adequado às necessidades atuais exigidas pelo sistema educacional, torna-se importante que os

conhecimentos e técnicas adquiridos durante o curso perpassem as linhas divisórias das ciências, mesmo o modelo sendo formatado por disciplinas³.

Para Morin (2001, p. 14):

[...] a supremacia do conhecimento fragmentado de acordo com as disciplinas impede frequentemente de operar o vínculo entre as partes e a totalidade, e deve ser substituída por um modo de conhecimento capaz de apreender os objetos em seu contexto, sua complexidade, seu conjunto.

O curso de Artes Visuais tem um diferencial dos demais cursos de licenciatura, a Arte. A Arte em sua forma e significado, autora da quebra de paradigmas ao longo da história, revelada em inúmeras linguagens artísticas que se transformam a cada momento, num movimento de descobertas, de significados que a torna instigante e desafiadora. Ao mesmo tempo em que é simples entendê-la, é dotada de complexidade em suas relações. Ela tanto é disciplina como pode ser um recurso pedagógico utilizado pelo professor para ensinar conteúdos de outra área do conhecimento.

A arte possibilita a transposição didática, termo que, segundo Perrenoud (1993, p. 25), é uma “[...] ação de fabricar artesanalmente os saberes, tornando-os ensináveis, exercitáveis e passíveis de avaliação no quadro de uma turma, de um ano, de um horário, de um sistema de comunicação e trabalho”. Portanto, o curso que privilegia uma ação reflexiva e crítica, que possibilita pensar de forma a tornar o ensino da arte uma construção diária de saberes, que trabalha com seus estudantes as relações das inúmeras ciências surgidas durante as aulas, pode-se dizer que tem um ensino de excelência.

Por outro lado, um curso que tem uma gama enorme de teorias e recursos disponíveis, mas não deixa suas portas e janelas serem abertas, condiciona posteriormente o meio educacional a uma conveniente omissão e responsabilidade sobre o entorno, pior ainda, os profissionais não percebem criticamente a sociedade que estão inseridos, e como se observa, acabam não garantindo aos alunos uma aprendizagem significativa de fato em qualquer segmento.

Como diz Freire *apud* Apple (1998, p. 52), “[...] ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua própria produção ou a sua

³ São conjuntos e modos de explicar (saber), de manejar (fazer), de refletir, prever comportamentos e fenômenos, e dos métodos e normas associados a esses modos. Os modos, os métodos e as normas são organizados segundo critérios próprios e específicos, que constituem a epistemologia (GUEVARA et al, 1998, p.15).

construção”. Mostrar caminhos, mediar a aprendizagem, pensar o ser humano para viver em comunidade, respeitando o seu semelhante e qualquer tipo de vida, possibilita ao educador da atualidade, ver-se de outra forma. O reconhecimento de si mesmo nas atribuições que lhe são feitas.

Segundo Morin (2007, p. 69):

A escola não pode apenas ensinar a aprender, preparar só para vida profissional. A educação social é importante, para compreender as raízes da desigualdade [...]. A ética inclui a integração com todas as dimensões ecológicas, com os seres vivos, as plantas, a Terra, o universo. Temos de aprender a nos sentir parte do planeta, superando divisões territoriais, étnicas, religiosas, até que nos sintamos parte deste planeta.

Observa-se que as universidades têm um papel importante para a formação de seus estudantes, sobre sua relação com o planeta e na preparação de seus professores para a educação em sustentabilidade. Esta emergirá de profissionais que querem mudanças, quem sabe surja uma nova forma de educação. De acordo com Laveg (2003, p. 53) “Os cursos de formação podem reorientar a consciência dos educadores sobre si mesmos, como agentes do processo educativo, autônomos, questionadores e criadores de propostas pedagógicas”. Nessa perspectiva, o educador estará mais bem preparado para estabelecer um diálogo com o que acontece nas diferentes experiências de sala de aula, da escola e fora dela.

Martins (2002, p. 52), argumenta que para ser professores de arte:

[...] temos de conhecer desde os conceitos fundamentais da linguagem da Arte até os meandros da linguagem artística em que trabalha. Temos de saber como ela se produz — seus elementos, seus códigos — e também como foi e é sua presença na cultura humana, o que implica numa visão multicultural, na valorização da diversidade cultural.

Nessa teia de atribuições ao professor de arte, cabe suscitar que ele também seja capaz de ser um pesquisador, questionador, buscador de novas e emergentes propostas educacionais.

Segundo Martins in Barbosa (2002, p. 55):

[...] capazes de trabalhar em projetos inter e transdisciplinares, não só com o olhar voltado para as linguagens da Arte, mas para a história, o meio ambiente, a linguagem verbal, os avanços da ciência e da tecnologia, porque tudo está no mundo contemporâneo.

A reflexão sobre a Formação de Professores, Artes e Educação Ambiental é um processo construtivo interdisciplinar, que tem respaldo nas Diretrizes

Curriculares Nacionais (DCN) do curso de Graduação em Artes Visuais, no parecer nº 280/2007, aprovado em 06 de dezembro de 2007, que relata no Art. 32. O ensino fundamental, [...], terá por objetivo a formação básica do cidadão, mediante: “II — a compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade”.

São amplas dimensões de estudo que envolvem a formação do estudante. Em Artes Visuais, pode-se perceber que a educação ambiental está presente. A DCN para o curso de graduação em Artes Visuais, Licenciatura e Bacharelado discorre também sobre: a) o perfil desejado; b) as competências e habilidades; c) Conteúdos curriculares; d) Estrutura geral do curso de graduação em Artes Visuais; e) Projeto Pedagógico.

O item a seguir se refere aos Conteúdos Curriculares e fica evidente a flexibilidade de se trabalhar as diversas áreas do conhecimento, bem como os temas transversais e, principalmente, a Educação Ambiental tema desta pesquisa. Segue o tópico:

II — nível de desenvolvimento: estudos e processos de interação com outras áreas do conhecimento, tais como filosofia, estética, sociologia, comunicação e teorias do conhecimento, com o objetivo de fazer emergir e amadurecer a linguagem pessoal do formando através da elaboração e execução de seus projetos.

Na Resolução nº 1, de 16 de Janeiro de 2009, o Conselho Nacional de Educação (CNE), Câmara de Educação Superior (CES) aprova as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Artes Visuais e dá outras providências e aprimoramentos, porém não existe referência de modo claro a Educação Ambiental.

Antes disto, em 1997, as escolas têm acesso aos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental que está organizado da seguinte forma: de 1ª a 4ª série e de 5ª ao 8ª série ou por ciclos 1º e 2º, 3º e 4º, respectivamente, e Ensino Médio, são constituídos por dez volumes, um para cada disciplina. Em todos os volumes, inclusive dos temas transversais, existem nas primeiras páginas os Objetivos Gerais do Ensino Fundamental. Registram-se os três de maior interesse desta pesquisa, eles indicam que os alunos sejam capazes de:

Compreender a cidadania como participação social e política, assim como exercício de direitos e deveres políticos, civis e sociais, adotando, no dia-a-dia, atitudes de solidariedade, cooperação e repúdio às injustiças, respeitando o outro e exigindo para si o mesmo respeito;

Conhecer características fundamentais do Brasil nas dimensões sociais, materiais e culturais como meio para construir progressivamente a noção de identidade nacional e pessoal e o sentimento de pertinência ao país;
 Perceber-se integrante, dependente e agente transformador do ambiente, identificando seus elementos e as interações entre eles, contribuindo ativamente para a melhoria do meio ambiente.

Assim, a DCN do curso de Graduação em Artes Visuais, Resoluções e PCN's trazem orientações sobre como trabalhar com os temas transversais, mas também fazem perceber muitas dúvidas de como o professor deve agir em sala de aula, são dúvidas simples, como por exemplo, a de articular esses temas ao conteúdo de suas aulas.

Trabalhar com os temas transversais na escola, remete-nos as diferentes identidades que constituem um ambiente escolar, construído na relação interpessoal com os outros, no conhecimento epistemológico, crenças, valores e representações sociais.

Moscovici *apud* Reigota (1998, p. 12) considera que:

Uma representação social é o senso comum que se tem sobre um determinado tema, onde se incluem também preconceitos, ideologias e características específicas das atividades cotidianas (sociais e profissionais) das pessoas.

O professor se forma e se transforma na relação que estabelece entre os que constituem a escola. Por vezes, oferecemos aos alunos um espaço de treinamento, espaço de alienação, de redução da criatividade, de suas potencialidades. Fazer escolhas é fundamental, refletir sobre elas, mais ainda, traz liberdade, plasticidade. A escola é um local de formação crítica e criativa, os participantes da mesma são ativos na construção de suas realidades. Segundo Hernández (2007, p. 16), "O professor é um catalisador que cuida para que cada estudante esteja cada vez mais conectado, para que seja, cada vez mais, participante ativo nessa relação que visa à aprendizagem".

É nesse contexto que a trama de interações sobre os procedimentos para formação do futuro professor revelam inúmeras perguntas: Dentro do curso de licenciatura em artes, existem práticas ambientalistas? Qual curadoria os professores de arte podem fazer para que ao atuarem seus alunos pensem sobre o meio ambiente? Qual a aproximação com artistas que pensam a natureza? Os saberes estéticos? A aproximação com a história? A transformação dos elementos

da natureza em materialidade? Como lidam a partir destas escolhas com o cotidiano?

No livro *Formação Reflexiva de Professores: estratégias de supervisão*, nos estudos de Alarcão (2005, p. 181), sobre ser Professor Reflexivo diz o seguinte:

[...] os processos de formação implicam o sujeito num processo pessoal, de questionação do saber e da experiência numa atitude de compreensão de si mesmo e do real que o circunda. É efectivamente a postura de questionamento que caracteriza o pensamento reflexivo [...].

Emerge, nessa formação, um professor diferente, um professor preocupado em apreender e a fazer com que seus alunos apreendam, num diálogo de integração e reflexão com a Arte e conseqüentemente para a reorganização do conhecimento. É adequado ainda salientar as conexões possíveis que a Arte promove, sua alquimia como veremos a seguir.

3 A ARTE E A ESTÉTICA AMBIENTAL: DESAFIOS E IMPLICAÇÕES

Figura 5 — Seven Trees



Fonte: art-bonobo. com (2012)

Toda obra de Arte é de alguma
maneira feita duas vezes.
Pelo criador e pelo espectador,
ou melhor, pela sociedade à qual
pertence o espectador.
Pierre Bordieu, 1986

O capítulo apresenta a arte e a estética ambiental, ambas perpassam pelas transmutações e transformações na maneira de se olhar uma imagem, de se ver o mundo. Ressalta a criatividade e a leitura de imagem como construção do conhecimento.

3.1 A ARTE

Antes de escrever, o homem primitivo fez desenhos nas cavernas. Desde o período paleolítico, tentou comunicar suas intenções e sentimentos com relação a sua história e cultura. Vale lembrar que os pigmentos eram extraídos da natureza, dos vegetais e minerais e transformados em arte, em comunicação, sendo esta a primeira linguagem do homem, possibilitando consciência reflexiva.

Afirma Duarte Junior (1991, p. 38):

É provável que nos seus primórdios, a arte esteve ligada às manifestações religiosas das tribos primitivas. Ambas — arte e religião — constituíam um todo indivisível, que só posteriormente foi partido em dois fenômenos distintos. O esforço humano de ordenar e dar sentido ao universo encontrou nesta 'arte-magia' primitiva um poderoso meio de ação.

Contudo, a arte foi evoluindo e criando autonomia em seu processo criativo e alfabetizador visual. As linguagens artísticas, como a dança, a música, as artes cênicas e visuais, foram tornando-se parte de todas as culturas, seja de uma forma simples ou mais elaborada, numa aldeia indígena ou em um museu de uma grande

cidade. Por sua vez, hoje a arte pode estar atrelada aos diferentes campos do conhecimento, na melhoria da sociedade, mostrando diferentes conflitos, ou também possíveis soluções a crise social e ambiental. A arte proporciona essa transformação porque atinge a própria consciência dos fatos e acasos da vida.

Ao perguntar o que é arte a qualquer pessoa ou aos alunos em uma aula de artes, possivelmente as respostas mais ouvidas serão muito parecidas: é uma expressão, é comunicação de um estado de espírito, é criação, é sentimento, é refletir a natureza e sua beleza. É tudo isto e um pouco mais, encanta ao apreciar ícones da arte, como por exemplo Renoir e Van Gogh e torna-se especial quando utilizada para abrir caminhos educativos.

Segundo Nunes (2011, p. 15):

[...] ela é fenômeno social e parte da cultura. Está relacionada com a totalidade da existência humana, mantém íntimas conexões com o processo histórico e possui a sua própria história, dirigida que é por tendências que nascem, desenvolvem-se e morrem, e às quais correspondem estilos e formas definidos.

Então, falar de arte é falar de criação, estética, emoções, sentimentos, história e cultura. Também é transformação da matéria, utilização do espaço, dos movimentos, de pôr em prática uma idéia que se manifesta por meio de elementos visuais, (volume, cor, forma, textura, linha, movimento) táteis, sonoros e do corpo. A arte tem a capacidade de recuperar, reaproveitar e embelezar. É geradora do conhecimento, é um conjunto de idéias resultantes da habilidade, imaginação e invenção do ser humano.

Segundo Fusari (1993, p. 19):

[...] a arte apresenta-se como produção, trabalho, construção. Nesse mesmo contexto a arte é representação do mundo cultural com significado, imaginação; é interpretação, é conhecimento do mundo; é também, expressão dos sentimentos, da energia interna, da efusão que se expressa, que se manifesta, que simboliza. A arte é movimento na dialética da relação homem-mundo.

Assinala-se o uso diversificado que se faz do termo arte, as definições são inúmeras em diferentes momentos e conforme as concepções do momento artístico, estético e educacional em questão, varia ao longo do tempo. Ostrower (1987, p. 5) enfatiza que “[...] todo o indivíduo se desenvolve em uma realidade social, em cujas necessidades e valorações culturais se moldam os próprios valores da vida”.

A arte, uma forma essencial de visitar as diversas culturas, permite explorar questões e problemas centrais a condição humana, estimula seu senso crítico, além

de oportunizar aos indivíduos beleza e emoção. A magia da arte está na conexão do que vemos e escutamos com os sentimentos que isso provoca em nós.

Vemos muitas imagens diariamente, moda, construções, televisão, grafite, carros, propagandas, tudo o que as cidades oferecem, um verdadeiro discurso visual, entende-se esse discurso como as transformações da natureza que os homens fazem utilizando sua criatividade, sua arte.

Conforme Ostrower (1987, p. 56) “O criar é um processo existencial”, abrange, além de emoções, a experiência, a capacidade de configurar formas discernindo símbolos e significados que se originam em regiões do consciente e inconsciente, formando a percepção. O processo de criação ocorre no âmbito da intuição levando em conta a experiência do indivíduo a sua participação em práticas sócio-culturais que são expressas na medida em que da forma ao fazer.

A criatividade é uma dimensão da existência humana que evidencia o potencial do indivíduo para mudar, crescer e aprender ao longo de toda sua vida. A capacidade criadora está diretamente associada ao processo de viver e organizar as experiências vividas, ampliando o repertório existencial do indivíduo. As condições para realizar este processo de aprendizagem vivencial são a manutenção da integridade interna da pessoa e sua capacidade interativa com o meio natural e social (LEITE, 1994, p. 207).

O desenvolvimento da criatividade é o que nos facilita a compreensão das etapas evolutivas da vida. É um processo constante, baseado em experiências vividas, de visão de mundo. A criatividade, saúde mental e autoestima andam juntas. Para sermos realizados criativamente, devemos expandir nossa capacidade de ser feliz.

A criatividade é, portanto, inovadora, exploratória, crítica e impaciente diante das convenções. Atraído pelo desconhecido e indeterminado, o risco e a incerteza a estimulam. É a atividade mental inovadora que se afasta dos padrões costumeiros que resulta em mais de uma solução aceitável para um problema. A imaginação acarreta uma infinita possibilidade de criar novos graus de combinações, misturando elementos reais, combinando imagens, fantasias e assim sucessivamente, pois quanto maior a variedade de experiências vivenciadas, maiores são as possibilidades criadoras e imaginativas do sujeito.

Segundo Duarte Junior (1991, p. 53):

Precisamos notar também que em qualquer ato criativo não há apenas um mobilização da razão, da esfera lógica (que se dá através de símbolos). Como já se observou, nossa razão, nossos símbolos (lingüísticos, matemáticos, etc.) estão sempre apoiados em nossas vivências, em nossos sentimentos. Não há ‘pensamento puro’, estritamente lógico: ao pensar,

mobilizamos tanto os símbolos como os sentimentos a eles subjacentes. Desta forma, mesmo nos atos de criação filosófica e científica estão envolvidos os sentimentos humanos — os valores e emoções.

A arte estabelece relações. Ela é em si mesma uma área de criação e de conhecimento. Por exemplo, nas escolas, ao estudar um objeto enquanto forma, é importante perceber e entender o que tem por trás do objeto e o que o contextualiza, caso a obra seja usada com objetivo educacional.

Strieder (2004, p. 349) considera que a:

Qualidade educativa implica em reconhecer o nosso sistema neural como um sistema dinâmico e criativo capaz de injetar as mais diversas realidades. Nossa inteligência não foi feita para ficar inerte, armazenar e estocar informações decodificáveis em obediências.

Encontrar professores que utilizem a arte como fio condutor de conceitos, procedimentos e atitudes em sua prática pedagógica permite uma educação desafiadora, criativa, autônoma e participativa. Não se pode duvidar que um dia isso se torne realidade, que se trabalhe com esta proposta de uma educação por meio da arte educação.

De acordo com Duarte Junior (1991, p. 12):

Esta expressão — educação através da arte — criada por Herbert Read em 1943, popularizou-se e chegou até nós. Posteriormente foi abreviada e simplificada para: arte educação, mas seu espírito original ainda continua vivo. É preciso dirimir dúvidas desde já: Arte-educação não significa o treino para alguém se tornar um artista, não significa a aprendizagem de uma técnica, num dado ramo das artes. Antes, quer significar uma educação que tenha a arte como uma de suas principais aliadas. Uma educação que permita uma maior sensibilidade para com o mundo que cerca cada um de nós.

Diante da importância do tema, busca-se esclarecer não só a sua conceituação, mas também o destaque das contribuições que a arte pode ter na educação integral do aluno.

Afirma Cardoso (1999, p. 119):

O uso da expressão educação integral, historicamente, refere-se à preocupação dos pedagogos da escola nova com múltiplos aspectos ou dimensões da personalidade do educando: o físico, o social, o moral, o artístico e o cognitivo, este último o centro da atividade escolar até o momento.

Então, pensar em questões ambientais é levar em conta que tudo se relaciona, tudo se movimenta. Não é indissociável, nem compartimentado como as disciplinas das matrizes curriculares das instituições de ensino, que ainda são

limitantes e condicionadoras. Formar o ser humano é levar em consideração suas necessidades, cultura, sua razão e emoção.

A Educação através da Arte é, na verdade, um movimento educativo e cultural que busca a constituição de um ser humano completo, total, dentro dos moldes do pensamento idealista e democrático. Valorizando no ser humano os aspectos intelectuais, morais e estéticos, procura despertar sua consciência individual, harmonizada ao grupo social ao qual pertence (FUSARI, 1993, p. 15).

Assim, na fala de Fusari, percebe-se que a Arte pode ser discutida de forma ampla, com influências no comportamento, na discussão de valores, na mudança de hábitos e atitudes, sempre levando em consideração a identidade do estudante, do professor, e do local onde estão inseridos.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais de Artes (1997, p. 19):

A educação em arte propicia o desenvolvimento do pensamento artístico e da percepção estética, que caracterizam um modo próprio de ordenar e dar sentido à experiência humana: o aluno desenvolve sua sensibilidade, percepção e imaginação, tanto ao realizar formas artísticas quanto na ação de apreciar e conhecer as formas produzidas por ele e pelos colegas, pela natureza e nas diferentes culturas.

Existem, ainda, muitas escolas que encaram a arte como mero lazer, distração ou aquém das disciplinas que são ditas mais sérias. Talvez isso aconteça quando não existe um direcionamento claro por parte do docente, ou o compromisso de contribuir para o desenvolvimento de uma atitude reflexiva dos alunos, ou ainda quando as atividades propostas não contemplam a aquisição de pensar para poder agir e transformar. O processo de aprendizagem não acontece ao acaso, é fundamental à motivação dos professores de artes buscar subsídios em proposta de autores que fundamentam sua prática educativa.

Em suma, entre outros conceitos e definições acima relacionados, desenvolve habilidades para perceber e criar significados em diferentes linguagens, desenvolve o pensamento visual e verbal, comunicar, transcender, transformar, mudar, permitir fazer reflexões e relacionar a expressão das obras com outros contextos, como no caso, a compreensão da estética ambiental.

3.2 A ARTE COMO ESTRATÉGIA PARA COMPREENSÃO DA ESTÉTICA AMBIENTAL

Um olhar de contemplação, para além das muitas janelas pertencentes aos

lugares onde o homem habita, permitiriam ver cenários para a criação de uma obra de arte. Qual seria a obra que o futuro professor de artes visuais da UnC pintaria em sua tela representando o meio ambiente? Essa ação criadora dialogaria com a beleza infinita constituída pelos ecossistemas da Terra, da arquitetura do cosmos, ligados à vida e às suas representações? Perceberia a estética inigualável conectada a vida? São respostas difíceis e muito subjetivas de serem dadas, cada pessoa tem seu modo de enxergar o mundo e a vida, de colocar-se perante ela.

Segundo Diez (2012, p. 163):

Estética, habitualmente entendida como sentimento do belo, é, na verdade, sensibilidade, experiência humana que pode ser desenvolvida e aprimorada pelo exercício de experimentar e analisar a própria experiência. A experiência do observador é chamada fruição. A do artista, ao produzir a obra, é chamada fazer artístico. Daí a importância da arte na educação, pois através da vivência da estesia e de seu burilamento, aprende-se a realizar escolhas.

A forte presença da arte, na vida das pessoas e nas escolas, pode consistir em apresentar formas diferentes de se apreciar o mundo, seja pela educação do olhar, do tocar, escutar e do sentir. As escolhas realizadas pelos professores podem ir além do saber nome de espécies e informações sobre sistemas, podem envolver a espiritualidade, a ética da solidariedade e o amor. Cuidar do outro e de si mesmo a partir de um contínuo trabalho interior, objetiva a interdependência de todos os seres. Portanto, cuidar do planeta é cuidar de si mesmo.

Strieder (2004, p. 70) destaca que:

A noção de complexidade pode articular o viver/conhecer, buscando as interfaces e estabelecendo relações entre diferentes áreas do conhecimento, transcendendo seus particularismos, suas hierarquias e centralizações arborescentes e abrindo-se à transversalidade rizomática, a um morfo-rizoma, espiralando a transdisciplinaridade.

Os ecos desse conhecimento estão voltados para a forma de como se vê o mundo, especificamente na arte, como se lê uma imagem? Como esta imagem comunica? Que relações ela permite fazer com outras esferas do conhecimento? Segundo Kehrwald (1999, p. 22), “[...] o conceito de leitura pode ser ampliado para um processo de decodificação e compreensão de expressões formais e simbólicas que envolvem tanto componentes sensoriais, emocionais, intelectuais, neurológicos, quanto culturais e econômicos”. Então, ler é dar significados, é dar sentido, é acrescentar algo ao seu repertório de saberes.

Uma imagem permite olhares rizomáticos a seu apreciador, uma infinidade de leituras, dependendo das relações que seus elementos sugerem. Pillar (2002, p. 73) salienta que “O significado está relacionado ao sentido que se dá à situação, ou seja, às relações que estabelecemos entre as nossas experiências e o que estamos vendo”. Ao estar diante de uma obra, cada pessoa, aluno ou professor traz consigo experiências, lembranças e estilos de vida, que o fazem refletir sobre o que olha. Freire (1993) nos falava de aprender a fazer a leitura do mundo, não mecanicamente, mas vinculando a linguagem à realidade, usava o termo cosmovisão ao referir-se a esse alargamento do olhar.

A leitura de imagem desenvolve as habilidades de ver, julgar e interpretar as qualidades da obra. O processo de alfabetização do olhar é o início do caminho, se bem conduzido vai refletir em aprendizado. No entanto, ao ler uma obra, leva-se em conta não somente a experiência do leitor, mas as condições do tempo histórico em que obra foi feita, em que contexto e qual a visão de mundo do autor.

Pillar (2001, p. 15) faz as seguintes considerações:

Ler uma obra seria, então, perceber, compreender, interpretar a trama de cores, texturas, volumes, formas, linhas que constituem uma imagem. Perceber objetivamente os elementos presentes na imagem, sua temática, sua estrutura. No entanto, tal imagem foi produzida por um sujeito num determinado contexto, numa determinada época, segundo sua visão de mundo. E esta leitura, esta percepção, esta compreensão, esta atribuição de significados vai ser feita por um sujeito que tem uma história de vida, em que objetividade e subjetividade organizam sua apreensão e de apropriação do mundo.

A leitura de uma obra vai crescendo e aprimorando-se à medida que o leitor exercita seu olhar. Porém, esse olhar deve ser amplo para atingir níveis mais profundos de elaboração do sentido do texto. Na educação formal, cabe ao educador apresentar alguns caminhos para a leitura de imagem ao seu aluno, desde conhecer, interpretar e significar a linguagem do que ele está vendo.

Segundo Fusari (1993, p. 74, grifo da autora), “[...] educar o nosso modo de *ver* e *observar* é importante para transformar a consciência da nossa participação no meio ambiente, na realidade cotidiana”. Olhar é visualizar objetos e coisas que estão no plano que nos cerca, o olhar tem várias direções e interpretações, depende do tempo em que a pessoa está inserida e de como ela traduz e relaciona o que vê.

Então, poderíamos perguntar por que é tão importante aprender a apreciar? A apreciação no ensino da arte é um recurso propício à construção de valores e atitudes fundamentais à formação do cidadão: valorizar e respeitar a própria

produção e a dos outros, compartilhar impressões e gostos a partir da observação de diferentes manifestações artísticas, avaliar seus próprios valores, a partir das temáticas das obras de arte, em síntese, é uma aliada para perceber o seu entorno.

Santos (2003, p. 32) salienta que: “[...] o estético nunca é apenas o ponto de chegada, mas, sobretudo, o ponto de partida. O modo pelo qual podemos, não apenas perceber as coisas, mas habitar o mundo”.

O olhar do educador aponta para uma visão voltada também a questões relacionadas à sociedade em que ele e seu aluno estão inseridos, as teorias, tendências pedagógicas, as formas de ensinar, seus objetivos e os desafios do cotidiano escolar, entre outros pontos imprescindíveis na busca de um trabalho de qualidade.

Segundo Hernández (2007, p. 42):

[...] é importante levar em conta que, nas duas últimas décadas, apareceu uma série de perspectivas sobre maneiras de olhar, de representar e sobre a própria concepção da imagem, sob o manto cultural visual, que traz novas contribuições e nos permitem refletir em termos dos fundamentos, das finalidades e das experiências para a aprendizagem ‘de’ e ‘pelas’ artes visuais na Escola.

Um passo importante para os cursos de formação de professores no Brasil, seria propor uma ação docente contemporânea, que considere as situações contextuais, como mola propulsora para as práticas educativas, aliadas à visão de totalidade e ao tipo de ser humano que se quer formar.

Existem alguns estudos feitos por Feldman (1970), Housen (1983) e Parsons (1992) sobre os estágios da compreensão estética, a leitura de obras. No Brasil, surgem estudos a partir dos anos 80. Maria Helena Wagner Rossi (2001), professora e pesquisadora da Universidade de Caxias do Sul (UCS), na área de Educação artística, fez um estudo sobre “A Compreensão do Desenvolvimento Estético”, onde aborda o trabalho de Housen, que após observar duzentas pessoas, concluiu que existem cinco tipos possíveis de leitores, a saber: *Accountive*, *Constructive*, *Classifying*, *Interpretative* e *Re-Criative*. Rossi (2001, p. 25) afirma que “este conhecimento é interessante para o arte-educador brasileiro, no momento em que pretende introduzir, mais sistematicamente, atividades de leitura de imagens no ensino da arte”.

A Educação Ambiental começa a dar resultado quando as pessoas começam a ler o mundo que as cercam. Costa (1999, p. 17) fala que “Aos poucos vamos

desenvolvendo uma forma própria de apreciar esteticamente o mundo que nos rodeia”. É possível estabelecer estágios também para esse olhar, porém, salientamos que não é uma regra, apenas um caminho de percepção de análise.

Segundo Rossi (2001, p. 25 a 33), os cinco estágios de Housen são:

Primeiro estágio: *Accountive* (descritivo, narrativo).

No primeiro estágio, encontram-se as pessoas com pouco convívio com as artes. São impressionáveis pelo tema, que se torna um guia para ler o quadro. As formas, as cores mais manifestas são sempre mencionadas. Prestam atenção aos aspectos mais chamativos da obra e elegem, aleatoriamente, alguns detalhes para análise [...].

Aqui, nesse estágio, podemos fazer a transposição didática da descrição e narrativa de alguém que observa a natureza, assim vai salientar as formas e a cor. Exemplo: uma pessoa ao apreciar um quadro de girassóis, dirá: são girassóis, possuem vários tons de amarelos, há vários tipos de girassóis abertos e fechados, estão colocados em um vaso.

Segundo estágio: *Constructive* (construtivo).

No segundo estágio, a análise não apresenta a arbitrariedade do estágio anterior. Agora o leitor relaciona as partes da imagem com sua totalidade, demonstrando a percepção de uma hierarquia nos elementos. Seu objetivo é edificar algum tipo de estrutura para ler. Como esta estrutura é formada por reflexões acerca de sua própria vida, ele tenta descobrir como o trabalho de arte se encaixa naquilo que ele já conhece sobre o mundo. Quer saber o que a obra significa, dentro de certos padrões, como habilidades, competências e valores. A grande questão é: Como isto é feito?

Ao observar a obra, faz relações com o seu mundo, julgamentos sobre como o quadro foi feito, o tempo que levou para ficar pronto, que técnica e materiais foram utilizados. Exemplo: uma pessoa ao apreciar um quadro de girassóis, dirá: são girassóis, possuem vários tons de amarelo, estão colocados em um vaso, diz como são, a quantidade e descreve o fundo da obra. Vai lembrar de onde viu girassóis pela última vez, talvez de um filme, cujo desenrolar acontecia em meio a uma plantação de girassóis, do óleo advindo de sua flor, ou ainda, que suas flores se voltam para o sol. Energia. Como o artista conseguiu pintar dessa forma, com tanta tinta?

Terceiro estágio: *Classifying* (classificativo)

O olhar do leitor classificativo pode ser comparado com um diagnóstico. Ele acrescenta à sua leitura *quem e por que*. Para compreender a obra, ele busca tanto as informações presentes na própria imagem, suas formas, cores, linhas, etc. bem como as informações da história da arte. Este leitor quer compreender a obra, relacionando-a com um contexto de informações. Sua estratégia é procurar dicas informativas, para decodificá-las e conectá-las ao seu arquivo de dados. Toda informação é valiosa e deve ser preservada [...].

Aqui o leitor transforma-se em um pesquisador, procura em livros e meios midiáticos respostas para suas indagações não respondidas ao apreciar a obra, ele vai além dos dois primeiros estágios. Exemplo: uma pessoa ao apreciar um quadro de girassóis, dirá: são girassóis, possuem vários tons de amarelos, estão colocados em um vaso, diz a quantidade e descreve o fundo da obra. Vai lembrar de onde viu girassóis pela última vez, talvez de um filme cujo desenrolar acontecia em meio a uma plantação de girassóis, do óleo advindo de sua flor ou ainda que suas flores se voltam para o sol. Energia. Como o artista conseguiu pintar desta forma, com tanta tinta? Quem foi o artista desta obra e por que ele fez esta obra?

Quarto estágio: *Interpretative* (interpretativo)

No quarto estágio, a resposta estética fica mais individualizada. O leitor interpretativo é menos objetivo do que no estágio anterior, apesar de ser capaz de decodificar e classificar um trabalho de arte. A interpretação é baseada tanto nas informações presentes na própria imagem, como também na intuição e numa memória carregada de afetos. Se no estágio anterior as emoções eram evitadas, agora elas ressurgem, proporcionando uma interpretação mais sutil e global. [...].

Além de todos os aspectos anteriores, entra em cena a subjetividade, a intuição e a memória. Os aspectos afetivos surgem com maior intensidade. A relação com o gosto fica evidente, “gosto de girassóis”, “este quadro de girassóis é lindo”.

Quinto estágio: *Re-creative* (re-criativo)

O leitor do quinto estágio se aproxima da obra com conhecimento sobre arte em geral e, frequentemente, sobre a obra que está observando. Mas este é só o ponto de partida para o encontro com o objeto estético. Sua aproximação é a de um amigo, leva a obra a sério e acredita nela. [...] muita experiência em analisar obras de arte, uma mente crítica e uma postura responsiva. Ele lê a imagem em muitos níveis, pois sabe que ela se comunica através de jogos visuais, de ambigüidades e de paradoxos.

Por último, o quinto estágio é mais frequente entre pessoas que têm uma relação mais íntima com a arte, como professores e críticos que tem uma familiaridade com obras de arte, possuem uma apreciação estética mais rica.

Assim, é importante que o professor de arte conheça a estrutura do pensamento estético, para possibilitar ao aluno uma apreciação estética mais rica, através da adequação das propostas metodológicas às suas necessidades, para ampliar o conhecimento estético em todas as camadas sociais, não se restringindo a uma minoria de iniciados no assunto.

4 CAMINHOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Figura 6 — Sem nome



“O que vale na vida não é o ponto de partida e sim a caminhada.
Caminhando e semeando, no fim terás o que colher”.
Cora Coralina

Fonte: www.antonioPETICOV.com.br/ (2012)

Neste capítulo, destacam-se os caminhos metodológicos da pesquisa, que pretendem desvelar a relação entre Educação Ambiental e Arte-Educação na Formação Inicial do Professor, na tentativa de contribuir com a construção do modelo teórico que permita responder aos questionamentos e objetivos traçados no planejamento para a pesquisa.

4.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

A dissertação iniciou-se a partir de uma pesquisa bibliográfica, envolvendo leituras e a seleção de livros e artigos que ajudaram na planificação do trabalho. Entende-se que todo o trabalho de pesquisa, os procedimentos para coleta de dados, as análises e as discussões finais estão sempre norteadas por uma determinada compreensão da realidade.

Considera-se o estudo com a 5ª fase do curso de Artes Visuais da UnC Curitiba, única turma do Campus, como sendo um estudo de caso. Essa modalidade de pesquisa conforme Ludke (1986, p. 17):

O estudo de caso é o estudo de *um* caso, seja ele simples e específico, como o de uma professora competente de uma escola pública, ou complexo e abstrato, como o das classes de alfabetização (CA) ou o do ensino noturno. O caso é sempre bem delimitado, devendo ter seus contornos claramente definidos no desenrolar do estudo. O caso pode ser similar a outros, mas é ao mesmo tempo distinto, pois tem um interesse próprio singular.

O estudo de caso é uma das estratégias privilegiadas pelos estudos qualitativos permitindo explorar a subjetividade dos fenômenos educativos.

Gil (2002, p. 138) salienta que:

[...] o conceito de caso, no entanto, ampliou-se, a ponto de poder ser entendido como uma família ou qualquer outro grupo social um pequeno grupo, uma organização, um conjunto de relações, um papel social, um processo social, uma comunidade, uma nação ou mesmo toda uma cultura.

A pesquisa de caráter qualitativo, buscou analisar a possibilidade de relacionar a Educação Ambiental com Arte e Educação na formação inicial de professores do curso de Artes Visuais na Universidade do Contestado em Curitiba.

Conforme Triviños (1990, p. 128):

A pesquisa qualitativa com apoio teórico na fenomenologia é essencialmente descritiva. E como as descrições dos fenômenos estão impregnadas dos significados que o ambiente lhes outorga, e como aquelas são produto de uma visão subjetiva, rejeita toda expressão quantitativa, numérica e toda medida. Desta maneira, a interpretação dos resultados surge como a totalidade de uma especulação que tem como base a percepção de um fenômeno num contexto. Por isso não é vazia, mas coerente, lógica e consistente.

Segundo essa visão, a tarefa da ciência social não é levantar fatos e medir a frequência de certos padrões, mas apreciar as diferentes construções e os significados que as pessoas atribuem a sua experiência.

Para realizar a coleta de dados em um estudo de caso, busca-se utilizar segundo Gil (2002, p. 140) “[...] sempre mais de uma técnica. Isso constitui um princípio básico que não pode ser descartado, obter dados diante de procedimentos diversos é fundamental para garantir a qualidade dos resultados obtidos.” A fim de proceder o desenvolvimento do estudo proposto, foi utilizado um roteiro de questões, leitura de imagem e produção artística,

Na coleta de dados, foi utilizada a técnica do Grupo Focal, que privilegia o campo da investigação social. Essa técnica é atribuída ao sociólogo do século XX, Robert K. Merton. A técnica proporciona ao pesquisador utilizar entrevistas grupais, buscar entender atitudes e preferências, necessidades e sentimentos. Para Banchs (2005, p. 410) “[...], é o uso explícito da interação grupal para produzir dados e *insights* que seriam menos acessíveis fora do contexto de interação que se encontra no grupo”. A utilização e organização do Grupo Focal foi permeada por leituras e esclarecimentos feitos por Bernadete Angelina Gatti, em seu livro Grupo Focal na

Pesquisa em Ciências Sociais e Humanas, de 2005 e a análise de conteúdo foi por meio da “Técnica da Análise de Conteúdo” de Laurence Bardin (1977).

4.2 CONTEXTUALIZAÇÃO DA REALIDADE INVESTIGADA

O município de Curitiba, fundado em 11 de Junho de 1869, localiza-se no planalto serrano, possui atualmente uma população estimada em 37.628 habitantes, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2010. O município possui, na rede municipal, nove Centros de Educação Infantil (CEI), um CEI de campo, cinco Núcleos Municipais e três Escolas do Campo. Na rede estadual, são seis Escolas de Educação Básica, uma com apenas o ensino médio e três escolas particulares. Portanto, Os segmentos vão do maternal ao ensino médio num total de vinte e oito instituições de ensino. O Ensino Superior conta com a Universidade do Paraná (UnP), que faz parte das universidades comunitárias, e a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Campus Curitiba que é de ensino público. Esse é o quadro das instituições de ensino de Curitiba são os possíveis lugares de atuação das alunas que contribuíram com a pesquisa.

A Universidade do Paraná – UnP, situada a Av. Dr Leoberto Leal, 1904, bairro Waldemar Ortigari, na cidade de Curitiba, conta na atualidade com treze cursos de formação, 867 alunos, sendo quatro destes cursos, oferecidos pelo Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (PARFOR), a saber: Ciências da Religião, Licenciatura em Educação Física, Licenciatura em Geografia e o Curso de Licenciatura em Artes Visuais.

Segundo o Ministério da Educação (2009, p.1):

A Plataforma Freire, criada pelo Ministério da Educação, é a porta de entrada dos professores da educação básica pública, no exercício do magistério, nas instituições públicas de ensino superior. Ao mesmo tempo em que coloca em prática o Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica, a plataforma homenageia o educador Paulo Freire.

A Plataforma Freire — PARFOR — como é chamada, é um programa implantado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), em colaboração com as secretarias de Educação dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios e com as Instituições de Ensino Superior (IES). O objetivo principal do programa é garantir que os professores em exercício, na rede pública da educação básica, obtenham a formação exigida pela Lei de Diretrizes e Bases para

os professores em exercício. Aos doze dias do mês de abril de dois mil e dez, cinquenta inscritos foram contemplados com sua inserção gratuita no curso de Artes Visuais, oferecido pelo Plano Nacional de Professores da Educação Básica na Universidade do Contestado em Curitiba, quarenta foram chamados e dez ficaram na lista de espera.

Os envolvidos no processo de seleção são: o professor que indica o curso que deseja fazer; a secretaria estadual ou municipal que valida a inscrição e autoriza a participação nele; a rede de instituições públicas de ensino superior que matricula e faz a formação; e a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), que coordena todo o processo e avalia a qualidade do curso.

O Curso de Licenciatura em Artes Visuais, na UnC, foi criado no ano 2000 e implantado em seus Campi/Núcleos de Rio Negrinho (2000), Caçador (2001), Canoinhas (2002), Porto União (2004), Mafra (2002) e Curitiba (2010). Portanto, o curso escolhido para a pesquisa iniciou em 2010 e, em seu Projeto Pedagógico, diz que sua missão é:

Proporcionar condições de interpretação e mudanças perceptivas nos campos estético, artístico e cultural, por meio dos princípios educativos contemporâneos da arte, articulando, reconhecendo e valorizando os novos pressupostos da arte, seu ensino e aprendizagem, como elementos fundamentais na construção do conhecimento e, sobretudo, como um meio de reflexão crítica da cultura visual na formação da cidadania (2009, p. 7).

Entende-se como campo das Artes Visuais toda a expressão artística através da criação de obras e/ou objetos e imagens destinados à fruição de uma poética visual. Destaca-se que o Curso apresenta três subáreas: Artes Plásticas, Artes Gráficas e Meios Eletrônicos. Buscou-se ainda em seu Projeto Pedagógico (2009, p. 8) o objetivo geral do curso:

Possibilitar a formação do professor habilitado para a pesquisa, a produção e a crítica no ensino e aprendizagem das artes visuais para a Educação, com enfoque no desenvolvimento do repertório estético-artístico e crítico da cultura visual.

A formação do licenciado possibilitará atuar em Unidades de Ensino da Educação básica, sejam públicas ou particulares. Além disso, poderá atuar junto à Educação não formal e como pesquisador no âmbito das artes visuais em projetos vinculados à educação formal ou não.

A matriz curricular conta com a organização curricular de cinquenta e cinco disciplinas, distribuídas em oito semestres letivos, a serem integralizados em, no

mínimo, quatro anos. A carga horária total do curso corresponde a 2910 horas, já computadas as atividades acadêmico-científica-culturais, ou seja, as atividades complementares.

4.3 DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA

Para acompanhar o desenvolvimento da pesquisa é importante assinalar que se teve claro a problemática, os objetivos e a metodologia que se quis alcançar com o estudo, por esse motivo retomamos a seguir em um quadro síntese.

Quadro 1 — Síntese da Pesquisa

QUESTÃO: Como as estudantes da 5ª fase do curso de Artes Visuais na Universidade do Contestado — UnC de Curitiba (SC) relacionam Educação Ambiental e Arte ?		
OBJETIVO GERAL: Analisar a relação da Educação Ambiental com a Arte na Formação inicial de Professores do curso de Artes Visuais na Universidade do Contestado — UnC em Curitiba (SC).		
OBJETIVOS	QUESTÕES	METODOLOGIA
1. Verificar a relevância da Educação Ambiental na formação inicial dos professores do curso de Artes Visuais;	Tem sido articulado na formação inicial dos professores do curso de Artes Visuais da UnC o tema Educação Ambiental?	- Grupo Focal
2. Identificar se e como ocorre a relação da Educação ambiental na formação inicial dos professores do curso de Artes Visuais;	Qual o significado das atividades de Educação Ambiental trabalhadas na formação inicial de professores de Artes Visuais da UnC?	- Grupo Focal
3. Relacionar a educação ambiental e a arte como estratégia para compreensão da estética ambiental como parte intrínseca a formação humana.	Qual a importância da estética ambiental na formação humana?	- Grupo Focal

Fonte: Martins (2012)

4.3.1 Grupo Focal

O grupo focal é segundo Powell e Single *apud* Gatti (2005, p.07) “[...] um

conjunto de pessoas selecionadas e reunidas por pesquisadores para discutir e comentar um tema, que é objeto de pesquisa, a partir de sua experiência pessoal”. Essa técnica pode ser utilizada para realizar levantamento de dados para investigação em ciências sociais e humanas.

Conforme Morgan e Kueger *apud* Gatti (2005. p.09):

[...] a pesquisa com grupos focais tem por objetivo captar, a partir das trocas realizadas no grupo, conceitos, sentimentos, atitudes, crenças, experiências e reações, de um modo que não seria possível com outros métodos, como a observação, a entrevista ou questionários.

Esse tipo de técnica envolveu os encaminhamentos metodológicos a seguir.

4.3.2 Composição do Grupo Focal

São vinte e cinco estudantes, a maioria com a primeira formação em Licenciatura em Pedagogia e, como vimos, foram contempladas para fazer parte do curso de Artes Visuais oferecido pelo Parfor. As professoras trabalham na rede municipal, estadual e nos Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) de Curitiba. Esta característica em comum reafirma os critérios para se eleger as participantes, que segundo Gatti (2005, p. 7) “[...] devem ter alguma vivência com o tema a ser discutido, de tal modo que sua participação possa trazer elementos ancorados em suas experiências cotidianas”. A amostragem veio ao encontro da necessidade de aprofundar os estudos para compreender a formação das professoras em Educação Ambiental.

Foi composto um grupo focal organizado pela lista de frequência com oito estudantes. A reunião foi na Universidade do Contestado – UnC, com data e hora marcados.

Segundo Gatti (2005, p. 28):

O tempo de duração de cada reunião grupal e o número de sessões a serem realizadas dependem da natureza do problema em pauta, do estilo de funcionamento que o grupo construirá e da avaliação do pesquisador sobre a suficiência da discussão quanto aos objetivos.

Todo o procedimento do grupo focal foi feito para melhor responder o problema da pesquisa.

4.3.3 Encaminhamentos Metodológicos — Grupo Focal

A forma de obtenção das percepções ambientais e estéticas ocorreu em três momentos descritos a seguir:

- a) Roteiro de Questões
- b) Leitura de Imagens
- c) Produção Artística

a) Roteiro de Questões:

- Existe relação entre arte educação e educação ambiental? Onde? Como? O que vocês percebem? Etc.
- Tem sido articulado no curso de vocês o tema Educação Ambiental? Como ocorre?
- É possível relacionar a Educação Ambiental e a Arte como estratégia para compreensão da estética ambiental?
- Qual a importância da estética ambiental na formação humana?
- Descrever fatores que facilitam ou dificultam o desenvolvimento dessa relação no curso;

b) Leitura de Imagens:

Instigar sugestões/contribuição associadas às obras de referência “Os doze girassóis” de Vincent Van Gogh, “Os Operários” de Tarsila do Amaral, “Café” de Candido Portinari, “O Beija-Flor” dos OSGEMEOS e “O Reino Pacífico” de Edward Hicks que estão no apêndice B da dissertação. A proposta foi para que as estudantes relacionassem a obra com elementos do ambiente/natureza a questões ambientais como: poluição, emissão de gases poluentes trazida pela industrialização, mudanças climáticas, aumento da população mundial, capitalismo, como sugere, por exemplo, a obra “Operários”.

As cinco obras de arte foram projetadas em aparelho multimídia, com a intenção de se perceber qual o significado as estudantes tinham da relação da arte com as questões ambientais/Educação Ambiental em sua formação e como um recurso visual estimulador às interações. Para Martins (2011) o conceito de curadoria

educativa perpassa pelos modos de ter atitude, de escolher criteriosamente as imagens que levamos para sala de aula.

A escolha das obras para a atividade no grupo focal passou por um longo período de pesquisa e amadurecimento. Inicialmente, um estado da arte em livros e no *Google* Imagens sobre obras de diversos períodos e artistas que trabalhassem com o tema ambiental, ou que remetessem a pensar sobre. Depois a tentativa de relacionar a obra aos possíveis significados que ela poderia suscitar para o objetivo da pesquisa e, finalmente, a escolha.

c) Produção Artística:

Cada estudante recebeu uma folha dividida ao meio, onde fez a representação do Meio ambiente, por meio de desenho. Uma parte continha a categoria sustentabilidade e na outra a não sustentabilidade. Por meio da expressão artística foi possível descrever o entendimento e a importância da estética ambiental que cada uma teve sobre o tema para posterior análise. Exemplo no quadro 2, a seguir.

Universidade do Planalto Catarinense – Uniplac
Programa de Mestrado Acadêmico em Educação
Mestranda: Ligia da Silva Martins
Orientadora: Prof. Dra. Lucia Ceccato de Lima
Grupo Focal

Quadro 2 — Produção Artística sobre o Meio Ambiente — Instrumento de Pesquisa

Ambiente Sustentável	Ambiente Insustentável
Objetivo: Identificar a percepção sobre sustentabilidade ambiental a partir do conceito de estética ambiental.	Objetivo: identificar a percepção sobre a insustentabilidade a partir do conceito de estética ambiental.

Fonte: Martins (2012)

Para a análise dos resultados da pesquisa nos três momentos descritos acima, foi realizada a categorização a partir dos conteúdos que emergirem em cada momento do grupo focal, a mesma ocorreu a partir da “Técnica da Análise de Conteúdo” de Bardin.

Segundo Bardin (1977, p. 117):

A categorização é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo o gênero (analogia), com os critérios previamente definidos. As categorias são rubricas ou classes, as quais reúnem um grupo de elementos (unidade de registro, no caso da análise de conteúdo) sob um título genérico, agrupamento esse efectuado em razão dos caracteres comuns destes elementos. [grifo do autor]

Entende-se que a análise dos resultados dos três momentos foi realizada de forma orgânica, ou seja, de formas diferentes buscou-se obter a compreensão do conhecimento e das percepções do grupo focal da pesquisa sobre Educação Ambiental.

4.3.4 Local das Sessões do Grupo Focal e Registro das Interações

A escolha do local na Universidade do Contestado — UnC Campus Curitiba, justifica-se em virtude da facilidade de acesso por todas as estudantes.

A organização da sala, onde aconteceu o estudo, foi feita pela pesquisadora em conformidade com as informações obtidas na leitura do livro de Gatti (2005). É interessante que os participantes encontrem-se face a face, então o ideal foi uma mesa em forma de U, pois propiciou gravar em áudio e em vídeo. Os registros de todo o processo desenvolvido na pesquisa foi feito por áudio, cursiva, fotos e gravadores.

A pesquisadora convidou a orientadora desta pesquisa, a Dra Lucia Ceccato de Lima para participar como moderadora das atividades no dia da pesquisa.

4.3.5 Aspectos Éticos

Este projeto foi encaminhado ao Comitê de ética em Pesquisa (CEP) da Universidade do Planalto Catarinense — UNIPLAC, tendo em vista a Resolução nº 196/96 do Conselho Nacional de Saúde. O projeto foi avaliado e aprovado sob o protocolo de número 109-12.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

No intuito de analisar a possível relação da Educação Ambiental com a Arte na Formação inicial de Professores do curso de Artes Visuais na Universidade do Contestado — UnC em Curitiba (SC), foi realizado um Grupo Focal no dia seis de Outubro de dois mil e doze, na sala D201, com início às 14h e o término 15h30min. Das vinte e cinco alunas que compõem a turma da 5ª fase do curso de Artes Visuais, houve a participação voluntária de oito alunas, considerado como ideal para grupos focais de até doze componentes e duas moderadoras que foram a professora orientadora e a pesquisadora. Para preservar as identidades das alunas as mesmas receberam o nome de oito Flores/estudantes: Azálea, Amor-Perfeito, Flor de Mel, Flores do Campo, Margarida, Orquídea, Tulipa e Violeta.

Neste dia, a organização da sala para o desenvolvimento do Grupo Focal ficou da seguinte forma: Um semicírculo formado pelas mesas possibilitou a conversa entre todas e a filmagem. No centro, foi colocado um gravador que registrou os diálogos suscitados e mais tarde transcritos nos quadros que estão no apêndice e análise. Outro fato importante foi o uso do aparelho multimídia que mostrava cada etapa do desenvolvimento pretendido pela pesquisadora.

No início do trabalho, as moderadoras fizeram uma explanação revelando que são duas áreas do conhecimento tentando se imbricar, onde se relacionam ou se a possibilidade de relacionamento, Educação Ambiental e Arte. Esta relação possível com vistas à formação do professor. Explicaram os motivos de estarem solicitando a contribuição das estudantes para participarem da pesquisa, do sigilo conforme TCLE com relação às suas identidades e salientaram que não há certo ou errado, todas as ideias e opiniões seriam bem vindas, não se estava em busca de consenso, mas de uma troca efetiva de experiências entre as participantes. Ainda deixaram claro como funciona e qual o objetivo de um Grupo Focal.

Essa conversa inicial criou um vínculo mínimo de trabalho, não interferiu nas respostas mas auxiliou e deu abertura necessária para as contribuições no Grupo Focal. A seguir, foi sugerido dois nomes para o Grupo Focal — Anita Malfatti ou Tarsila do Amaral, pintoras do modernismo brasileiro — as acadêmicas optaram pelo nome de Tarsila. Fizeram uma breve apresentação, constituída por formação, local de trabalho, segmento e disciplina. O quadro 10, a seguir, apresenta as participantes.

Quadro 3 — Participantes do Grupo Focal do Curso de Artes Visuais — Parfor

Acadêmica	Formação	Escola onde Trabalha	Segmento	Disciplina/Função
Amor-Perfeito	Pedagogia	Escola Estadual Escola Particular	Magistério Ed. Infantil	Estágio Supervisionado Regente
Azaléia	Magistério	Escola Estadual	Ensino Fundamental II Ensino Médio	Artes
Flor de Mel	Pedagogia	Escola Municipal	Educação Infantil	Regente (já trabalhou com a disciplina de Artes)
Flores do Campo	Pedagogia	Escola Estadual	Educação Infantil Ensino Fundamental I	Artes
Margarida	Pedagogia	Escola Municipal	Educação Infantil e Ensino Fundamental I	Regente
Orquídea	Magistério	Escola Municipal	Multiseriada de Campo com Educação Infantil e Ensino Fundamental I	Regente
Tulipa	Magistério	Escola Municipal	Ensino Fundamental I e II	Secretaria do Colégio
Violeta	História	Duas Estaduais Escolas	Ensino Fundamental II Ensino Médio	Sociologia da Educação História

Fonte: Dados da pesquisa (2012)

Observa-se que o grupo é bem heterogêneo, existem três acadêmicas que tem o Magistério, uma formada em História, e quatro em Pedagogia. Os locais onde trabalham são diversificados, escolas estaduais, municipais e uma particular, com realidades diferentes. Uma professora trabalha na secretaria de uma Escola Municipal, portanto não tem experiência de sala de aula. Sete professoras trabalham com dois segmentos. Destaca-se que duas professoras trabalham com a disciplina de Artes e uma já trabalhou.

A proposta para o grupo focal se deu em três momentos de forma a contemplar os questionamentos feitos no início da dissertação. São elas: Um Roteiro de Questões, Leitura de Imagens e uma Produção Artística, todos descritos no capítulo de metodologia deste trabalho. Os resultados de cada momento estão nos

apêndices B, C e D. Entende-se que cada Flor/estudante independente do momento/atividade é única e percebe e sente a estética ambiental de forma única, o discurso é único, conforme síntese do resultado no quadro 4.

Quadro 4 — Síntese do Resultado da Pesquisa Grupo Focal

Flores/ estudantes	Momentos de Pesquisa Grupo Focal		Síntese da Percepção das Flores/ estudantes
	Roteiro de Questões Leitura de imagem Produção Artística		
Amor-Perfeito	- Meio Ambiente - Estética - Questões Sociais - Cultura Visual - Formação do Professor - Biocentrismo e Antropocentrismo	Relação entre a arte, o meio ambiente, prática pedagógica e a sua formação universitária. A Estética ambiental, a transformação do lixo está em sua fala, juntamente com a preocupação com a extinção dos animais, o uso dos transgênicos. Representa por meio de desenho um ambiente sustentável e um ambiente insustentável.	Relação entre a arte, o meio ambiente, prática pedagógica e a sua formação universitária.
Azálea	- Meio Ambiente - Estética Ambiental - Formação do Professor - Sustentabilidade - Biocentrismo e Antropocentrismo	Relação entre a arte, o meio ambiente e a prática pedagógica. Consciência sobre a estética ambiental, escassez de água e cita a manipulação das pessoas. Representa por meio de desenho um ambiente sustentável e um ambiente insustentável	Relação entre a arte, o meio ambiente e a prática pedagógica.
Flor de Mel	- Meio Ambiente - Estética Ambiental - Questões Sociais - Cultura Visual Biocentrismo e Antropocentrismo	Relação entre a arte, o meio ambiente e a prática pedagógica. Preocupação com as questões sociais (consumismo pela influência da TV, animais em extinção), e as transformações do ambiente pelas ações do homem. Ao olhar um objeto percebe seus elementos constitutivos e que vem da natureza. A correria do dia-a-dia é um dificultor para apreciar a natureza. Representa por meio de desenho um ambiente sustentável e um ambiente insustentável.	Relação entre a arte, o meio ambiente e a prática pedagógica.
Flores do Campo	- Meio Ambiente - Interdisciplinaridade - Formação do Professor - Questões Sociais - Sustentabilidade - Biocentrismo e Antropocentrismo	Relação entre a arte, o meio ambiente, prática pedagógica e a sua formação universitária. Tudo está mudando, em transformação. A leitura de imagem proporciona a interdisciplinaridade. Conceito de sustentabilidade muito claro. Nas leituras de imagem, consegue notar elementos voltados para poluição do meio ambiente, elementos do ambiente natureza:ar. Faz relação entre a	Relação entre a arte, o meio ambiente, prática pedagógica e a sua formação universitária..

		escravidão do homem do campo e do funcionário da fábrica. Entendimento sobre as matas ciliares, plantação de soja, milho e o pinus. Educação ambiental feita pelo professor. Representa por meio de desenho um ambiente sustentável e um ambiente insustentável.	
Margarida	- Questão social - Cultura Visual - Sustentabilidade - Biocentrismo e Antropocentrismo	Relação entre a arte, o meio ambiente e a prática pedagógica. Escravos do consumismo. Educação ambiental feita pelo professor. Questão do lixo. Na leitura de imagens aparecem elementos do ambiente natureza: terra e alimento. Representa por meio de desenho um ambiente sustentável e um ambiente insustentável.	Relação entre a arte, o meio ambiente e a prática pedagógica.
Orquídea	- Meio Ambiente - Estética - Questões Sociais - Sustentabilidade - Biocentrismo e Antropocentrismo	Transformação da natureza, da paisagem (referente ao lixo). Referência ao modismo da sustentabilidade. Pouca contribuição na leitura de imagens. Representa por meio de desenho um ambiente sustentável e um ambiente insustentável.	A relação entre arte e meio ambiente não é feita com clareza.
Violeta	- Meio Ambiente - Estética - Cultura Visual - Questões Sociais - Sustentabilidade - Biocentrismo e Antropocentrismo	Relação entre a arte, o meio ambiente e a prática pedagógica. Essas relações sofreram transformações ao longo do tempo, degradação, por exemplo: lixo. Entendimento sobre o sistema capitalista e suas consequências para as classes sociais menos favorecidas. Na leitura de imagens aparecem elementos do ambiente natureza, energia. Representa por meio de desenho um ambiente sustentável e um ambiente insustentável.	Relação entre a arte, o meio ambiente e a prática pedagógica.
Tulipa	- Meio Ambiente - Formação do Professor - Cultura Visual - Sustentabilidade - Questões Sociais - Biocentrismo e Antropocentrismo	Relação entre a arte, o meio ambiente, prática pedagógica e sua formação universitária. As questões ambientais estão presentes em sua fala. Representa por meio de desenho um ambiente sustentável e um ambiente insustentável.	Relação entre a arte, o meio ambiente, prática pedagógica e sua formação universitária.

Fonte: Dados da pesquisa (2012)

Diante da organização para a análise do material, percebeu-se a necessidade identificar nas três formas de texto, ou seja, nos três momentos do grupo focal os conteúdos que emergiram das falas das Flores/estudantes e foi o que fizemos, isso nos levou às seguintes categorias: Meio Ambiente, Questões Sociais, Interdisciplinaridade, Cultura Visual e a Formação do Professor, Sustentabilidade, Estética, Biocentrismo e Antropocentrismo. Assim, apenas nos apropriamos de procedimentos de análise de conteúdo para dar sentido às falas, às poéticas, às vivências, às experiências e representações das Flores/estudantes envolvidas, que passaremos a apresentar a seguir.

5.1 MEIO AMBIENTE E EVIDÊNCIAS DA RELAÇÃO ENTRE EDUCAÇÃO AMBIENTAL E ARTE

Apresentamos, no decorrer da dissertação, as transformações ocorridas na Educação, na Educação Ambiental, no Ensino da Arte e nas Artes por meio de um breve estudo histórico e de reflexões acerca dos mesmos. Penteado (2000, p.75) fala que “[...] a transformação é um princípio da vida”. Por meio deste estudo conseguimos perceber mudanças e ações pontuais na sociedade, ora para melhor, ora com consequências devastadoras ao meio ambiente. Na fala de Flor de Mel “[...] a sociedade está mudando, a arte também está mudando. E também o meio ambiente não é mais o mesmo, ele se transforma conforme as ações do homem [...]”. A sociedade é diferente, o tempo é diferente”.

A sociedade vem se transformando nos aspectos culturais, ambientais, políticos, jurídicos, espirituais, sociais e econômicos num processo intenso de relações e de comunicação, neste caso na Educação Ambiental e na Arte. Segundo Andrés (2000, p. 17) “A arte vem se manifestando desde épocas primitivas como porta-voz da sociedade e linguagem transformadora do meio ambiente”. A arte pode denunciar, ser campo de conhecimento, refletir a natureza, embelezar e interferir.

No dizer da flor Azálea,

[...] tem tudo a ver o meio ambiente com a arte, até a arte contemporânea. Esta questão da interferência queira ou não o homem acaba interferindo no meio ambiente, mesmo sem querer. É lógico que não leva a uma produção bonita, mas também dá para trabalhar esta parte da interferência que na arte você interpreta no sentido do lado bom, positivo e quando você está prejudicando o meio ambiente, não é o lado positivo. Então tem tudo a ver, tem tudo a ver.

Aqui temos a afirmação de que a arte tem relação com o meio ambiente. Conforme já mencionado no capítulo I, Coimbra (2002), relaciona a parte com o todo e este com as partes caracterizando as unidades e a multiplicidade do mundo. A flor Azálea sugere o movimento artístico Interferência, também conhecida como Land Art, surgida em 1960, acusada por muitos de excentricidade, por outros de revelar seu sentido mágico e ecológico quando lembra que a maior das obras de arte é o próprio planeta. Busca alertar as pessoas para a necessidade de recuperar a harmonia com o meio ambiente. Por serem de difícil acesso, às vezes efêmeras, são geralmente apreciadas via documentação fotográfica.

Os objetivos a serem atingidos pelo professor ao apresentar obras de arte aos seus alunos e os encaminhamentos sobre a leitura que os alunos irão fazer da mesma podem ser o aspecto essencial para aprofundar conhecimento sobre a natureza, o meio ambiente e a Educação ambiental.

No segundo capítulo, no subitem sobre Educação Ambiental, assinalamos a definição de Coimbra (2002, p. 32) sobre o meio ambiente que é:

[...] o conjunto dos elementos abióticos (físicos e químicos) e bióticos (flora e fauna), organizados em diferentes ecossistemas naturais e sociais em que se insere o Homem, individual e socialmente, num processo de interação que atende ao desenvolvimento das atividades humanas, à preservação dos recursos naturais e das características essenciais do entorno, dentro das leis da Natureza e de padrões de qualidade definidos.

Escolher obras que falam do meio ambiente permite aos professores utilizá-las em seu planejamento como recursos educativos na aprendizagem de conteúdos conceituais, procedimentais e atitudinais referentes aos temas transversais e em especial ao meio ambiente. Flor do Campo diz “[...] tem bastante obras que falam sobre o meio ambiente, a gente pode utilizar no trabalho com as crianças [...]”.

Além dos grandes mestres da pintura, toma-se como exemplo a obra de Frans Krajcberg, polonês de nascimento, naturalizado brasileiro, escultor que recria artisticamente a partir de troncos e raízes calcinadas, numa vigorosa mensagem contra a destruição do meio ambiente. Tem-se também o trabalho do baiano Washington Santana, conciliando arte e trabalho social, faz do lixo a matéria prima para suas obras, assim como o fotógrafo Vik Muniz e tantos outros artistas. No dizer de Hernández (2007, p. 82) “ao se propor ou escolher um tema, ou uma questão de problematização relacionada à cultura visual, é necessário analisar sua relevância e influência na vida dos alunos”.

A realidade, o sentido da vida de cada aluno, escola, bairro, pode ditar as escolhas de obras que o professor pode fazer para o educando percebê-las, interpretá-las e estabelecer relações com o meio ambiente do seu entorno, e o seu cotidiano.

De acordo com Almeida (2001, p. 14), “As artes são produções culturais que precisam ser conhecidas e compreendidas pelos alunos, já que é nas culturas que nos constituímos como sujeitos humanos”. Alfabetizar o olhar dos alunos para perceber o entorno, o passado e o que pode vir a acontecer no futuro referente ao meio ambiente e com a humanidade, constitui um elemento essencial na formação do professor. Para que isto ocorra é fundamental que ele saiba conceitos sobre o meio ambiente e o entendimento das relações de interdependências entre os seres bióticos e abióticos.

Tulipa menciona que,

A arte influencia muito, você pode pegar uma obra de arte que tem paisagem, pode mostrar para a criança como está a paisagem na obra e como está hoje. Você pode fazer a relação entre a obra de arte e o ambiente que a gente vive, até como forma de preservação deste meio ambiente, porque na obra esta linda, bonita. É assim mesmo?

Assim, a idéia de preservação, de percepção ambiental crítica e da conscientização dos alunos sobre as mudanças que o ambiente sofre com as ações do homem, passa pelas relações e diferenças nas representações utilizadas na leitura e percepção das paisagens artísticas e naturais.

Para a participante Amor-Perfeito,

A gente vê também que o tema meio ambiente, e eu estou trabalhando Candido Portinari, tema do meu estágio, para fazer esta relação tem os retirantes que é um quadro [...], que eu não via desta forma. Dá para fazer uma relação com o meio ambiente de hoje.

Desta forma, Amor-Perfeito pensou sua prática pedagógica, teve um *insight* que segundo Alarcão (1996, p.181) “[...] os processos de formação implicam o sujeito num processo pessoal, de questionação do saber e da experiência numa atitude de compreensão de si mesmo e do real que o circunda”.

Ampliar o olhar permite fazer reflexões mais profundas sobre algo que já compreendemos e o novo, ajuda na formação para o uso pedagógico de temas que estão no dia a dia de todos os brasileiros, orientação sexual, ética e cidadania, saúde, pluralidade cultural, trabalho e consumo, tecnologia e em especial para este trabalho: o meio ambiente.

5.2 QUESTÕES SOCIAIS

As questões sociais são temas constituintes da expressão de artistas que têm suas obras asseguradas pela permanência no tempo. Temos como exemplo, Sebastião Salgado, fotógrafo brasileiro conhecido mundialmente por retratar o que está acontecendo no mundo e na vida das pessoas mais desfavorecidas da sociedade ou Candido Portinari com a obra “Os Retirantes” citada por Amor-Perfeito. Para Violeta foi possível fazer — “Outras relações como as questões sociais. Como estava a questão ambiental no quadro? Por que Retirantes? De que local eles se retiraram?” E Flor de Mel aborda — “Sem falar, que com as crianças pequenas, a gente não vê o que eles vêem, a riqueza de detalhes das obras”. Para Tulipa, “Eles têm sensibilidade, eles conseguem perceber detalhes que a gente deixa passar”.

No diálogo acima, podemos verificar que as Flores/estudantes têm conhecimento da importância do encontro da criança com a arte e o professor poderá ser o mediador dessa sensibilização, conhecimento e estética, para que percebam o meio ambiente e os problemas conexos.

Segundo Pillar (2002, p. 710):

O papel da arte na educação está relacionado aos aspectos artísticos e estéticos do conhecimento. Expressar o modo de ver o mundo nas linguagens artísticas, dando forma e colorido ao que, até então, se encontrava no domínio da imaginação, da percepção, é uma das funções da Arte na escola.

Nos depoimentos a seguir surge um debate sobre a obra de Vicente José de Oliveira Muniz, conhecido como Vik Muniz, nasceu em 1961, artista plástico e fotógrafo paulistano, famoso mundialmente por criar imagens com chocolate, folhas secas, sucatas e muitos outros elementos, um ilusionista. Margarida reflete da seguinte forma sobre a obra:

Dizer que o Vik Muniz não tem a ver com o meio ambiente? Eu acho que tem muito a ver, não só porque trabalha com sucata e tudo mais, mas pelo trabalho social que ele faz, o filme “Lixo Extraordinário”⁴, envolvendo o meio

⁴ *Lixo Extraordinário* é um documentário, lançado em 2009, produzido pelos diretores brasileiros João Jardim e Karen Harley e pela diretora britânica Lucy Walker, com participação na produção-executiva do diretor Fernando Meirelles e na trilha sonora do produtor de música eletrônica Moby. O documentário relata o trabalho do artista plástico brasileiro Vik Muniz com catadores de material reciclável em um dos maiores aterros controlados do mundo, localizado no Jardim Gramacho, bairro periférico de Duque de Caxias (WIKIPÉDIA, 2012, p. 1).

ambiente. Acho que tem muito a ver com o meio ambiente. Dá para trabalhar muito com as crianças.

O lixo, exemplo de desigualdades e ambições no desenvolvimento neoliberal de uma cidade, de uma nação, é indicador de nosso traiçoeiro consumismo produzido pelo atual “modelo de desenvolvimento”, possui implicações ambientais, ecológicas, econômicas, políticas, planetárias e sociais, por isso um campo vasto de reflexões. Na interpretação de Margarida, Vik Muniz ao empregar pessoas para o trabalho com as sucatas e ao projetar o lixo transformado em obra de arte para o mundo ver, está fazendo um trabalho social, pois atinge um grande número de pessoas. Existe relação entre sua obra e o meio ambiente? Para Orquídea — “É uma obra que choca quando a gente vê, não deixando de ser uma obra de arte. Chama a atenção da população, do que está se transformando nossa natureza, a nossa paisagem”. Na opinião de Flor de Mel — “A gente abordou em um projeto o tema água, eu finalizei o trabalho com uma obra do Vik Muniz porque acho que tem tudo haver, com lixo nos rios que poluem a água, o meio ambiente”.

Atualmente, o processo de urbanização das cidades tem causado muitos problemas impactantes que afetam o bem estar e qualidade de vida, podemos citar alguns deles — poluição do ar e da água, produção de resíduos, enchentes, deslizamentos, pobreza e violência.

A escola é uma das instituições que possibilita a discussão dessas questões sociais. A obra de arte é um meio de onde pode derivar a informação, as relações que o aluno faz com o que ele já sabe sobre o assunto, sobre a obra e a interação entre as pessoas envolvidas no processo geram o conhecimento, posteriormente, a conscientização e a cidadania.

Para Braga (2010, p. 127):

O conhecimento não é um simples registro do mundo exterior e nem uma cópia da realidade, mas sim uma organização das estruturas que o sujeito possui para conhecer o meio no qual está inserido. O sujeito não conhece o mundo tal qual ele é, mas como as suas estruturas possibilitam que o conheça, assim, o conhecimento na sua gênese, não vem dos objetos e nem dos sujeitos, mas das interações entre ambos.

Os posicionamentos de Violeta, Margarida, Tulipa, Orquídea e Flor de Mel revelam uma percepção crítica da sociedade, entendem sua posição como professoras capazes de articular espaços pedagógicos para o exercício da cidadania. Tal compreensão política da escola não é destituída de valores,

interesses e ideologias. A Escola, nesse sentido, tem a opção de fazer uma prática educativa ambiental.

5.3 INTERDISCIPLINARIDADE

Durante a conversa em muitos momentos as Flores/estudantes falam de forma interdisciplinar, não citam a palavra, mas exemplificam com ações pedagógicas, tanto na sua prática como professoras nas escolas onde são regentes, como no curso de Artes Visuais que estão cursando. Entretanto, surgiram muitas perguntas sobre os aportes que dão sustentação ao curso, que talvez possam ser respondidas em outro trabalho. O Projeto Pedagógico do Curso contempla a questão dos temas transversais? Refere-se à interdisciplinaridade? Existe nos Planos de Ensino algum registro sobre interdisciplinaridade? Projetos que envolvam os temas transversais? Preocupação por parte das professoras/universitárias em aprofundar suas informações/conhecimentos sobre a Educação ambiental ou trabalhar de forma interdisciplinar?

No segundo capítulo, definimos a interdisciplinaridade de acordo com Coimbra (2002, p. 293): “É a característica que se atribui a um tema, objeto ou abordagem cuja exposição ou concretização se interessam duas ou mais disciplinas que, intencionalmente, estabelecem nexos e vínculos entre si”. A caminhada dos educadores tem sido longa na busca de aprender a viver esse exercício de olhar um objeto, um fenômeno sob a perspectiva interdisciplinar nas escolas. Flores do Campo faz o seguinte comentário “[...] Você trabalha não somente o meio ambiente, mas outras questões, você faz a interdisciplinaridade dentro da leitura”. Percebe-se que a leitura de imagem é importante para que isso ocorra, observamos no exemplo de Fazenda (2002) quando fala dos esboços feitos por Picasso para compor *Guernica*, dos conceitos de guerra e liberdade, dos sentimentos de vida e morte, razão e emoção, no jogo explícito das contradições, da história configurada. “Picasso cuidou interdisciplinarmente de cada aspecto de sua liberdade pessoal, exercitou-a ao compor um conceito universal de liberdade” (FAZENDA, 2002, p.19).

A partir de uma obra de arte, é possível perceber a interdisciplinaridade diminuindo a distância entre as várias dimensões do conhecimento, promovendo a aprendizagem e a cidadania dos envolvidos sobre conhecimentos científicos e técnicos e as questões sociais.

5.4 CULTURA VISUAL E A FORMAÇÃO DO PROFESSOR

No diálogo a seguir se percebe como as Flores/estudantes transitam pelas representações da Cultura Visual, que segundo Hernández (2007) são as artes, as diferentes mídias e a vida cotidiana das pessoas. Refere-se também a uma diversidade de práticas e interpretações críticas em torno das relações entre as posições subjetivas e as práticas culturais e sociais do olhar.

As Flores/estudantes afirmam que as questões ambientais são articuladas nas disciplinas do curso de Artes Visuais quando surgem assuntos ou propostas pedagógicas que remetam a pensar o meio ambiente. Na disciplina de Estágio Supervisionado, Planejamento e Avaliação, Cerâmica e Fotografia foram alguns dos exemplos. O debate acontece quando surgem oportunidades de fazê-lo.

Conforme Tulipa,

No estágio, na verdade, discutimos por causa do Vik Muniz. Questionamos bastante, o que foi dito é que ele utiliza aquele lixo todo para fazer a obra, ele trabalha a fotografia, a imagem, mas que depois ele deposita, descarta novamente no lixo. [...] alguém escolheu este tema para o estágio, mas o professor disse que não porque ele trabalha a fotografia, produz a imagem, não tem a parte de sensibilização, só a imagem e que depois ele descarta [...]

E Margarida complementa — “Acho que a gente pode trazer para sala de aula, falar sobre isto, focando não só a imagem. Ela é linda! Ela é bela! Mas é chocante por que é lixo [...]”. Para Costa (1999, p. 18) “[...] a beleza depende também da habilidade do artista em expressar uma idéia e em nos despertar a emoção [...]”.

A situação de impasse ao querer trabalhar o artista colabora para pensar a prática pedagógica relacionada às questões ambientais. As reflexões e discussões são oriundas das inquietações mediante a possibilidade de trabalhar a obra do artista para a conscientização dos seus alunos sobre o consumismo e o lixo.

Violeta fala o seguinte,

Na abertura da ‘Novela Passione’, de longe era lindo, de perto as pessoas podiam ver que eram pneus velhos, eram sucatas [...]. Então, o que é a transformação? Vai da consciência de você chegar para a criança e dizer: Será que depois disto a gente descarta? Ou pode criar novas coisas? Novos objetos, novas obras ou reciclar? Então, vai de cada professor.

Amor-Perfeito relata que “a obra do Vik Muniz mostrava o belo e nesta novela atual a gente vê o lixo realmente como ele é”. A força da mídia é indiscutível em

suas falas e muito presente na atual sociedade da informação. Para Brügger (2002, p. 160) “A mídia influencia, assim, grandemente a construção dos conceitos de meio ambiente e de natureza, com grande repercussão nas relações dos homens entre si”.

A oportunidade para o professor trabalhar as questões ambientais e sociais emergem de discussões como esta que aconteceu em sala de aula. O foco e o direcionamento dependem do conhecimento do professor e do engendramento e sentidos que ele dará ao fato.

Tulipa acrescenta que,

Quantas coisas são descartadas, que podem ser reaproveitadas. Mostra uma casa muito linda, a gente percebe que é tudo com reciclado, que tiram do lixo, o que jogamos fora. Têm profissões, seres humanos que trabalham no lixo, separação do lixo, sobrevive do lixo.

Tulipa, Margarida, Violeta e Amor-Perfeito, referem-se novamente à obra de Vik Muniz, a televisão como cultura visual digital, o lixo, estética, a realidade social. Porém, o que chama mais a atenção e parece muito importante nestas falas é segundo Braga (2010, p. 37):

[...] que o professor perceba que as questões ambientais estão agregadas a vários temas como: preconceito, violência, má distribuição de renda, desrespeito aos colegas, desperdícios, mau uso dos recursos naturais, desvalorização da vida e muitos outros, considerados como reflexos do modelo de sociedade que de alguma forma temos ajudado a construir.

Podemos aproveitar essas reflexões de Braga para questionar se os cursos de licenciaturas de modo geral provocam nos futuros professores um olhar inusitado de relações com o meio ambiente e com os temas citados e o momento em que estamos vivendo, no qual o Planeta passa por ameaças à vida na terra.

É importante destacar a seguir a fala das Flores/estudantes sobre como acontece os momentos de reflexão sobre um dos temas transversais a Educação Ambiental no curso de Artes Visuais. Deixamos na íntegra os depoimentos e sequência das falas.

Flores do Campo afirma que “Na disciplina de Planejamento e Avaliação, a professora trouxe sucatas. Muito bom, ela contou uma história e a partir desta história a gente teve que criar um objeto, feito de sucatas, lixo e foi bem divertido e produtivo”.

Para Amor-Perfeito,

Tivemos outra visão de história, de como chegar a uma obra de arte com o nosso aluno, mas assim, isto choca por que não vai dar para fazer no estágio. A forma como ela ensinou para contar: Ela levou o artista ao meio ambiente. No início, ela começou com o artista morando em tal lugar, como era o lugar, eu acho que isto interfere na arte. A criança já vem sabendo de onde ele veio.

Flores do Campo salienta que, na disciplina de gravura, objetos do meio ambiente. Ex: flores.

E para Amor-Perfeito,

A fotografia trabalhou por que tínhamos que tirar uma foto que mostrasse a realidade que você vive um objeto que chocasse e outra que fosse bonito, fazer este paralelo. Fotos interessantes que intrigassem o observador. Ele teria que pensar por que tiraram foto do lixeiro debaixo para cima. Na verdade isto deixa o outro curioso em saber. Para gente estar vendo a reação das pessoas. O que é isto? É arte? Não é arte?

Diante deste diálogo, percebeu-se que a sucata foi trabalhada apenas como material a ser transformado e, em nenhum momento, a Flor/estudante Flores do Campo se refere a outros aspectos que não este. Já Amor-Perfeito fala da metodologia que a professora utilizou para encantar e localizar a criança no espaço/ambiente. Flores do Campo relaciona a percepção dos objetos trabalhados em uma disciplina com o meio ambiente, mas não há referências a discussões sobre questões ambientais, e por último, Amor-Perfeito, que fala da proposta do professor, mas que não expressa a ligação com questões ambientais mais aprofundadas.

Então, a dinâmica da sala de aula, por vezes, traz momentos em que poderiam ser melhor aproveitados para trabalhar temas transversais com questões ambientais e por falta de conhecimento e motivação acabam não acontecendo. Por isso, reafirmamos que a formação do professor sobre Educação Ambiental sendo significativa e de qualidade, contribuí com as reflexões e atitudes de seus futuros alunos e na comunidade onde eles estão inseridos.

5.5 SUSTENTABILIDADE

A prevenção ou preservação e o cuidado com o meio ambiente são processos de aprendizado e de conscientização adquiridos no dia-a-dia e na escola por meio da Educação Ambiental. O ser humano sempre dependeu da natureza, e a partir da Revolução Industrial, usufrui da natureza como fonte inesgotável de recursos

naturais, trilha um caminho de destruição ambiental que precisa ser mudado com urgência.

Neste sentido Leff (2002, p. 62) alerta:

A problemática ambiental não é ideologicamente neutra nem é alheia a interesses econômicos e sociais. Sua gênese dá-se num processo histórico dominado pela expansão do modo de produção capitalista, pelos padrões tecnológicos gerados por uma racionalidade econômica guiada pelo propósito de maximizar os lucros e os excedentes econômicos a curto prazo, numa ordem mundial marcada pela desigualdade entre as nações e classes sociais. Este processo gerou, assim, efeitos econômicos, ecológicos e culturais desiguais sobre diferentes regiões, populações, classes e grupos sociais, bem como perspectivas diferenciadas de análises.

O resultado dessa sociedade de consumo é a produção de dejetos, extinção de espécies e poluição que não parou de crescer, modificando a estética do planeta. Ao degradar os ecossistemas, o ser humano fragiliza as espécies, desperdiça água, além de colocar em risco as poucas áreas onde a biodiversidade se faz presente. Como formar cidadãos preocupados com o desafio de viver com qualidade na Terra? A Educação é a chave, a reforma do pensamento, como diria Morin (2005), é um processo permanente envolvendo atitudes e práticas com relação ao meio ambiente.

Para Tulipa, “este consumo que está hoje. A gente é tão consumista que acaba descartando [...] também porque não vai mais ser utilizado”. Em seguida Flor de Mel, “os meios de comunicação passam que é bom a gente comprar. E finalmente”. Violeta, “como vou viver sem isto?”

As Flores/estudantes enfatizam o consumismo em suas falas mostrando o conflito existente entre viver em um sistema capitalista que promove por meio da cultura visual o consumo e a mudança de paradigma em consumir de uma forma sustentável, percebeu-se isso pela entonação de voz e angústia ao dizerem essas frases. No capítulo II desta dissertação, falamos sobre a necessidade, ainda, do homem compreender a dimensão e os reflexos de seus atos concernentes ao que seja Educação Ambiental e seus desdobramentos, para poder reagir e proteger. Não queremos dizer aqui que elas não compreendam, mas que o envolvimento com as esferas de se obter objetos de consumo de forma fácil, acaba sendo preponderante. Segundo Martini; Mello; Torres, (2012, p. 19) “Esse é o maior dilema ético, ideológico e existencial da humanidade no século XXI”.

Orquídea argumenta que,

É por isto que se fala tanto em sustentabilidade hoje. Tá na moda, sustentabilidade. Acho que teve outras meninas aqui que foram no curso e nos chamou muito atenção o que o palestrante disse — que usava uma camiseta de algodão até não dar mais, porque quantas pessoas morrem até fabricar uma nova [...] para ele, usar uma ou duas vezes e descarta é porque não dão valor.

Temos duas questões pertinentes nesta fala de Orquídea: a primeira percebe-se que as Flores/estudantes buscam por formação continuada e na área de Educação Ambiental e a segunda inicia-se uma conversa sobre a sustentabilidade, discutida no capítulo II da dissertação. O exemplo do Professor/palestrante talvez tenha sido exagerado, mas surtiu o efeito pretendido. Consumir com responsabilidade reside nas mudanças internas de que precisamos para transcender o que aí está posto. Por outro lado, veremos a seguir um exemplo relatado por Flores do Campo sobre a falta de conhecimento sobre o tema por uma colega de curso e a sua visão sobre o acontecido, mostrando a complexidade do assunto.

Para Flores do Campo,

Neste mesmo curso, rolou uma discussão. Fazíamos o trabalho por grupo e apresentávamos na frente. Uma pessoa disse: gosto muito da sustentabilidade, veja quanta coisa eles reproduzem, vi numa revista de moda uma roupa que era feita de jornal. Daí eu disse na hora do nosso grupo — eu questionei — foi feito uma roupa de jornal porque está numa revista da moda que tem um nome. Mas a pessoa tem que ver que sustentabilidade não é o químico que é utilizado para fazer aquela roupa. Não só o químico, mas todos os produtos para ter aquele efeito não é sustentável, é uma coisa que você utiliza sem usar outros produtos, sem agredir de forma alguma o meio ambiente. Então, até depois na hora do lanche no curso, aconteceu uma coisa engraçada. Pedimos lanche para duas lanchonetes diferentes, eu e a outra menina (a mesma da revista), um simples x salada. No dela veio um monte de coisara (plástico, embalagem de isopor sache, muitos guardanapos, canudinhos, colherinhas, copinhos de plástico para maionese e para o catchup separados, mais embalagem de papel, mais a lata de coca dentro de uma sacola plástica. O que veio no meu: o pacote do x salada, uns 3 guardanapos, dois saches de maionese e catchup e uma garrafa pet de suco. Olha a diferença! Agir, por quê? Ela disse: Eu li numa revista da moda.

Complementa Flores do Campo “mas a pessoa tem que ter consciência que aí vai produtos químicos, um monte de coisa”. Para Flor de Mel “Não basta só falar, tem que perceber e agir”.

As Flores/estudantes promovem um diálogo sobre a responsabilidade com o uso dos resíduos, a interferência efetiva da televisão, dos meios de comunicação na vida das pessoas e a sustentabilidade. Observam-se, nas reflexões, considerações das consequências de nossas ações e do não cuidado com o planeta.

Por meio do exemplo de modismo da colega Flores do Campo, observa-se que a mesma não tinha noção da definição e da complexidade que envolve a palavra sustentabilidade. Por outro lado, Flores do Campo vai além do produto pronto e esteticamente bem feito, compreende o processo que envolve a produção industrial e suas consequências ao meio ambiente, segundo Morin (2005, p. 92), “A exigida reforma do pensamento vai gerar um pensamento do contexto e do complexo”. Existe na fala da Flores do Campo a articulação entre formação inicial e formação continuada na busca de reflexão mais apurada sobre as questões ambientais.

5.6 ESTÉTICA

Há no cotidiano das pessoas, um mundo estético a ser descoberto no olhar, admirar, criar, observar e sentir, no participar de experiências como estas que as Flores revelam. Estar em um local que favorecia pensar sobre arte e sobre a estética ambiental, fez Amor-Perfeito e Tulipa envolverem-se de forma emocional e parar para apreciar a natureza.

A participante Amor-Perfeito fala o seguinte: “Na viagem de estudo de meio a Curitiba, vimos uma Flor no telhado do Museu Paranaguá. Estávamos em um local que era pedra, não tinha como nascer uma flor entre as pedras. É você ter um momento. Ali nos estávamos voltados para arte”. Segundo Costa (1999, p. 15), “Dentre as características mais importantes da arte, destacamos a emoção e o prazer que ela desperta e que alguns filósofos identificam como sendo o prazer do belo ou o prazer estético”. A sensação provocada pela “flor entre as pedras” foi de prazer, manifestação artística provocada pelo olhar. Esse olhar sensível, segundo Carvalho (2004) iniciou-se desde o século XVIII, na Inglaterra, e mudou o padrão de percepção do mundo natural, à medida que se percebia a deterioração do meio ambiente e da vida nas cidades, provocada pela Revolução industrial.

Para Azálea a “Correria do dia-a-dia. Você passa pelo mesmo local várias vezes e não observa. Por exemplo: a sombra que faz. A correria faz você não observar. Não olhar. Você vê, mas não olha”. Tulipa complementa, percebemos mais, porque estávamos discutindo arte, a gente tem esse tempo, essa parada, é o que falta hoje nas pessoas, a vida é muito corrida e as pessoas não se dão conta quanta coisa bela se tem para aproveitar, para trabalhar”.

Uma das dificuldades levantadas pelas Flores para que o prazer estético não aconteça é a vida atribulada das pessoas, a falta de tempo como fator que dificulta para olhar e perceber a natureza em todos os seus aspectos, seja ele de beleza natural ou projetados pela ação do homem.

Para Margarida,

Eu acho que está mudando bastante. Acredito que as crianças, vão ser o futuro, vão ser bem diferentes. Os nossos pais e nós não tivemos esta educação que a gente tem hoje. Hoje em dia é muito falado. Vejo minhas crianças do Pré, eles conversam e mostram, Professora tem papel no chão. Eles juntam e colocam no lixo. Tem consciência que a gente não teve, não foi falado e nossos pais muito menos. [...] Acredito em uma mudança.[...] Então, tudo que você passar para criança deve ter convicção, porque ela acredita. Ela vai levar para casa, para comunidade.

Flor de Mel, “concordo com a Margarida quando a gente diz para o aluno, lixo é no lixo, ou alguma coisa, é verdade”.

Margarida enfatiza que a educação, seja ela em casa ou na escola, é o caminho para formarmos cidadãos cientes e conscientes de suas responsabilidades com o local que estudam, moram e com a Terra. As transformações só ocorrerão se estivermos atentos e olharmos para todo tipo de vida no planeta, para as modificações estéticas provocadas pelas ações do homem. Em seguida, Flor de Mel fala sobre o olhar estético, “olhar para mesa é perceber que é de madeira, é retirada do meio ambiente, o ferro”.

Azálea coloca o seguinte,

Essa parte depende da relação do professor. A partir do momento que ele vai trabalhar as obras de artes [...] porque não ter um olhar para o meio ambiente, tirar tempo, observar o lixo que alguém jogou. Começar a olhar, a árvore está ali, ela vai me ajudar a purificar o ar, vai me dar papel, lenha.[...] começar a apreciar, olhar mais a fundo. Acho que seria esta a estética ambiental. A gente não para. No teto de um ginásio, observamos os pezinhos de um passarinho no teto, só os pezinhos, coisa mais lindinha.

Assinala Orquídea “Vida tão corrida que não dá tempo para ver essas coisas”.

A educação ambiental tem o grande desafio de repensar sua relação com as referências culturais existentes no cotidiano. A estética é uma dimensão da vida humana que quando estimulada no processo educativo de uma criança pode ser na escola ou na família, pode desenvolver valores sociais, éticos e estéticos, por meio de atividades escolares e nas comunidades onde residem. O olhar cuidadoso a que Azálea se refere, busca ampliar as possibilidades, os resultados é (re) significar mundo circundante, da economia, consumismo, meio ambiente.

Para González e Arillo (2003, p. 13):

Se para compreender um texto é preciso saber lê-lo, para nos aproximarmos de uma imagem é preciso saber vê-la. E essa tarefa é difícil tendo em vista a variada presença de signos que se entrelaçam, muitas vezes pouco explicitamente, porém, com indubitável peso na significação final.

A formação para a cidadania crítica, passa pela compreensão do que acontece no mundo e nas entrelinhas textuais. Na atualidade, a maioria dos jovens que ingressam nas Universidades, apesar de estarem conectados com o mundo virtual, tem dificuldade em perceber o que acontece a sua volta e com a natureza. O professor de artes da educação básica, ensino fundamental e médio, que é o caso de nossas Flores/estudantes, tem um grande desafio, ampliar o olhar de seus alunos para ver além das entrelinhas.

Postas estas questões, cabe aqui, nesta parte da dissertação, relatar e analisar o olhar que as Flores/estudantes tiveram ao entrarem em contato com as obras de arte projetadas em slides, dos artistas de referência, já apresentadas no Capítulo IV da metodologia, com o objetivo de instigar sugestões/contribuições associadas aos objetivos propostos na pesquisa. A partir da transcrição das falas, elaborou-se um quadro com a obra, os aspectos ambientais, aspectos artísticos e as categorias suscitadas pela Leitura de Imagem, que consta no Apêndice C, deste trabalho.

Segundo Buoro (2002, p. 234):

Para se construir um leitor de imagem da arte é necessário adotar um olhar na duratividade da leitura: aberto e disponível, articulador de fragmentos, tal como é o olhar do arqueólogo ou o do aventureiro; olhar do expedicionário que sai disposto a vivenciar os inesperados encontros; olhar desprendido para melhor capturar os *guizzos* do mundo.

A leitura de imagem que as Flores realizam das obras de arte e as relações com as questões ambientais, confirmam o que Buoro fala dos *guizzos* do mundo, ou seja, os sons de alerta do mundo para o caminho na contramão que estamos realizando. Por outro lado, foi um momento de percepção da diversidade, do sol (energia), da harmonia entre o ser humano e o meio ambiente, da beleza e da vida.

Ao mostrar cada uma das obras, a primeira iniciativa das Flores foi dizer quem era o artista e tentar saber o nome correto da obra. Num segundo momento, a descrição da obra e, finalmente, as relações possíveis. Temos em alguns momentos

os cinco estágios de Housen, descritivo, narrativo, construtivo, classificativo, Interpretativo, re-criativo, descritos no capítulo três desta pesquisa.

As obras provocaram nas Flores muitos olhares sobre as realidades da condição humana, não houve contradição, mas interpretações relacionadas à Educação Ambiental, energia, poluição do ar, escassez de água e de alimento, ao desmatamento, à paisagem rural e urbana, aos animais extintos, ao ser humano e ao meio ambiente. Segundo Strieder (2004, p. 208) “[...] qualquer propriedade particular das partes só pode ser entendida plenamente inserida num todo e, mais, num todo que é dinâmico e interdependente”.

Por outro lado, as imagens mostradas tinham uma abrangência de interpretações muito maior e mais complexa, levando as Flores a falar sobre questões sociais, diversidade, trabalhadores, escravidão, tecnologia, progresso, capitalismo e consumismo, alguns dos pontos discutidos no percurso deste trabalho. Confirmando o que Medina relata (1999, p. 24):

Torna-se necessário a formação de indivíduos que possam responder aos desafios colocados pelo estilo de desenvolvimento dominante, a partir da construção de um novo estilo harmônico entre sociedade e a natureza e que, ao mesmo tempo, sejam capazes de superar a racionalidade meramente instrumental e economicista, que deu origem às crises ambiental e social que hoje nos preocupam.

Não há como falar em educação ambiental, em sustentabilidade sem entender esse mecanismo descrito por Medina, o que parece que as Flores entenderam muito bem, como nesse exemplo “O que o capitalismo faz com a nossa vida?” O fato é que o sistema educacional faz pouca relação entre as questões ambientais, a vida cotidiana e o sistema econômico que temos. Em muitas instituições, por exemplo, a preocupação é com o lixo gerado, sem ir além para saber por que todo esse lixo é motivo de preocupação e qual a responsabilidade que temos sobre ele. Voltando às reflexões, destacamos um momento interessante quando uma das Flores/estudante faz a seguinte comparação entre a obra Café e Os Operários “ Porque aqui está como escravo, voltado pro negro, lá no da Tarsila, o operário é escravo da mesma forma [...]”. A valorização das pessoas independente da época, do seu tipo de trabalho e sistema econômico, caracteriza-se como fundamental no processo de sustentabilidade. A preservação e o cuidado com o meio ambiente aderido ao pensamento sistêmico formam uma egregora a ser atingida pelo ser humano.

Segundo Meira (2003, p.128):

[...] é nesta cultura híbrida que se pode realizar um trabalho de mediação cultural na esfera do estético. Repensar o alcance e o significado da atividade artística e o campo epistemológico e relacional da estética implica considerar o que é necessário, para que a experiência estética seja, ao mesmo tempo, um fator de emoção, sentimento, e num nível mais complexo, reflexão, tanto sobre a arte, como sobre a vida.

Ao dar sentido sobre o que se aprende, a escola passa a ser transformadora de consciência. A Arte, por meio da ética, pode provocar esta sinergia entre a educação e a estética ambiental.

5.7 BIOCENTRISMO E ANTROPOCENTRISMO

A busca pela interligação dos conhecimentos citados no referencial teórico desta dissertação perpassa em seu conteúdo entre um título e outro, as categorias Biocentrismo e Antropocentrismo, muitas vezes nos breves relatos feitos sobre a história, a educação, outras citando a sustentabilidade e a relação entre o homem e a natureza num engendramento de saberes.

O conceito citado por Alves (2012, p. 299) esclarece que:

O antropocentrismo é uma concepção que coloca o ser humano no centro das atenções e as pessoas como as únicas detentoras plenas de direito. Poderia parecer uma manifestação natural, mas evidentemente, é uma construção cultural que separa artificialmente o ser humano da natureza e opõe a humanidade às demais espécies do Planeta. O ser humano se tornou a medida autoreferente para todas as coisas.

Segundo Alves (2012) ocorreu desde O livro do Gênesis, do Velho Testamento. A concepção teoantropocêntrica de superioridade e dominação humana que prevalece no mundo ocidental até hoje. Depois da Renascença surgiram dois movimentos: o Empirismo e o Iluminismo que buscaram combater os preconceitos, as superstições e a ordem social do antigo regime, substituído pela razão, mas não conseguiram superar o antropocentrismo, apesar de por meio da ciência passarem a estudar as leis da natureza e entender seu funcionamento até os dias atuais.

O fato é que no percurso da história os seres humanos não se preocuparam em prestar atenção aos direitos da natureza e das outras espécies, a mudança na forma de se ver o mundo nas relações entre os sistemas, os biomas, os animais e os homens nos permitem idealizar uma concepção diferente da citada por Alves (2012).

A humanidade esta a procura de fórmulas que permitam viver com qualidade nos próximos anos, com vistas ao aumento da população, da cultura de consumo, do desenvolvimento econômico, mudanças climáticas, escassez de água, e o desmatamento. A sustentabilidade pode ser o início, um jeito de viver, para reduzir o impacto de destruição sobre os recursos naturais do planeta.

Não existem dúvidas que o professor pode auxiliar nesta mudança do pensamento antropocêntrico para um pensamento biocêntrico, concepção onde o ser humano não é o centro da existência, mas sim todas as formas de vida são importantes.

A respeito disso Carvalho (2004, p. 77) diz o seguinte:

O educador é por 'natureza' um intérprete, não apenas porque todos os humanos o são, mas também por ofício, uma vez que educar é ser mediador, tradutor de mundos. Ele está sempre envolvido na tarefa reflexiva que implica provocar outras leituras da vida, novas compreensões e versões possíveis sobre o mundo e sobre nossa ação no mundo.

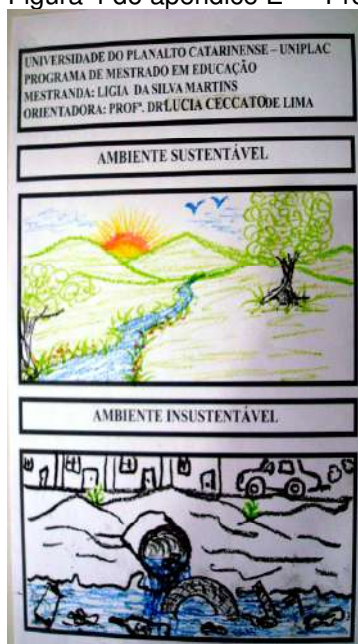
Para a produção artística, disponibilizamos os seguintes materiais: Canson A3 e materiais secos como: Giz cera, Canetas hidrográficas, lápis de cor, giz pastel e lápis 6B. No início da atividade, houve um pouco de resistência ao saber que era para desenhar, mas no decorrer dos encaminhamentos as Flores/estudantes foram escolhendo o material e elaborando seu trabalho. A intenção das poéticas das Flores/estudantes era para entender o que cada uma delas conseguiria representar de elementos constituintes da natureza e da ação do homem.

O Apêndice E, quadro 3, elucida os aspectos propostos para uma produção artística sustentável e insustentável, focando os aspectos ambientais e os aspectos artísticos surgidos da poética das Flores/estudantes. Não caberia

A seguir, selecionamos a produção artística de Flores do Campo (apêndice E, quadro 3, fig. 4), porque em sua representação vemos uma criação cheia de significados, a qual reflete suas impressões sobre os dois tipos de ambientes já citados. Destacamos a fala de Morin (2005, p.45) quando nos diz que, “As artes levam-nos à dimensão estética da existência e — conforme o adágio que diz respeito a natureza imita a obra — elas nos ensinam a ver o mundo esteticamente”.

No desenho, as duas realidades, a natural e a modificada pela ação do homem, passam pelo processo criativo externo e interno da Flores do Campo, ilustra a história individual e social que esta Flor/estudante vivencia em seu meio.

Figura 4 do apêndice E — Produção Artística



Fonte: Flores do Campo (2012)

Ambiente Sustentável — Aparece a categoria *biocentrismo* representada no desenho por um ambiente natural, energia do sol, animais, plantas, ar, água e solo, em plena harmonia.

Ambiente Insustentável — Aparece a categoria *antropocentrismo* representada por ambiente construído, a interferência humana, degradação ambiental, ocupação a beira do rio, poluição do ar, da água e do solo, lixo, insistência de sobrevivência de grama.

Todas as estudantes que participaram conseguiram chegar à representação dos dois ambientes, abre-se um parêntese para dizer que Violeta usa apenas cores para representar o ambiente insustentável, (apêndice E, quadro 3, figura 19). A produção somente com cores nos remete a um dos princípios e meios de que se vale o artista para dar ênfase a unidade e emoção a seu trabalho. No que diz respeito a essas representações sobre o meio ambiente. A forma como as oito Flores/estudantes elaboraram suas criações, passa pela qualidade de suas percepções, imaginação e pelas tendências do pensamento de seu contexto social e ambiental.

É importante o professor passar por suas próprias experiências criadoras, sua expressão pessoal, foi uma oportunidade das educadoras trabalharem seu percurso individual, o que favoreceu reflexão sensível sobre o seu percurso criador e o percurso criador dos seus alunos e as suas representações sobre o meio ambiente. Embora o caminho para chegar a esta última parte da proposta tenha passado por interações com as colegas no Roteiro de Questões e na Leitura de Imagem sobre as cinco obras que favoreciam uma construção mais elaborada de seus desenhos sobre o meio ambiente, isso não aconteceu com a maioria.

Quatro produções (apêndice E) se destacaram por haver mais riqueza de detalhes, Azálea (fig. 13), Flores do Campo (fig. 15), Margarida (fig. 16), e a Flor/estudante Orquídea que apresentou o seu ambiente sustentável construído e

harmônico com a presença humana, ou seja, o homem é entendido como parte da natureza (conforme figura 6 do quadro 17), diferente das demais que representaram somente o ambiente natural. No ambiente insustentável, aparece a degradação causada pelo homem, mas sem a sua presença em todos os desenhos. As oito Flores/estudantes desenharam os elementos abióticos na representação das duas categorias de uma forma muito parecida envolvendo água, solo, ar, árvores, flores e o sol.

Segundo Alves (2012, p. 310):

[...] o grande desafio inovador da atualidade é romper com a perspectiva baseada em valores antropocêntricos e assumir uma mudança de paradigma, adotando uma postura voltada para os valores ecocêntricos (centralizados nos direitos da terra, do conjunto das espécies e no respeito à diversidade).

A relação entre os elementos abióticos e bióticos que compõem o meio ambiente estando em equilíbrio melhorariam a vida na terra. Infelizmente, ainda vemos uma forte tendência ao antropocentrismo, e isto percebeu-se na fala das Flores/estudantes, na leitura de imagem e na produção artística, mudar esta concepção para ecocêntricos/biocêntricos seria um avanço para alcançarmos a cidadania e sustentabilidade ambiental.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa integrou Educação Ambiental, Arte e Formação de Professores, com o intuito de articulá-las como formadoras de práticas ambientais e buscadoras de uma consciência ecológica para o cuidado com o meio ambiente. São campos complexos e dinâmicos que unidos possibilitam a transformação do ser humano para percepção dos acontecimentos bons ou ruins pelos quais o planeta vem passando.

Este estudo analisou a relação da Educação Ambiental com a Arte na Formação inicial de Professores do curso de Artes Visuais na Universidade do Contestado — UnC em Curitiba (SC). Promoveu para as estudantes e para a pesquisadora momentos de reflexão sobre questões ambientais tão discutidas na atualidade, numa relação de saberes provisórios e, como sabemos, em constante construção.

Consideramos adequado o método adotado para o grupo focal, constituído de roteiro de questões, leitura de imagem e produção artística. Os resultados desses momentos foram organizados em quadros e estão no apêndice B, C e D da dissertação. Obtivemos em cada momento a construção dos saberes, conhecimentos estéticos e criatividade das estudantes sobre Educação Ambiental.

Partimos então do pressuposto destacado na introdução da dissertação sobre a formação do professor reflexivo, com saberes científicos, pedagógicos e espirituais para interferir na formação do estudante capaz de compreender, valorizar e agir criticamente na sociedade sobre questões ambientais. A transformação social almejada está pautada na educação que se propicia aos educandos, levando em consideração a realidade em que estão inseridos e suas conexões.

Os objetivos propostos foram alcançados, por esse motivo, considera-se que existe, no curso de Artes Visuais, relação entre Educação Ambiental, Arte e Formação de Professor, pois no decorrer dos três momentos desenvolvidos no grupo focal, as estudantes refletiram, trouxeram questões pertinentes ao tema, deram depoimentos sobre vivências e experiências, uma conversa informal sobre o que sabiam sobre o assunto, que não necessariamente foram apreendidos no curso de Artes Visuais.

Convém destacar que identificamos o estudo das questões ambientais como relevantes para as professoras do curso. A lei 9795/99 que instituiu a Política

Nacional de Educação Ambiental discorre em seu Art. 10 que “A educação ambiental será desenvolvida como prática educativa integrada, contínua e permanente em todos os níveis e modalidades do ensino formal”. Entendemos que as Universidades são responsáveis em trabalhar a Educação Ambiental de forma interdisciplinar nos cursos de formação de professores, mas verificamos no grupo focal, nos depoimentos das professoras que existiram discussões sobre o assunto nas disciplinas de Estágio Supervisionado, Planejamento e Avaliação, Cerâmica e Fotografia, porém não como condição ideal de formação universitária para o exercício de uma ação pedagógica efetiva com vistas à ampliação dos saberes sobre a Educação Ambiental.

Assim, percebemos que a formação inicial de professores leva em conta suas Leis, Projeto Pedagógico da Instituição, Projeto Pedagógico do Curso, formação dos professores universitários, realidades e dimensões diferentes, deixando claro que existe um interligamento que ultrapassa o campo específico de disciplinas que trouxeram em suas discussões em sala de aula, a Educação Ambiental. Seriam necessárias novas pesquisas nessa área.

Por outro lado, os professores do curso de Artes Visuais até a 5ª fase podem ter, em vários momentos, no decorrer de suas aulas, abordado questões ambientais em seus desdobramentos educativos e as estudantes, no momento do grupo focal, não lembraram ou não (re) significaram o assunto. É preciso considerar também que as estudantes, em consonância com a mesma Lei 9795/99, afirmaram procurar por cursos de formação complementar em Educação Ambiental, cumprindo assim, os princípios e objetivos da política Nacional de Educação Ambiental.

Portanto, a complexidade está também naquilo que não conseguimos analisar, pois a participação das Flores/estudantes foi espontânea e colaborativa para os questionamentos da pesquisa. Foram percepções independentes em cada momento/atividade e contribuíram para o resultado do trabalho. Destacam-se as categorias que emergiram no decorrer da análise sobre suas percepções: Meio Ambiente, Questões Sociais, Interdisciplinaridade, Cultura Visual e a Formação do Professor, Sustentabilidade, Estética, Biocentrismo e Antropocentrismo que se tornaram significativas para o trabalho à medida que estavam em consonância com os conteúdos tratados que emergiram das estudantes e pela dissertação como um todo.

Por esse motivo a arte pode ser um excelente facilitador para a assimilação de atitudes ambientais, pois permitiu às estudantes uma construção relacional, de emoção e diálogo, passando pela ampliação de consciência dos problemas ambientais vigentes, econômicos, políticos, sociais e de sensibilidade ecológica em sua prática educativa e também na busca de compreender o mundo e agir nele de forma crítica.

Observar as obras relaciona-se com a existência das professoras. A sensibilização ecológica a que nos referimos anteriormente leva-nos ao encontro da estética ambiental apresentada no grupo focal, por meio de imagens que envolviam ambientes construídos e questões pertinentes ao tema da pesquisa. As obras foram contextualizadas e apreciadas pelas estudantes, promovendo resultados por vezes surpreendentes ao compararem a obra “Operários” de Tarsila do Amaral e “Café” de Portinari, o operário e o negro, ambos escravos, simples assim. Evidenciou-se que as estudantes relacionam a educação ambiental e a arte como estratégia para compreensão da estética ambiental e como parte intrínseca da formação humana.

A Leitura de imagens foi uma opção para trabalhar as questões ambientais, elas estabeleceram não apenas uma leitura formal, restrita ao que estavam vendo, ou seja, a imagem em si, mas interpretaram, criticaram, fizeram relações, deram exemplos de experiências estéticas e julgaram. Apreciaram a beleza, o todo e o contexto.

Na produção artística sobre ambiente sustentável e ambiente insustentável, as estudantes foram colocadas em contato com o processo de criação, na seleção dos materiais que foram utilizados e da escolha da técnica. O objetivo foi identificar a percepção sobre sustentabilidade/insustentabilidade a partir do conceito de estética ambiental. Percebeu-se dificuldade em traduzir plasticamente o que tão bem haviam feito ao apreciarem as obras de arte. O resultado dos trabalhos, embora em alguns feito com muita simplicidade, mas com rigor científico, chegaram ao objetivo proposto.

Deste modo os três momentos aconteceram em conformidade com a proposta metodológica e os objetivos da pesquisa.

Percebeu-se que as estudantes do curso de Artes Visuais na Universidade do Contestado relacionam a Arte e Educação Ambiental por meio de práticas pedagógicas realizadas nas escolas onde atuam, na articulação entre as obras de grandes mestres e as questões ambientais e sociais, no entendimento de conceitos

pertinentes ao tema e na formação continuada. Porém, no curso de Licenciatura em Artes visuais, a formação ainda não se mostra como condição ideal de formação universitária para o exercício de uma ação pedagógica efetiva com vistas à ampliação dos saberes sobre a Educação Ambiental.

Ao terminar este estudo não significa que todos os aspectos pertinentes ao tema foram explorados, não é portanto, um processo terminado, ao contrário é uma provocação em buscar saber mais sobre a relação da Educação Ambiental, Arte e Formação do Professor, em aprofundar aspectos que surgiram no decorrer da pesquisa.

Espera-se que esta pesquisa possa contribuir para a formação de professores educadores ambientais, capazes de, por meio da magia da arte, respeitar a natureza, seus sistemas ecológicos, reconectando o cuidado com a terra e o cuidado uns dos outros.

REFERÊNCIAS

ALARCÃO, Isabel. Ser professor reflexivo. In: ALARCÃO, Isabel (org.) . **Formação reflexiva de Professores. Estratégias de Supervisão**. Porto Portugal: Porto Editora, 2005. p.171-188.

ALMEIDA, Célia Maria de Castro. Concepções e práticas artísticas na escola. In: FERREIRA, Sueli (org.). **O ensino das artes: Construindo caminhos**. Campinas, SP: Papirus, 2001. p. 11-38.

ALVES, Estácio Diniz. Do antropocentrismo ao ecocentrismo: uma mudança de paradigma. In: **População e sustentabilidade na era das mudanças ambientais globais**: contribuições para uma agenda brasileira. Belo Horizonte: ABEP, 2012. p. 299-310.

ANDRÉS, Maria Helena. **Os caminhos da arte**. 2.ed. Belo Horizonte: C/Arte, 2000.

ARGÜELLES, José. **Os Surfistas de Zuvuya**. 3.ed. Editora Pensamento, 2000.

APPLE, Michael W; NÓVOA, António (org.). **Paulo Freire: Política e Pedagogia**. Portugal: Porto 1998.

BANCHS, MA. Representaciones sociales en proceso: su análisis através de grupos focales. In: MOREIRA, ASP, CAMARGO BV, JESUÍNO JC, NÓBREGA SM, organizadores. **Perspectivas teórico-metodológicas em representações sociais**. João Pessoa :UFPB/ Editora. Universitária, 2005.

BARBOSA, Ana Mae. As mutações do conceito e da prática. In: BARBOSA, Ana Mae (org.). **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. São Paulo: Cortez, 2002. p.13 – 27.

_____ **Arte-Educação – Conflitos/acertos**. São Paulo: Perspectiva, 1994.

_____ **Arte-Educação no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 2002.

_____ **John Dewey e o ensino da arte no Brasil**. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2001

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 1977.

BRAGA, Adriana Regina. **Meio ambiente e educação: uma dupla de futuro**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 2001.

BRASIL. **Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento Agenda 21**. São Paulo: Secretaria do Meio Ambiente do Estado de São Paulo, 1997.

_____. **Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) do curso de Graduação em Artes Visuais** no parecer nº 280/2007, aprovado em 06 de dezembro de 2007.

Disponível em:

<http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12991>

Acesso em: 04 jun 2012.

_____. **Lei nº 5692 de 11 de Agosto de 1971**. Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá providências. Disponível

< http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l5692.htm> Acesso em: 07 jun 2012.

_____. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em:

<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm#art92> Acesso em: 07 jun 2012.

_____. **Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999**. Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências.

Disponível <<http://www.planalto.gov.br>> Acesso: 15 Jun. 2012.

_____. **Ministério da Educação e Cultura**. Disponível em:

<Portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=13829:veja-passo-a-passo-como-usar-a-plataforma-freire&catid=211> Acesso em 03 Fev.2012.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: arte**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares**

Nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais/Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. Resolução nº 1, de 16 de janeiro de 2009 aprova as **Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Artes Visuais** e dá outras providências.

BRÜGGER, Paula. Os novos meios de comunicação. In: BRÜGGER, Paula; BERNARDO, Carlos Frederico; LAYRARGUES, Philippe Pomier; CASTRO, Ronaldo Souza (orgs.). **Educação ambiental: repensando o espaço da cidadania**. São Paulo: Cortez, 2002. p.143-177.

BUORO, Anamelia Bueno. **Olhos que pintam: a leitura de imagem e o ensino da arte**. São Paulo: Cortez, 2002.

CAMBI, Franco. **História da pedagogia**. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

CAPRA, Fritjof. Como a natureza sustenta a teia da vida. In: STONE, Michel K; BARLOW, Zenobia (orgs.). **Alfabetização ecológica: a educação das crianças para um mundo sustentável**. Tradução de Carmen Fischer. São Paulo: Cultrix, 2006. p. 13-15.

_____. Fritjof. Falando a linguagem da natureza: princípios da sustentabilidade. In: STONE, Michel K; BARLOW, Zenobia (orgs.). **Alfabetização ecológica: a educação**

das crianças para um mundo sustentável. Tradução de Carmen Fischer. São Paulo: Cultrix, 2006. p.46-58.

CARDOSO, Maria Luiza Pontes. **Educação para nova era**: uma visão contemporânea para pais e professores. São Paulo: Summus, 1999.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **Educação ambiental**: a formação do sujeito ecológico. São Paulo: Cortez, 2004.

COIMBRA, José de Ávila. **O outro lado do meio ambiente**: uma incursão humanista na questão ambiental. Campinas: Millennium, 2002.

CONFERÊNCIA, **RIO+20**. Disponível em:
< http://www.rio20.gov.br/sobre_a_rio_mais_20 > Acesso em: 15 Jun. 2012

COSTA, Cristina. **Questões de arte**: a natureza do belo, da percepção e do prazer do belo. São Paulo: Moderna, 1999.

DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. **Mil platôs**. Vol.I. São Paulo: Editora 34, 2000.

DIAS, Genebaldo Freire. **Educação ambiental**: princípios e práticas. 9.ed. São Paulo: Gaia, 2004.

DIAS, Edna Cardoso. **A tutela jurídica dos animais**. Belo Horizonte: Mandamentos, 2000.

DIEZ, Carmen Lúcia F. Estética: arte, filosofia e realidade. IN: HORN, Geraldo Balduino. **Filosofia: doxá à epistême**. Curitiba: Juruá, 2012.

DIVO, Carlos. **Pinacoteca Van Gogh**. Editora Caras S.A. São Paulo, SP, Brasil.

_____ **Pinacoteca Portinari**. Editora Caras S.A. São Paulo, SP, Brasil.

DUARTE JUNIOR. João Francisco. **O que é realidade**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

_____ **Por que arte-educação**. 6.ed. Campinas, SP: Papirus, 1991.

FAZENDA, Ivani C. A. (org.) **Dicionário em construção**: Interdisciplinaridade. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. **As pesquisas denominadas “estado da arte”**. Artigo publicado na revista Educação & Sociedade, 79, ano XXIII, ago/2002, CEDES, Campinas–SP. Disponível em: <<http://www.fe.unicamp.br/alle/textos/NSAF-AsPesquisasDenominadasEstadodaArte.pdf>>. Acesso em: 08 dez. 2011.

FREIRE, Paulo. **Conscientização**: teoria e prática da libertação. Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. 3.ed. São Paulo: Moraes, 1980.

_____. **A importância do ato de ler:** em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 1993.

FUSARI, Maria Felisminda de Rezende e. FERRAZ, Maria Heloísa Corrêa de Toledo. **Arte na educação escolar.** São Paulo: Cortez, 1993.

GANDIN, Danilo. **Escola e transformação social.** Petrópolis: Vozes, 1998.

GATTI, Bernadete Angelina. **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas.** Brasília: Líber Livro Editora, 2005.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade.** São Paulo: Editora UNESP, 1991.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4 ed. São Paulo: Atlas 2002.

GOHN, Maria Gloria. **Educação não formal e educador social:** atuação no desenvolvimento de projetos sociais. São Paulo: Cortez, 2010.

GONZÁLEZ, José Antonio Moreiro. **O conteúdo da imagem.** Curitiba: Ed. da UFPR, 2003.

GRÜN, Mauro. **Em busca da dimensão ética da educação ambiental.** Campinas, SP: Papirus, 2007.

GUERRA, Antonio Fernando Silveira. FIGUEIREDO, Mara Lúcia. PEREIRA, Yara Christina Cesário. Sustentabilidade ou desenvolvimento sustentável? da ambigüidade dos conceitos à prática pedagógica em educação ambiental. In: GUERRA, Antonio Fernando Silveira. FIGUEIREDO, Mara Lúcia. (org.). **Sustentabilidade em diálogos.** Itajaí: Universidade do vale do Itajaí, 2010.

GUEVARA, Arnaldo José de Hoyos. et al. **Conhecimento, cidadania e meio ambiente.** São Paulo: Peirópolis, 1998.

GUIMARÃES, Mauro. **A dimensão ambiental na educação.** Campinas, SP: Papirus, 1995.

HERNÁNDEZ, Fernando. Catadores da Cultura Visual. Proposta para uma narrativa educacional. Porto Alegre: Editora Mediação, 2007.

IABELBERG, Rosa. **Para gostar de aprender arte:** sala de aula e formação de professores. Porto alegre: Artmed, 2003.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>> Acesso em: 14.11.2011. Resultados divulgados no Diário Oficial da União em 04 Nov.2010.

JAEGER, Werner Wilhelm. **Paídea:** a formação do homem grego. 3. ed. São Paulo. SP. 1994.

KEHRWALD, Isabel Petry. Ler e escrever em artes visuais. In: NEVES, Iara Conceição Bitencourt et. AL. **Ler e escrever compromisso de todas as áreas**. 2.ed. Porto Alegre: UFRGS, 1999.

LEFF, Enrique. **Epistemologia ambiental**. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2002.

LEITE, E. Dinâmica evolutiva do processo criativo. In: ALENCAR, E. M. L. e VIRGOLIM, A. M. R. (Org.) **Criatividade**: expressão e desenvolvimento. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

LIMA, Lucia Ceccato. **Processo de planejamento e implantação do parque natural municipal de Lages – SC com ênfase na conservação de bacias hidrográficas e na percepção da comunidade do entorno**. 2007. 168 f. Tese em Educação ambiental. Universidade Federal De Santa Catarina – UFSC - Centro Tecnológico Programa de Pós-Graduação em Engenharia Ambiental.

LIXO EXTRAORDINÁRIO. In: Wikipédia: a enciclopédia livre. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Lixo_Extraordin%C3%A1rio> Acesso em: 18 dez 2012.

LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo. Educação ambiental e movimentos sociais na construção da cidadania ecológica e planetária. In: LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo; LAYRARGUES, Philippe Pomier, CASTRO, Ronaldo Souza (orgs.). **Educação ambiental**: repensando o espaço da cidadania. São Paulo: Cortez, 2002. p.69 -98.

LOWENFELD, Viktor. **Desenvolvimento da capacidade criadora**. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Mestre Jou, 1977.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Filosofia da educação**. São Paulo: Cortez, 1994.

LÜDKE, Menga. **Pesquisa em educação**: Abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MANACORDA, Mario Alighiero. **História da educação**: da antiguidade aos nossos dias. Trad. De Gaetano Lo Monaco; 6. ed. São Paulo: Cortez, 1997.

MARTINI, George; TORRES, Haroldo; MELLO, Leonardo Freire. Cultura do consumo e desenvolvimento econômico na era de mudanças climáticas. In: **População e sustentabilidade na era das mudanças ambientais globais**: contribuições para uma agenda brasileira. Belo Horizonte: ABEP, 2012. p. 19 a 33.

MARTINS, Mirian Celeste. Aquecendo uma transformação: Atitudes e valores no ensino da arte. In: BARBOSA (org.) . **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. São Paulo: Cortez, 2002. p. 49-63.

_____, Mirian Celeste Ferreira Dias. **Arte, só na aula de arte?** Educação, Porto Alegre, V,34, n,3, p.311 a 316, set/dez 2011, Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/viewFile/9516/6779>> Acesso em: 10 set 2012.

MEDINA, Naná Mininni. **Educação ambiental**: uma metodologia participativa de formação. Petrópolis RJ: Vozes, 1999.

MEIRA, Marly. **Filosofia da criação**: reflexões sobre o sentido do sensível. Porto Alegre: Mediação, 2003.

MORIN, Edgar. **A Cabeça bem feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

_____. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 3.ed. São Paulo: Cortez. Brasília, DF: UNESCO, 2001.

NICOLESCU, Basarab. **O manifesto da transdisciplinaridade**. Triom: São Paulo, 1999.

NUNES, Benedito. **Introdução a filosofia da arte**. 5.ed. São Paulo: Editora Ática, 2011.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. Petrópolis: Vozes, 1987.

PENTEADO, Heloísa Dupas. **Meio ambiente e a formação de professores**. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2000.

PERRENOUD, Philippe. **Ensinar**: Agir na Urgência, decidir na incerteza. Saberes e competências em agir na urgência uma profissão reflexiva. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

_____. **Práticas pedagógicas, profissão docente e formação**: perspectivas sociológicas. Lisboa: Dom Quixote, 1993.

PILLAR, Analice Dutra (org). **A educação do olhar no ensino das artes**. Porto Alegre: Mediação, 2001.

_____, Analice Dutra. A educação do olhar no ensino da arte. In: BARBOSA, Ana Mae (org.). **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. São Paulo: Cortez, 2002. p. 71-83.

PIMENTA, Selma Garrido Pimenta. **Estágio e docência**. São Paulo: Cortez, 2004.

PROENÇA, Graça. **Descobrimos a história da arte**: São Paulo: Ática, 2005.

PROTOCOLO DE QUIOTO. **A convenção sobre mudanças do clima**. Disponível em :<<http://mudancasclimaticas.cptec.inpe.br>> Acesso em: 10 Jun. 2012.

READ, Herbert. **O sentido da arte**: esboço da história da arte, principalmente da pintura e da escultura, e das bases dos julgamentos estéticos. 4.ed. São Paulo: IBRASA, 1978.

REIGOTA, Marcos. **Meio ambiente e representação social**. 3.ed. São Paulo: Cortez, 1998.

REVERBEL, Olga Garcia. Disponível em:
<http://www.itaucultural.org.br/aplicExternas/enciclopedia_teatro/comum/dsp_person alidades_imp.cfm?cd_verbete=8961> Acesso em: 28 fev 2012.

RIBEIRO, Maria Izabel Branco. **OSGEMEOS**: as imagens e as ruas. In: SILVA, Renato. **OSGEMEOS**. São Paulo: FAAP, 2009.

RIZZI, Chistina de Souza. Caminhos Metodológicos. In: BARBOSA, Ana Mae (org). **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. São Paulo: Cortez, 2002. p. 63-71.

ROSSI, Maria Helena Wagner. A compreensão do desenvolvimento estético. In: PILLAR, Analice Dutra. **A educação do olhar no ensino das artes**. Porto Alegre: Mediação, 2001. p.23-37.

SAMPAIO, Dulce Moreira. **Educação e reconexão do ser**: um caminho para a transformação humana e planetária. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

SANTOS, Fausto dos. **A estética máxima**. Chapecó: Argos, 2003.

SCOTTO, Gabriela. **Desenvolvimento sustentável**. 5.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

STRICKLAND, Carol. **Arte comentada**: da pré-história ao pós-moderno. Tradução Ângela Lobo de Andrade. Rio de Janeiro RJ: Ediouro, 2001.

STRIEDER, Roque. Educar para a iniciativa e a solidariedade. 2.ed. Ijuí: Unijuí, 2004.

TANCREDI, Letícia. **Ministro homologa diretrizes para educação ambiental**. Disponível em:
<http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=17851>. Acesso em: 20 jun. 2012.

TRIVIÑOS, A.N.S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlantas, 1990.

UNIVERSIDADE DO CONTESTADO — UnC. Pró-Reitoria de Ensino. Nov.2009. REFORMULAÇÃO DO PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO DE ARTES VISUAIS.

ZORDAN, Paola. **Percurso das artes plásticas visuais: geologia de uma disciplina**. Disponível em:
<<http://www.anped.org.br/33encontro/app/webroot/files/file/Trabalhos%20em%20PDF/GT24-6006--Int.pdf>>. Acesso em: 25 set. 2012.

REFERÊNCIAS ICONOGRÁFICAS

AMARAL, Tarsila. **Os Operários**. Disponível em: < blog.educaedu.com> Acesso em 16 jun 2012.

GOGH, Vincent Van. **Os Girassóis**. Disponível em: <cybervida.com.br> Acesso em: 16 jun de 2012.

HICKS, Edward. **O Reino Pacífico**. Disponível em: <es.wikipedia.org> Acesso em 16 jun 2012.

OSGEMEOS. **O Beija-flor**. Disponível em: <carolnasserstore.wordpress.com> Acesso em 16 jun de 2012.

PETICOV, Antonio. **Seven Trees**. Disponível em: <art-bonobo.com> Acesso em: 10 abr 2012.

PETICOV, Antonio. **Sem nome**. Disponível em: <peticov.com.br> Acesso em: 10 jun 2012.

PORTINARI, Candido. **Café**. Disponível em: <blogdaresistencia.blogspot.com> Acesso em 16 jun 2012.

RODIN, Auguste. **O Pensador**. Disponível em: < penseverde.wordpress.com> Acesso em: 15 maio 2012.

SANZIO, Rafael. **Escola de Atenas**. Disponível em: <abrancoalmeida.com> Acesso em: 10 abr 2012.

WEINSTEIN, Gal. **Entre-ljuís (2011)**. VIII Bienal do Mercosul. Disponível em : <bienalmercosul.art.br> Acesso em: 15 maio 2012.

APÊNDICES

APÊNDICE A — Estado da Arte

APÊNDICE B — Obras de referência

APÊNDICE C — Resultados Grupo Focal Tarsila do Amaral — Roteiro de Questões

APÊNDICE D — Resultados do Grupo Focal Tarsila do Amaral — Leitura de Imagem

APÊNDICE E — Resultados do Grupo Focal Tarsila do Amaral — Produção Artística

APÊNDICE A — Estado da Arte

Quadro 1 — Resultado da pesquisa em nível local UNIPLAC

Palavras-Chave	Nível	Ano						Total Nível
		2006	2007	2008	2009	2010	2011	
Educação Ambiental	D*	x	x	x	x	01	01	02
	R*	02	02	x	01	x	x	05
Percepção Ambiental	D*	x	x	x	01	x	x	01
Complexidade Ambiental	R*	01	x	x	x	x	x	01
Educação Ambiental Formal	x	x	x	x	x	x	x	x
Educação Ambiental Não Formal	x	x	x	x	x	x	x	x
Formação de Professores de Artes								
Arte-Educação	R*	x	x	01	x	x	x	01
	M*	01	x	x	x	x		01
TOTAL								11

Fonte: <<http://www.uniplace.net/biblioteca/>>Disponível em 07/12/2011

R* Relatório

D* Dissertação

M* Monografia

Quadro 2 — Resultado da pesquisa em nível local UNIPLAC – Cruzamento de Palavras-Chave

Palavras-Chave	Nível	Ano						Total Nível
		2006	2007	2008	2009	2010	2011	
Educação Ambiental e Formação de Professores	x	x	x	x	x	01	x	01
Educação Ambiental e Artes (Arte-Educação)	x	x	x	x	x	x	x	x
Formação de Professores de Artes e Formação de Professores para Educação Ambiental.	x	x	x	x	x	x	x	x
TOTAL								01

Fonte: <<http://www.uniplace.net/biblioteca/>>Disponível em 07/12/2011

D* Dissertação

M* Monografia

Quadro 3 — Resultado da pesquisa em nível estadual - UFSC

Palavras-Chave	Nível	Ano						Total Nível
		2006	2007	2008	2009	2010	2011	
Educação Ambiental	T*	01	02	02	02	01	01	09
	D*	01	x	01	01	02	x	05
	M*	03	x	x	x	x	x	03
	TCC	01	01	01	01	x	x	04
	A*	x	01	x	x	x	x	01
Percepção Ambiental	D*	x	x	01	x	x	x	01
	A*	x	x	x	01	02	x	03
Complexidade Ambiental	x	x	x	x	x	x	x	x
Educação Ambiental Formal	x	x	x	x	x	x	x	x
Educação Ambiental não Formal	x	x	x	x	x	x	x	x
Formação de Professores	D*	x	x	01	01	01	x	03

de Artes								
Arte Educação	x	x	x	x	x	x	x	x
TOTAL								25

Fonte:

<http://aspro02.npd.ufsc.br/pergamum/biblioteca/index.php?resolution2=1024_1&tipo_pesquisa=>
Disponível em 07.12.2011

T* Tese

D* Dissertação

M* Monografia

TCC* Trabalho de Conclusão de Curso

A* Artigo

Quadro 4 — Resultado da pesquisa em nível local estadual – UFSC Cruzamento de Palavras-Chave

Palavras-Chave	Nível	Ano						Total Nível
		2006	2007	2008	2009	2010	2011	
Educação Ambiental e Formação de Professores	T*	x	x	x	01	x	01	02
Educação Ambiental e Artes (Arte-Educação)	x	x	x	x	x	x	x	x
Formação de Professores de Artes e Formação de Professores para Educação Ambiental.	x	x	x	x	x	x	x	x
TOTAL								02

Fonte:

<http://aspro02.npd.ufsc.br/pergamum/biblioteca/index.php?resolution2=1024_1&tipo_pesquisa=>
Disponível em 07.12.2011 T* Tese

Quadro 5 — Resultado da pesquisa em nível Nacional: Domínio Público (Mestrado e Doutorado)

Palavras-Chave	Nível	Ano						Total Nível
		2006	2007	2008	2009	2010	2011	
Educação Ambiental	D*	x	x	x	x	01	x	01
Percepção Ambiental	x	x	x	x	x	x	x	x
Complexidade Ambiental	x	x	x	x	x	x	x	x
Educação Ambiental Formal	x	x	x	x	x	x	x	x
Educação Ambiental não Formal	x	x	x	x	x	x	x	x
Formação de Professores de Artes	D*	01	x	x	x	x	x	01
Arte-Educação	D*		02	04	02	02		08
TOTAL								10

Fonte <<http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/ResultadoPesquisaPeriodicoForm.do>> Disponível em 09/12/11

D* Dissertação

Quadro 6 — Resultado da pesquisa em nível Nacional: Domínio Público (Mestrado e Doutorado)

Palavras-Chave	Nível	Ano						Total Nível
		2006	2007	2008	2009	2010	2011	
Educação Ambiental e Formação de Professores	x	x	x	x	x	x	x	x
Educação Ambiental e Artes (Arte-Educação)	x	x	x	x	x	x	x	x
Formação de Professores de Artes e Formação de Professores para Educação	x	x	x	x	x	x	x	x

Ambiental.								
TOTAL								00

Fonte<<http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/ResultadoPesquisaPeriodicoForm.do>>Disponível em 09/12/11

APÊNDICE B — Obras de Referência

Figura 7 — Doze Girassóis numa Jarra — 1888



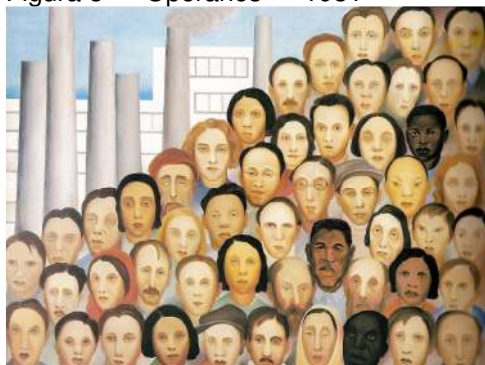
Fonte: cybervida.com.br (2012)

AUTOR: Vincent Van Gogh (Holanda, 1856-1890)

Vincent van Gogh não conheceu a fama nem a fortuna. Em toda a sua vida o mestre da pintura vendeu apenas um quadro: Vinhas Vermelhas, em Arles. Durante os seus 37 anos de vida, passou fome e frio, viveu em barracos e conheceu a pobreza absoluta. Não fosse a generosidade do irmão Theodorus, que o sustentou durante muitos anos e com quem se correspondeu a vida inteira, foram cerca de 750 cartas, talvez não tivesse vivido o bastante para nos deixar sua arte. Enquanto produziu, entre 1880 e 1890, foi ignorado pela crítica e pela maior parte do mundo artístico. Só virou celebridade e foi reconhecido como gênio que era, após sua morte, em 1890. Hoje seus quadros estão entre os mais caros do mundo.

Texto: Divo (Sem data)

Figura 8 — Operários — 1931



Fonte: blog.educaedu.com (2012)

AUTORA: Tarsila do Amaral — 1886 a 1973

Nasceu em 1886 em Capivari, interior do Estado de São Paulo. A pintura brasileira começa a procurar uma expressão moderna, porém mais ligada às nossas raízes culturais. Ela não participou da Semana de Arte Moderna de 1922, mas colaborou decisivamente para a arte moderna brasileira. Sua carreira artística começou em 1916. Em 1920, foi para Europa, onde estudou com mestres franceses até 1922. No mesmo ano, veio para o Brasil, mas em 1923 voltou à Europa, onde passou pela influência impressionista e, depois, cubista. Nessa fase, ligou-se a importantes artistas do modernismo europeu, como Picasso e Brancusi. No ano seguinte, novamente no Brasil, iniciou a fase a que deu o nome de *pau-brasil*, caracterizada, segundo o crítico Sérgio Milliet (1898-1966), pelas “[...] cores ditas caipiras, rosas e azuis, flores de baú, a estilização geométrica das frutas e plantas tropicais dos cablocos e negros, da melancia das cidadezinhas, tudo isso enquadrado na solidez da construção cubista”. As obras que Tarsila produziu na década de 1930 expressam a preocupação com os problemas sociais e com os trabalhadores. Um exemplo significativo desse tema é a obra “Operários”.

Texto: Proença (2005)

Figura 9 — O Beija-flor — 2008



Fonte: carolnasserstore.wordpress.com 2012)

AUTOR: OSGEMEOS

Gustavo e Otávio Pandolfo, gêmeos de fato, enquanto grafiteiros passam a ser OSGEMEOS, apreciadores da cor amarela, produtores em uníssono de imagens

criadas a quatro mãos e criadores de pinturas e objetos várias vezes maiores do que eles, de acordo com métodos de trabalho em que idéias e práticas são compartilhadas em todas as etapas. OSGEMEOS constituíram um repertório plástico de procedência variada que se estabeleceu nas ruas e com elas mantém diálogo direto. O gosto pelas cores intensas, o tom lúdico e a criação remetem ao mundo das histórias em quadrinhos. Usam com abundância a cor amarela e o motivo é o mesmo em que elas aparecem na placa de trânsito: sua capacidade de atrair a atenção do olhar. Preenchem formas com superfície decoradas com xadrezes, listas, estampas e floridos, enfatizando planos e criam ambientes com sugestões de espaço tridimensional. Mesclam universos reais e imaginários, da tradição popular e da arte. Ao transformarem esse repertório em objetos e o transportarem para a pintura, certamente OSGEMEOS deixaram de fazer grafite, se a definição do termo estiver estritamente vinculada aos muros, não obstante seu trabalho ainda conserva intensa relação com as ruas, onde nasceu.

Texto: Ribeiro (2009)

Figura 10 — Café — 1935



Fonte: blogdaresistencia.blogspot.com (2012)

AUTOR: Candido Portinari

Filho de imigrantes italianos que desembarcavam no Brasil rumo a lavoura cafeeira, Candido Portinari, nasceu em 30 de dezembro de 1903, em Brodósqui, interior de São Paulo, mas desde cedo mostrou seu talento para universalidade. [...] Foi durante uma difícil situação econômica que o aclamado rei de Brodósqui conseguiu vender seu primeiro quadro, *Baile na Roça*, de 1924. [...] Esteve na Europa onde estudou os clássicos, e voltou ao Brasil com apenas três produções. Ao contrário do costumes dos artistas da época que aproveitavam as viagens à

Europa para copiar as obras de artistas célebres, Portinari aguçava seu sentido de visão e observava cada uma delas com grande apreço. A ânsia pelo novo o fez voltar a Brodóski. Os retratos e os meninos de sua cidade natal são uma constante ao longo de toda a trajetória do artista. [...] Em 1935, *Café* deu a Portinari projeção internacional. Foi o primeiro artista brasileiro a ser premiado no exterior.

Texto: Divo (sem data)

Figura 11 — O Reino Pacífico — Cerca de 1840



Fonte: es.wikipedia.org (2012)

AUTOR: Edward Hicks

Edward Hicks nasceu na mansão de seu avô em Attleboro (agora Langhorne), em Bucks County, Pensilvânia. Por volta de 1820, Hicks fez a primeira de suas muitas pinturas de *O Reino Pacífico*. As Pinturas de Hicks foram feitas muitas vezes para a família e amigos e não para venda, a pintura decorativa manteve sua principal fonte de renda. Embora nenhum de seus quadros sejam completamente idênticos, existem certas estruturas composicionais e padrões que Hicks segue dentro de todo o seu trabalho. Embora o espaço pode parecer superficial no plano de imagem desses quadros, a profundidade é criada através de objetos e tamanho de objetos e, secundariamente, pela luz e sombras. O primeiro plano do solo, meio e fundo são todas definidas por objetos, animais, paisagens, seres humanos, e skylines. Hicks quase sempre pinta cenas ao ar livre, em que a fonte de luz é o sol ou céu. Os esquemas de cores do seu trabalho não são complicados, e dentro de um quadro como "pacífica Reino" muitas das cores têm o mesmo calor ou tom marrom. Essa é outra maneira que Hicks tenta transmitir "uniformidade" ou paz. A maioria dessas pinturas são assimetricamente equilibrada,

para refletir as ações que ocorrem entre grupos de pessoas e animais no âmbito do trabalho.

Texto:s.wikipedia.org/wiki/Edward_Hicks (2012)

APÊNDICE C — Resultados Grupo Focal Tarsila do Amaral — Roteiro de Questões

Quadro 1: Resultados Grupo Focal Tarsila do Amaral — Roteiro de Questões

Roteiro	Participação	Categoria
Existe relação entre Arte Educação e Educação Ambiental? Onde? Como? O que vocês percebem? Etc.	Flor de mel – Eu acredito que exista, como a sociedade está mudando, a arte também está mudando. E também o meio ambiente não é mais o mesmo, ele se transforma conforme as ações do homem. Há uma interferência sim, tanto na arte como no meio ambiente, porque a sociedade é diferente, o tempo é diferente. Flores do Campo - Está tudo em transformação, tudo mudando, até os próprios artistas. Exemplo: Salvador Dali tem bastante obras que falam sobre o meio ambiente, a gente pode utilizar no trabalho com as crianças, o meio ambiente. Flor de Mel - A Tarsila do Amaral trabalha muito a questão social, dá para trabalhar com a Educação Infantil essa parte. Tulipa - A arte influencia muito, você pode pegar uma obra de arte que tem paisagem, pode mostrar para a criança como está a paisagem na obra e como está hoje. Você pode fazer a relação entre a obra de arte e o ambiente que a gente vive, até como forma de preservação deste meio ambiente, porque na obra tá lindo, bonito. É assim mesmo? Amor-Perfeito - Pode usar como interferência para a criança pensar, para haver uma discussão. Se é tudo perfeito, se é tudo bonito mesmo, se isto realmente existe, como é nosso ambiente aqui fora, como está lá na tela? Contextualizar para as crianças entendam as questões do ser humano vir a destruir o meio ambiente. Então, acho que está questão dá para fazer uma relação com a criança e as obras de arte também. Amor-Perfeito - A gente vê também que o tema meio ambiente, e eu estou trabalhando Cândido Portinari, tema do meu estágio, para fazer esta relação tem os retirantes que é um quadro do Cândido Portinari que eu não via desta forma. Dá para fazer uma relação com o meio ambiente de hoje. Então, como uma questão que a Tulipa colocou, como era e como está hoje, gostaria que fosse lá naquela época também. Trabalhar com os pequenos acho que vai ser bem válido. Esta interferência e a obra (alunos de 5 anos) o professor colocou para gente na escolha do tema para o estágio, poderia escolher, Os Retirantes, Café. E colocar para as crianças para fazer a relação com o texto e outras coisas. Violeta - Outras relações como as questões sociais. Como estava a questão ambiental no quadro? Por que Retirantes? De que local eles se retiraram? Flor de Mel - Sem falar que com as crianças pequenas a gente não vê o que eles veem, a riqueza de detalhes das obras. Tulipa - Eles têm sensibilidade, eles conseguem perceber detalhes que a gente deixa passar Flores do Campo - A mesma coisa que na obra a Cuca da Tarsila, você pode perguntar para a criança: Qual o local que a Cuca está na obra? Será que no imaginário ela vê a Cuca naquele ambiente? Você trabalha não somente o meio ambiente, mas outras questões, você faz a interdisciplinaridade dentro da leitura. Margarida – Dizer que Vik Muniz não tem a ver com o meio ambiente, eu acho que tem muito a ver, não só porque trabalha com sucata e tudo mais, mas pelo trabalho social que ele faz, o filme "Lixo Extraordinário", envolvendo o meio ambiente. Acho que tem muito a ver com o meio ambiente. Dá para trabalhar muito com as crianças. Orquídea - É uma obra que choca quando a gente vê, não deixando, de ser uma obra de arte. Chama a atenção da população, do que está se transformando nossa natureza, a nossa paisagem Flor de Mel - A gente abordou em um projeto o tema água, eu finalizei o trabalho com uma obra do Vik Muniz por que acho que tem tudo haver, com lixo nos rios que poluem a água, o meio ambiente. Azálea - Tem tudo a ver o meio ambiente com a arte, até a arte contemporânea. Esta questão da interferência, queira ou não o homem acaba interferindo no meio ambiente, mesmo sem querer. É lógico que não leva a uma produção bonita, mas também dá para trabalhar esta parte da interferência que na arte você interpreta no sentido do lado bom, positivo e quando você esta prejudicando o meio ambiente não é o lado positivo. Então tem tudo haver, tem tudo haver. Flor de Mel - Tem os dois lados.	- Transformação da Arte e do Meio Ambiente - Meio Ambiente - Questões Sociais - Estética - Leitura de Imagem - Interdisciplinaridade

Tem sido articulado no curso de vocês o tema Educação Ambiental? Como ocorre?	Tulipa - No estágio, na verdade, discutimos por causa do Vik Muniz. Questionamos bastante, o que foi dito é que ele utiliza aquele lixo todo para fazer a obra, ele trabalha em cima da fotografia, da imagem, mas que depois ele deposita, descarta novamente no lixo. Foi uma discussão na disciplina de Estágio, no planejamento. Alguém escolheu este tema para o estágio, mas o professor disse que não por que ele trabalha em cima da fotografia, produz a imagem, não tem a parte de sensibilização, só a imagem e que depois ele descarta este lixo. Margarida - Acho que a gente pode trazer para sala de aula, falar sobre isto, focando não só a imagem. Ela é linda! Ela é bela! Mas é chocante por que é lixo, ele foi lá. Violeta – A abertura da novela Passione, de longe era lindo, perto as pessoas podiam ver que eram pneus velhos, eram sucatas puras. Então, o que é a transformação? Vai da consciência de você chegar para a criança e dizer: Será que depois disto a gente descarta? Ou pode criar novas coisas? Novos objetos, novas obras ou reciclar? Então vai de cada professor. Amor-Perfeito - Na obra do Vik Muniz mostrava o belo e nesta novela atual a gente vê o lixo realmente como ele é. Tulipa - Quantas coisas são descartadas, que podem ser reaproveitadas. Mostra uma casa muito linda, a gente percebe que é tudo com reciclado, que tiram do lixo, o que jogamos fora. Têm profissões, seres humanos que trabalham no lixo, separação do lixo, sobrevive do lixo. Flores do Campo - Na disciplina de Planejamento e Avaliação, a professora trouxe sucatas. Muito bom, ela contou uma história e a partir desta história a gente teve que criar um objeto, feito de sucatas, lixo e foi bem divertido e produtivo. Flor de Mel -Envolve as pessoas. Amor-Perfeito - Tivemos uma outra visão de história de como chegar a uma obra de arte com o nosso aluno, mas assim isto choca por que não vai dar para fazer no estágio. A forma como ela ensinou para contar: Ela levou o artista ao meio ambiente. No início ela começou com o artista morando em tal lugar, como era o lugar, eu acho que isto interfere na arte. A criança já vem sabendo de onde ele veio. Flores do Campo na disciplina de gravura, objetos do meio ambiente. Ex: flores. Amor-Perfeito - A fotografia trabalhou porque tínhamos que tirar uma foto que mostrasse a realidade que você vive, um objeto que chocasse e outra que fosse bonito, fazer este paralelo. Fotos interessantes que intrigassem o observador. Ele teria que pensar por que tiraram foto do lixeiro debaixo para cima. Na verdade isto deixa o outro curioso em saber. Para gente estar vendo a reação das pessoas. O que é isto? É arte? Não é arte?	- Cultura Visual - Questões Sociais - Leitura de Imagem
É possível relacionar a Educação Ambiental e a Arte como estratégia para compreensão da estética ambiental?	Tulipa - O que falamos até aqui já responde a esta pergunta. Grupo - concorda	
Qual a importância da estética ambiental na formação humana?	Violeta - Questão do lixo. Tulipa - Que o lixo não é tão feio, tem pessoas que dependem de lá, que são sustentadas. Das pessoas que fazem a separação, essa relação. Violeta - Se fizer as coisas certas, tudo poderia ficar bem. Amor-Perfeito - Um dos livros ou em uma viagem que fizemos, tinha uns pneus que eram bancos. A forma que foi elaborado estava lindo, esteticamente bonito. Mas se colocar num canto e pintar para colocar	Educação Ambiental Sustentabilidade Consumismo

	flor a visão da pessoa será outra. Violeta - Consciência de que não se pode usar o lixo de forma tão banal, não tem como fazer tantos bancos de reciclagem. O lixo deve ser feito com responsabilidade. Tulipa - Este consumo que está hoje. A gente é tão consumista que acaba descartando [...] também porque não vai mais ser utilizado. Flor de Mel - Os meios de comunicação passam que é bom a gente comprar. Violeta - Como vou viver sem isto. Orquídea - É por isto que se fala tanto em sustentabilidade hoje. Tá na moda, sustentabilidade. Acho que teve outras meninas aqui que foram no curso e nos chamou muito atenção que o palestrante disse que usava uma camiseta de algodão até não dar mais, por que quantas pessoas morrem até fabricar uma nova. Trabalhar com fibras sintéticas e bambu, quantas pessoas morrem para ele usar uma ou duas vezes e descartar, porque não dão valor. Flores do Campo Neste mesmo curso, rolou uma discussão. Fazíamos o trabalho por grupo e apresentávamos na frente. Uma pessoa disse: gosto muito da sustentabilidade, veja quanta coisa eles reproduzem, vi numa revista de moda uma roupa que era feita de jornal. Daí eu disse na hora do nosso grupo — eu questionei — foi feito uma roupa de jornal porque está numa revista da moda que tem um nome. Mas a pessoa tem que ver que sustentabilidade não é o químico que é utilizado para fazer aquela roupa, não só o químico, mas todos os produtos para ter aquele efeito. Não é sustentável é uma coisa que você utiliza sem usar outros produtos, sem agredir de forma alguma o meio ambiente. Então, até depois na hora do lanche no curso, aconteceu uma coisa engraçada. Pedimos lanche para duas lanchonetes diferentes, eu e a outra menina (a mesma da revista), um simples x salada. No dela veio um monte de coisara (plástico, embalagem de isopor, sache, muitos guardanapos, canudinhos, colherinhas, copinhos de plástico para maionese e para o catchup separados, mais embalagem de papel, mais a lata de coca dentro de uma sacola plástica. O que veio no meu: o pacote do x salada, uns 3 guardanapos, dois saches de maionese e catchup e uma garrafa pet de suco. Olha a diferença! Agir, por quê? Ela disse: Eu li numa revista da moda. Flores do Campo - Mas a pessoa tem que ter consciência que aí vai produtos químicos, um monte de coisa. Flor de Mel Não basta só falar, tem que perceber e agir. Flor de Mel - sobre o olhar estético, olhar para mesa é perceber que é de madeira, é retirada do meio ambiente...o ferro. Azálea - Essa parte depende da relação do professor. A partir do momento que ele vai trabalhar as obras de artes, lindas e maravilhosas, mas porque não ter um olhar para o meio ambiente, tirar tempo, observar o lixo que alguém jogou. Começar a olhar, a árvore está ali, ela vai me ajudar a purificar o ar, vai me dar papel, lenha. Não só olhar por este lado, mas começar a apreciar, olhar mais a fundo. Acho que seria esta a estética ambiental. A gente não para.No teto de um ginásio observamos os pezinhos de um passarinho no teto, só os pezinhos, coisa mais lindinha. Orquídea - Vida tão corrida que não dá tempo para ver essas coisas.	Leitura de Imagem Capitalismo Formação Continuada Formação do Professor Estética Ambiental Educação
--	--	---

Descrever fatores que facilitam ou dificultam o desenvolvimento dessa relação no curso;	Azálea - Correria do dia-a-dia. Você passa pelo mesmo local várias vezes e não observa. Por exemplo: a sombra que faz. A correria faz você não observar. Não olhar. Você vê, mas não olha. Amor-Perfeito Na viagem de estudo de meio a Curitiba, vimos uma Flor no telhado do Museu Paranaguá. Nos estávamos em um local que era pedra, não tinha como nascer uma flor entre as pedras. É você ter um momento. Ali nos estávamos voltados para arte. Tulipa - Percebemos mais porque estávamos discutindo arte, a gente tem esse tempo, essa parada, é o que falta hoje nas pessoas, a vida é muito corrida e as pessoas não se dão conta quanta coisa bela se tem para aproveitar, para trabalhar. Amor-Perfeito - Tem um exemplo que a Violeta relatou hoje na aula da professora Cris, que quando estudava no Santa Teresinha a professora de matemática ficava explicando e ela ouvia o barulho dos eucaliptos e isto não sai da cabeça dela. Violeta - O dia lindo lá fora e eu tentando entender matemática. Margarida - Eu acho que está mudando bastante. Acredito que as crianças, que vão ser o futuro, vão ser bem diferentes. Os nossos pais e nós não tivemos esta educação que a gente tem hoje. Hoje em dia é muito falado. Vejo minhas crianças do Pré, eles conversam e mostram, professora tem papel no chão. Eles juntam e colocam no lixo. Tem consciência que a gente não teve, não foi falado e nossos pais muito menos. Professora, a torneira está aberta, eles vão lá e fecham. Toda vida cuidando, outro olhar. Acredito em uma mudança. Pai e Mãe não sabem, só a professora que sabe. Então, tudo que você passar para criança deve ter convicção, porque ela acredita. Ela vai levar para casa, para comunidade. Flor de Mel - Concorro com a Margarida, quando a gente diz para o aluno, lixo é no lixeiro, ou alguma coisa, é verdade.	Alfabetização Visual Estética Educação Ambiental
--	---	--

Fonte: Dados da Pesquisa (2012)

APÊNDICE D — Resultados do Grupo Focal Tarsila do Amaral — Leitura de Imagem

Quadro 2 — Resultados do Grupo Focal Tarsila do Amaral

Leitura de Imagem				
Obras de Arte	Aspectos Ambientais	Categorias	Aspectos Artísticos Formais	Categorias
Figura 1 — Girassóis - 1888  Fonte: cybervida (2012)	- Azálea - Parecem murchos - Flores do Campo - Duas qualidades de Girassóis; - Violeta - Girassóis em vários estágios; - Relação com a vida; - Flores do Campo - Diversidade; - Margarida - um não é igual ao outro; - Flores do Campo - Uns mais alegres – abertos outros mais fechados; - Flor de Mel - A gente tem opções na vida; - Violeta - O sol faz o girassol viver; - Flores do Campo - O girassol se volta para o sol, acompanha o sol; - Violeta - O sol é o que nos permite viver, existir no mundo, energia.	- Energia (sol); - Diversidade; - Vida.	- Todas Girassóis de Van Gogh; - Flor de Mel – Caídos; - Margarida - Cores quentes; - Flor de Mel - Vaso em primeiro plano e parede em segundo.	- Leitura de Imagem
Figura 2 — Operários - 1931  Fonte: blog.educaedu (2012)	- Margarida - Diversidade de pessoas - Trabalhadores; - Diferentes; - Flores do Campo - Voltado para o meio ambiente, poluição da fábrica, Indústria; - Violeta - Quando vejo esta obra, vejo assim: O ser humano diante da fábrica. Vejo a questão social, do ser humano escravo da fábrica, do desdentado. Não tem ninguém feliz. O que esta fábrica faz com a vida da gente? O homem vivia na natureza, guiado pelo sol, hoje em dia é o relógio, o apito da fábrica, a exploração; - Flores do Campo - Uma coisa bem mecânica; - Flor de Mel - Tecnologia; - Violeta - A gente quer tanto progresso, mas aonde o progresso está levando a gente? Nós somos felizes? Trabalhar manhã, tarde, noite, levantar cedo. - Na Bienal que fomos em	- Diversidade; - Trabalhadores; - Meio Ambiente; - Poluição do ar; - Questão social; - Escravidão; - Tecnologia; - Progresso; - Capitalismo; - Consumismo; - Perfilados.	- Todas - Os operários da Tarsila; - Flores do Campo - Sieriação; - Flor de Mel - Retratos; - Orquídea - Prédios; - Chaminés; - Flores do Campo - Linhas; - Ler a obra.	- Leitura de Imagem

	Porto Alegre, o professor falou das benfeitorias. Eu não consegui ver benfeitoria, via um monte de gente sentada no paralelepípedo, fumando esperando a fábrica abrir. Aquilo ali é felicidade? Isto é progresso? O que o capitalismo faz com a nossa vida? - Flor de Mel - Se você olhar aquela obra e trazer para a realidade de hoje...o que estamos fazendo? Não estamos parando para pensar, não estamos parando para admirar as coisas; - Violeta - Eu postei hoje de manhã no facebook uma imagem que mostrava assim: As aventuras do homem, do trabalhador moderno. Aí mostrava o cara: dormindo, o despertador, ele indo para o trabalho, outro quadrinho ele na frente do computador, indo para casa, dormiu. - Flor de Mel - Essa é a nossa vida, rotina. - É contra quem isso tudo? Para o povo? Nós estamos deixando alguém rico, somos escravos, sobrevivemos; - Margarida - O consumismo, a gente também, às vezes, se torna escravo, por que passa a comprar, comprar e precisa trabalhar; - Orquídea - É um vício; - Violeta - Às vezes você nem pode aproveitar o que comprou e daqui a pouco já está trocando para se atualizar; - Você não pode sentar na frente e aproveitar, você tem que trabalhar; Amor-Perfeito - Todos infelizes; - Violeta - Quem está feliz aqui? Ninguém; - Tulipa - O olhar deles, tem olheiras tristeza; - Amor-Perfeito - Têm uma criança, a gente vê ali, menino, sério; - Violeta - São pessoas que estão seguindo na mesma direção e não tem ninguém discordando de ninguém ali. Olha o rosto deles; - Flor de Mel Passa de geração para outra; - Tulipa Perfilados, parece que estão numa ordem padrão;			
	- Violeta	- Questão	- Azálea	- Leitura de

Figura 3 — O Beija-flor 2008  Fonte: carolnasserstore (2012)	- É bem a questão ambiental; - Desmatamento; - O peixe só tá na cabeça, quem sabe na memória; - Margarida - As casinhas empilhadas - A questão do lago; - Amor-Perfeito - A água acabou; - Azálea - Olha as casinhas, uma ao lado da outra, sem espaço para nada; - Violeta - Como a gente vive hoje; - Tulipa - A moça com a cabeça parece o Beija Flor; - Azálea - Ali tem...O que é aquilo que ele está segurando? Parece uma pessoa. - Flores do Campo - É um megafone; - Azálea - tem um rosto e uma cabeça oca; - Tulipa - Mas ele tem rosto, na realidade é um megafone - Azálea - É alguém que está falando por ele, ele age no impulso dos outros.	ambiental; - Desmatamento - Escassez de água; - Falta de espaço.	- É os GEMEOS; - Proporção irreal; - Violeta - As cores do povão lembram o pessoal do nordeste, pés descalços.	Imagem
Figura 4 — Café 1935  Fonte: blogdaresistencia (2012)	- Violeta - Exploração, Capitalismo; - Percebe-se outros rostos; - Violeta - Aquela era urbana; essa, rural; - O sentido é o mesmo; - Tulipa - Aí tem padrão das pessoas que trabalham; - Lá tinham várias pessoas, vários rostos, várias raças; - Trabalhador mesmo, aquele do tempo da escravidão, negro; - Flores do Campo - Relata o mesmo sentido; - Porque aqui esta como escravo, voltado pro negro, lá no da Tarsila, o operário é escrevo da mesma forma. - Azálea - Outra coisa o homem, olha o tamanho dos braços dele, cabeça; - Margarida - Colhendo café; Terra; - Flor de Mel - Tem um homem ordenando; - Tulipa - É verdade; - Violeta - Olha o tamanho dos pés, cabeça pequena. - Tulipa - Não precisam pensar ter opinião própria, eles precisam trabalhar.	- Exploração; - Paisagem urbana e rural; - Desmatamento; - Alimento; - Falta de água; - Consumo.	- Essa é de Portinari; - Margarida - Perspectiva; - Violeta - Cores: Cinza, marrom, amarelo; - Flores do Campo - Linhas; - Amor-Perfeito - Formas; - Flor de Mel - Volume.	- Leitura de Imagem

	- Flores do Campo - Estão acabando com as matas para fazer pasto e plantação de soja, milho e outras coisas. O pinus que acaba com a água; Violeta Outra coisa também, não tem mais proteção da mata ciliar que é muito importante para não secar a água, porque não tem mais o que cortar; - outra questão que não mostra, mas me toca bastante; Não se produz mais milho para o alimento, mas para o combustível, para se produzir mais. A gente precisa comer. O que vamos comer depois? Pó? Pó com sabor disto, pó com sabor daquilo, não é verdade? -É o consumo. - Amor-Perfeito -Os transgênicos tomaram conta, ninguém mais produz -Deixa eu falar que eu entendo disso, não dá para replantar, ela foi modificada em laboratório. Para que o pequeno... - Flores do Campo - Ela estraga bem mais rápida; Amor-Perfeito -Antigamente, você plantava e tirava a semente para plantar no outro ano, agora vende tudo. Não tem escolha.			
Figura 5 — O Reino Pacífico – Cerca de 1840  Fonte: es.wikipedia (2012)	- Violeta - Todos vivendo em harmonia, o ser humano e o meio ambiente. - Flor de Mel - Lá no fundo um grupo restrito; - Margarida -Os adultos e as crianças convivendo com o meio ambiente, os animais mais harmoniosos; - Flores do Campo - Relata aquilo que você falou que a educação que nossos pais tiveram não era tanto de cuidar de proteger. Hoje não, a gente já conscientiza bem mais as crianças a não jogar lixo no chão e eles aprendem; É como um professor, não é dessa Universidade, que disse: A gente como professor é plantador de tâmaras. Você planta mas não vai ver a fruta, vai demorar cem anos para dar o primeiro fruto. É como ele disse —Você não pode desanimar porque você está plantando; - Flor de Mel - Outra questão é dos animais. Animais extintos. As	- Harmonia; - Ser humano e meio ambiente; - Educação Ambiental; - Animais extintos.	Violeta -De quem é? -É o Paraíso? - Não conhecia; - Proporção; - Predomínio; de cores frias.	- Leitura de Imagem

	florestas não existem mais. - Violeta - Lá traz o grupo é adulto; - Flores do Campo - Só que lá tem índios e portugueses, não sei se estão unidos; Violeta - Olhando para querer devastar tudo; - Azálea - Tem outros chegando; Violeta - Vão explorar, não vão deixar; - Amor-Perfeito - Percebe-se que os animais são selvagens. Hoje você não vê animais assim.			
--	---	--	--	--

Fonte: Dados da Pesquisa (2012)

APÊNDICE E — Resultados do Grupo Focal Tarsila do Amaral — Produção Artística

Quadro 3 — Resultado da Produção Artística do Grupo Focal Tarsila do Amaral

Produção Artística				
Produção Artística Das Acadêmicas	Sustentável		Insustentável	
	Aspectos Ambientais	Aspectos Artísticos	Aspectos Ambientais	Aspectos Artísticos
Figura 1 — Produção Artística  Fonte: Amor-Perfeito (2012)	- Ambiente Natural - Animais - Árvore - Grama - Solo - Ar	- Paisagem Natural - Estilização - Cores Frias - Lápis de Cor	- Interferência Humana - Lixo - Animais - Poluição do Ar - Poluição da água	- Paisagem Urbana - Luz e Sombra - Lápis 6B
Categorias	Biocentrismo	Representação	Antropocentrismo	Representação
Figura 2 — Produção Artística  Fonte: Azálea (2012)	- Ambiente Construído - Vegetais - - - Árvores - - - Grama - Água - Montanha	- Paisagem Marítima - Luz e Sombra - Lápis 6B	- Ambiente Construído - Interferência Humana - Planta - Solo	- Paisagem Urbana - Luz e Sombra - Perspectiva - Lápis 6B
Categorias	Biocentrismo	Representação	Antropocentrismo	Representação

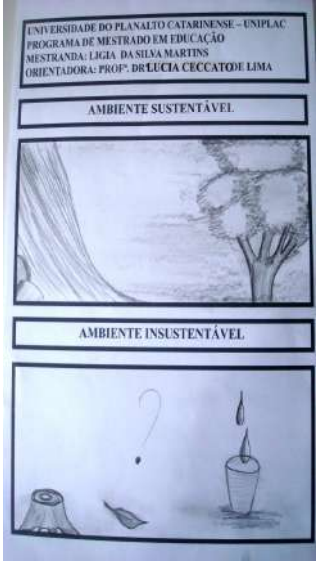
Figura 3 — Produção Artística  Fonte: Flor de Mel (2012)	- Ambiente Natural - Vegetal - Rocha - Terra - Água	- Paisagem Natural - Luz e Sombra - Lápis 6B	- Interferência Humana -Desmatamento - Extinção de vegetais (folha) - Escassez de água (duas gotas)	- Composição abstrata - Luz e Sombra - Lápis 6B
Categorias	Biocentrismo	Representação	Antropocentrismo	Representação
Figura 4 — Produção Artística  Fonte: Flores do Campo (2012)	- Ambiente Natural - Energia = Sol - Animais - Plantas - Ar - Água - Solo	- Paisagem Natural -Perspectiva -Predomínio das cores Frias - Proporção - Giz Pastel	- Ambiente Construído - Interferência Humana - Degradação Ambiental - Ocupação à Beira do Rio - Poluição do Ar, Água e do Solo - Lixo - Insistência de sobrevivência de grama.	- Paisagem Urbana - Cores Frias - Proporção - 1º e 2º Plano - Giz Pastel
Categorias	Biocentrismo	Representação	Antropocentrismo	Representação

Figura 5 — Produção Artística  Fonte: Margarida (2012)	- Ambiente Natural - Grande Área Verde - Vegetais - Ar - Solo	- Paisagem Natural - 1º e 2º Plano - Cores Frias - Proporção - Lápis de Cor	- Interferência Humana - Desmatamento - Ar Poluído - Aridez solo - Lixo de atividades humanas	- Paisagem - 1º e 2º Plano - Cores Frias - Proporção - Lápis de Cor
Categorias	Biocentrismo	Representação	Antropocentrismo	Representação
Figura 6 —: Produção Artística  Fonte: Orquídea (2012)	- Ambiente Construído e harmônico com a presença humana - Lazer - Energia = Sol - Animais - Plantas - Flores - Árvores - Água - Ar - Solo	- Paisagem Urbana - Cores Quentes e Frias - Proporção - 1º e 2º Plano - Giz Pastel	- Interferência Humana - Intensidade solar - Árvore caída - Desmatamento - Água poluída e pouca - Lixo na água e no solo - Animal sozinho e sofrendo - Solo degradado	- Paisagem Urbana - Giz Cera - Predomínio de cores frias - Giz Pastel
Categorias	Biocentrismo	Representação	Antropocentrismo	Representação

Figura 7 — Produção Artística  Fonte: Tulipa (2012)	- Ambiente Natural - Energia = Sol - Animais - Árvores - Grama - Solo - Ar - Água	- Paisagem Natural - Estilização - Cores Frias - Lápis de Cor - Giz cera	- Ambiente Construído - Interferência Humana - Lixo - Animais - Poluição do Ar - Poluição da água	- Paisagem Urbana - Estilização - Cores Frias - Lápis de Cor - Giz cera
Categorias	Biocentrismo	Representação	Antropocentrismo	Representação
Figura 8 — Produção Artística  Fonte: Violeta (2012)	- Ambiente Natural - Energia = Sol - Plantas - Flores - Árvores - Solo - Água - Ar	- Paisagem Natural - Predomínio das Cores Frias - Estilização - Solo - Giz Pastel - Caneta Hidrográfica	- Poluição - Degradação ambiental	- Abstrato - Cores (manchas) - Giz Pastel
Categorias	Biocentrismo	Representação	Antropocentrismo	Representação

Fonte: Dados da Pesquisa (2012)